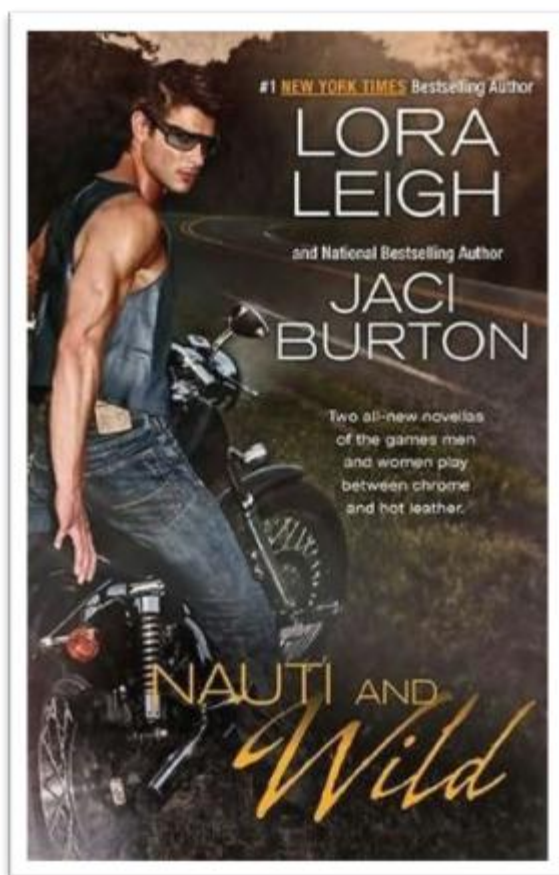




Beijos travessos

Lora Leigh

Nauti Boys 06

Antologia Nauti and Wild

O último livro Nauti é dedicado aos fãs e leitores da série que me pediram apenas mais um. O final da série, para todos vocês.

O irmão de Rogue, John Calvin Walker Júnior, mudou-se para Lake Cumberland, Kentucky. E, enquanto procura um estilo de vida tranquilo depois de suas aventuras, sente falta de sua amada Sierra, a quem conhece desde que nasceu e que é quase da família. Quando ela é atacada por um perseguidor em Boston, o pai de John, que é padrinho de Sierra, pede ao filho para mantê-la a salvo. E Sierra deixa claro que está furiosa com John por ele tê-la abandonado.

REVISÃO EM INGLÊS

Envio do arquivo: Gisa

Revisão: Ana Mota

Revisão Final: Lucilene

Formatação: Gisa

Tiamat - World





Comentário da Ana Mota: Gostei muito do final, liliindo! Se vocês fossem a Sierra, o que fariam depois do final do prólogo? Ah, por que eu não acho um homem como o John por aí...?"

Comentário da Lucilene: Bem, se um John for encontrado, vai dar briga, porque eu quero!!! História muito boa, gostei. Bem no estilo Lora de escrever.

Prólogo

Há horas na vida de um homem que permanecem indelevelmente impressas em seu cérebro por uma razão ou outra. Eventos que abrem a janela de um canto escuro e sombreado de sua alma e revelam as verdades que ele procura dentro de si mesmo a vida toda.

Esse dia chegou para John Calvin Walker Júnior.

Ele havia acordado naquela manhã com o conhecimento de que a vida não tinha mais desafios. Ele tinha um emprego na firma de advocacia do pai no qual era muito bem sucedido. Sua noiva era a socialite perfeita, anfitriã primorosa e também uma advogada considerada das mais bonitas e bem sucedida de Boston. Mas ela era tão sentimental, compassiva e apaixonada quanto um monte de barro.

De acordo com a noiva, ele precisava achar um passatempo para substituir suas inclinações sexuais demasiadas. Isso, vindo da mulher que havia passado a maior parte do primeiro mês que eles começaram a ficar juntos deixando-o exausto na cama.

A paixão mingou, lentamente a princípio, e agora, seis meses mais tarde, ela pensava que ele precisava de um passatempo.

A vida dele tinha virado um inferno. Ou talvez, apenas agora ele estivesse percebendo que a vida podia ser muito mais. O quê mais, ele ainda não havia decidido. Como lidar com as complicações, ele não havia decidido ainda. Mas de uma coisa ela estava certa, a inquietude dentro dele era crescente ao ponto de estar se tornando uma dor.

Enquanto ele estava sentado na frente dela no restaurante italiano favorito dela e fingindo escutar o delírio dela sobre um dos projetos de caridade dele, ele percebeu que algo estava mudando dentro dele.

Aceitar era outra questão. Lidar com isso seria mais duro. Enquanto ela falava, ele deu uma olhada para o garçom. Ele era um bom homem, John pensou, e os havia atendido vezes o suficiente para saber o que ele queria. Em poucos minutos haveria uma garrafa de uísque discretamente em seu cotovelo apesar do olhar desaprovador de Marlena.

Ela não gostava que ele bebesse uísque. Ela não gostava dos amigos com os quais ele se



associava, e ele estava começando a se perguntar se ela gostava de alguma outra coisa nele além do sobrenome Walker e a fortuna que o pai dele havia construído por três décadas. Essa fortuna, adicionada a herança de séculos dos Evanworth por parte de mãe, o lado de Brianna, fazia de John um partido impressionante, e ele sabia disto.

Não tinha nada a ver com ele, pessoalmente, e John estava começando a suspeitar que para Marlena, era a fortuna em vez do homem o que a atraía.

—Acho que está na hora de irmos— Marlena anunciou enquanto ele terminava uma segunda dose de uísque.

Ela deu uma olhada rápida em torno do restaurante, dirigindo sua atenção para uma mesa com mulheres jovens dando risadinhas ao celebrarem o compromisso recente de uma delas.

Marlena olhou para elas como se algo não cheirasse bem.

—Temos que achar outro restaurante, querido. Este aqui está começando a aceitar uma clientela menos desejável.

John olhou.

—Parece normal para mim. — Ele encolheu os ombros.

As jovens na mesa próxima eram frequentadoras assíduas, não apenas um grupo que aparecia de vez em quando. Ele poderia jurar que já havia visto os mesmos rostos todas as noites em que eles comeram lá.

—Contanto que você não as dê nenhuma atenção. — O nariz delicado dela ergueu desdenhosamente. As linhas estreitas eram afiadas, muito finas, quase dando a ela a aparência de um roedor.

John estreitou os olhos. Ele tinha viajado por algumas semanas; será que ela havia operado o nariz naquele tempo? Ele não podia se lembrar dele sendo tão estreito antes.

Movendo a cabeça para o garçom, ele indicou que eles haviam acabado, sabendo que o seu cartão de crédito teria uma quantia exorbitante cobrada em minutos.

Enquanto eles se moviam pelo salão de entrada luxuoso, a mão dele foi para as costas de sua noiva. Um segundo mais tarde a mandíbula dele cerrou e a mão caiu quando ele a sentiu enrijecer.

Tão apaixonada quanto gelo. Inferno. Talvez aquele segundo uísque não tivesse sido uma boa ideia, porque o temperamento dele estava começando a acordar.

—Oh, querido, não olhe, mas aquela petulante da Sierra está aqui. — Havia uma pontada de raiva em seu tom. —E esse não é o seu amigo Gerard?

John sentiu a mandíbula apertar à vista de Sierra Lucas, esbelta, quase mística na aparência, os cachos longos e espessos caindo como uma cascata pelas costas.

O vestido de seda branca que ela usava mostrava suas curvas. Os seios fartos e atrevidos estavam obviamente sem sutiã e muito tentadores. Enquanto ele a assistia, os mamilos minúsculos endureceram notoriamente na mesma proporção em que o pau dele espessava. Maldição, ele a havia conhecido por toda a vida. Esta reação estava ficando irritante.

Ele realmente não deveria ter bebido aquela segunda dose de uísque.



—John. — O sorriso de Gerard era frio como sempre enquanto seu olhar ia para Marlena. — Não o vejo faz tempo. Essa é a sua adorável noiva da qual ouço tanto falar?

John avançou. Nos três meses em que ele e Marlena estavam comprometidos, ele ainda não a havia apresentado ao amigo que seria o padrinho dele no casamento.

E então Sierra abriu a boca.

—Você devia saber, Gerard, já que ela é a mesma mulher que eu vi deixar a sua casa todas as manhãs nas últimas duas semanas.

Foi então que John viu a dor furiosa e a raiva nos olhos cor de lousa cinza de Sierra enquanto ela encarava Marlena e Gerard enquanto andava para trás lentamente.

Os olhos de John se estreitaram, as entranhas apertando em suspeita.

—O que você acabou de dizer, Sierra?

O que bateu mais rápido do que as palavras foi o fato de que nem Marlena ou Gerard estavam negando. Culpa chamejava nos olhos de ambos.

—Meu Deus, essa pequena vagabunda tem nervos— Marlena murmurou finalmente. — Onde está o responsável dela?

Gerard estava assistindo John. Era uma coisa muito boa, John pensou, porque ele não estava certo de qual seria sua própria reação. Era uma pontada de alívio misturada com a raiva súbita de que seu melhor amigo e sua noiva estavam mentido para ele. Mentindo. Enganando-o como se ele fosse muito estúpido para eventualmente não perceber?

—Por que você estava na casa do Gerard?— Ele perguntou. —Você me disse que não o conhecia.

—Francamente, John, estas coisas não devem ser discutidas em público. — Os olhos azuis frios se estreitaram para ele. — Suas raízes estão aparecendo, querido. Um casamento como nosso não necessita de tais respostas.

Um casamento como o deles? De onde diabo havia surgido a ideia nela de que o casamento deles seria diferente de qualquer outro casal?

—Uma ova que não precisa. — Ele estava ciente dos olhares dos outros clientes neles. A fome sutil com que eles cheiravam a fofoca succulenta pronta para brotar. —Se você e a porra do meu melhor amigo se encontram, então é uma ótima hora para discutir isto.

Os olhos de Marlena arregalaram.

—Que inferno, John— Gerard murmurou, olhando ao redor embaraçado. —Acordos de negócios não incluem ciúme.

—Acordos de negócio?— A fúria estava começando a envolvê-lo.

—Bem, certamente você não pensou que era uma junção de amor— Marlena disse lentamente. —Seu dinheiro, minha família. Uma relação apaixonada não tem a ver com isso.

A família dela? O pai dela não tinha merda nenhuma se comparado ao sucesso financeiro do pai dele. Ela honestamente havia acreditado que o nome Genoa tinha alguma vantagem para ele?

—John. — E havia Sierra, se aproximando, a mão minúscula apertando seu braço. —É o lugar errado para lutar. Você não quer testemunhas quando você os matar, certo?



Ele quase riu. Inferno, ele estava quase se divertindo enquanto olhava fixamente para o rostinho sombrio dela.

—Tenho um bom advogado— ele a prometeu em um sussurro alto. —E a capacidade de reaver a minha honra levará muito tempo.

Erguendo o olhar, ele assistiu enquanto Marlena e Gerard iam para trás.

—O que há, Gerry, amigão? Você não tem tanto dinheiro quanto eu?

Gerard estremeceu; os dois sabiam que ele não tinha.

—Fodam-se vocês dois— ele rosnou. —Pode devolver o anel, ficar com ele ou jogar fora, foda-se que eu não me importo. Agora eu sei por que hesitei em te dar o anel de família da minha mãe. Você não merece nem fodendo.

Marlena ofegou em afronta, os lábios separando para dar a ele o que ele estava certo de que seria uma réplica mordaz quando ele deu as costas para ela e foi embora.

—Vá para casa, Sierra. Você fez a sua boa ação do dia— ele grunhiu para ela enquanto chamava um táxi e então abria a porta quando um parou ao lado dele.

—John. — A mão dela estava em seu braço novamente. Os mamilos dela estavam apertados e duros contra o vestido. Inferno, havia dias em que ele desejava que ela não fosse a sobrinha do pai dele. Era muito duro não dar a ela a foda que ele queria desde que descobriu o quão facilmente poderia tê-la.

—Lidarei com você mais tarde, sua encenqueira— ele retrucou enquanto ela puxava a mão para trás. —Até lá, fique fora do meu caminho.

—Você tinha o direito de saber, e ela não tinha nenhum direito de mentir para você. — Ela mordeu o lábio, raiva e convicção brilhando nos olhos, junto com lágrimas.

—Não é fácil mentir para mim— ele a informou nitidamente. —Porra, Sierra. Vá brincar com os seus namoradinhos artistas e me deixe em paz.

Ele entrou no táxi e depois bateu a porta, a visão do rostinho pálido e sério dela estava em sua visão periférica enquanto o táxi ia embora. Dando ao motorista o endereço de sua cobertura, John se encostou no banco e fechou os olhos brevemente.

Inferno. Ele deveria ter sabido que ela o estava enganando. Deveria ter sabido o tempo todo que essa relação não era nada além de fingimento. Pelo ano e meio que eles estavam juntos, nenhuma vez ele havia sentido o que sabia que deveria ter sentido vindo de Marlena. Não havia nenhuma profundidade, nenhuma paixão. Ele havia se convencido de que as coisas mudariam quando eles se casassem. Ele deveria ter sabido que quando a mãe dele reagiu tão friamente à notícia do compromisso dele que algo estava errado.

Quando ele entrou na cobertura meia hora mais tarde, foi diretamente para o bar. Ele estava fazendo isso cada vez mais ultimamente, ele pensou. Indo diretamente para o bar no minuto em que entrava pela porta.

Ele tinha feito isto nos últimos três meses.

O que o havia assegurado de que casar com Marlena era uma boa ideia?

Oh, sim. Ela era fria. Tranquila. Exigia pouco dele e dava menos ainda. Ele foi até o uísque.



Às vezes, um homem apenas precisava de um pouco de coragem falsa para fazer as decisões que sabia, há anos, que estavam por vir.

Era por isso que ele havia pedido a Marlena para se casar com ele. Um último esforço de se ajustar à vida que ele havia nascido para viver, à sociedade que era parte de seu direito inato.

A família da mãe dele havia sido parte integral da sociedade de Boston por mais de duzentos anos. Seu sobrenome poderia ser Walker, mas era o Brahmin de Boston de sua mãe que o havia dado carta branca no mundo em que vivia.

Era um mundo que ele estava deixando.

Ele aceitou o que sentia há algum tempo. Ele podia ter nascido neste mundo, mas era um que ele se achava incapaz de aceitar agora.

Estava na hora de ir.

O uísque queimou o caminho até o estômago enquanto ele inalava o calor lentamente.

Inferno, ele não tinha nenhum direito de atacar Sierra como tinha feito. Ela era muito protetora, e não era como se ele não tivesse feito a mesma coisa por ela quando havia pegado seus amantes a enganando no passado.

Ele sempre havia tomado conta dela, especialmente quando ela estava envolvida com pessoas que ele não aprovava.

Ele bebeu outro gole da bebida cara. Era culpa dele mesmo.

Ele teve reservas suficientes ao pedir Marlena em casamento e por isso não havia pedido a mãe seu anel de compromisso de família para dar a ela. Ele deveria ter sabido quando não deu a ela a maldita aliança que algo estava errado.

Um casamento de conveniência. O dinheiro dele pelo nome dela. Como se a família dele precisasse da porra do nome dela. A linhagem nobre da mãe dele havia aberto as portas para ele quando o venerado nome Genoa nunca abriria.

Enquanto bebia mais, uma chave virou na fechadura e a porta abriu devagar. Puta que pariu, ela não desistia, não é?

Marlena entrou no hall de entrada, o nariz erguido com arrogância altiva.

Ela definitivamente havia feito uma cirurgia no nariz e ele não tinha se importado o suficiente para notar antes.

—Precisamos conversar sobre isto. — Quadril erguido, nariz também, pose firme e superior.

— Quando você operou o nariz? — Ele estreitou os olhos.

Surpresa ficou clara nos olhos azuis pálidos dela.

—Meses atrás.

Ele encolheu os ombros.

—Não temos merda nenhuma para conversar. Pegue as suas coisas e saia ou eu as enviarei para você amanhã.

—Francamente, John, você age como se não tivesse nenhuma pista do que estava acontecendo. — Ela fungou friamente. —Você deveria ter percebido. Como pervertido que é, realmente acredita que alguma mulher decente, de classe, vai querer qualquer coisa além das suas



contas bancárias?

Ele deixou o olhar se mover lentamente pelo corpo magrelo dela.

—Você foi uma porcaria de prostituta então.

Os lábios dela afinaram enquanto ela tirava a aliança e a colocava calmamente na mesa antiga próxima a ela.

—Muito bem, então, se é assim que você se sente. Quando estiver sóbrio, você me ligará.

—Não aposte o seu nariz— ele grunhiu. —Dê o fora daqui, Marlena, antes que eu diga algo que me fará lamentar.

—Sem dúvida você irá— ela suspirou. —Francamente, John, você deveria fazer algo sobre aquela exibição sórdida. Só porque você vem de uma linhagem caipira, não quer dizer que deve viver de acordo com a sua origem.

—Muito melhor do que a sua linhagem — ele a informou sarcasticamente. —Divirta-se com Gerard. Talvez ele goste da rainha do gelo.

Os lábios dela curvaram.

—Ele não tem a rainha do gelo, querido. Eu fui lá por diversão. Você era por responsabilidade.

—Sorte dele— ele disse lentamente. —Agora vá arruinar a vidinha perfeita dele.

A risada dela dava nos nervos dele enquanto ela girava e saía por onde veio. Maldição. Por mais aliviado que ele estivesse pelo fim do compromisso, o gosto da traição ainda estava amargo na boca. Seu melhor amigo e a sua noiva. Que clássico, não? Clichê o suficiente para arrancar um riso zombeteiro dele.

Ele olhou fixamente para o uísque e então despejou mais outra dose.

Ele mal havia acabado de beber quando, puta que pariu, a porta foi aberta novamente. Ele seriamente teria que pegar de volta as chaves que havia dado da cobertura. Isto estava saindo de controle.

O lugar era como a porra da estação central de metrô hoje à noite, e ele estava cheio disto. E lá estava ela.

A pimentinha.

A diabinha. O tormento de sua vida.

Jovem demais, mas com muita vantagem em experiência.

Ela andava com amigos promíscuos há anos. Amigos que não tinham nenhum problema em alardear os privilégios que ela permitia.

Ele não os culpava. Inferno, ela era uma mulher bonita. E era quase família. Esse era o problema. Ela era “quase” família. Isso o atormentava, porque ele estava querendo exatamente o que ela havia dado para aqueles homens. Ele queria isso e mais. Tão mais que ele se mantinha o mais longe possível dela.

Mas ele não podia falar nada dela. Inferno, ele havia feito pior em sua vida sexual no passado, mas queimava suas entranhas por ele não ser um dos sortudos. Isso era muito brutal.

—Vá para casa, Sierra. — Ele estava muito bêbado para isso. Ele tinha a vida bem planejada,



e por mais que sentisse alívio pelo compromisso estar terminado, ainda assim, tinha sido um plano, e ela havia fodido tudo. E ele estava apenas bêbado o suficiente para que suas capacidades lógicas não estivessem no seu mais forte.

—Não quero que você me odeie. — Ela era mais valente do que Marlena. Ela realmente entrou e o enfrentou corajosamente.

Com os seus mamilos duros.

Com os seus lábios luxuriantes e olhos cinza, cor de lousa, famintos.

—Por que diabo você tinha que fazer disso um problema seu?— Ele rosnou.

A mesma razão pela qual ele teria feito da conta dele, claro. Estava acontecendo, estava errado, e eles eram amigos. Próximos. Eles desejavam um ao outro, e os dois lutavam contra isto.

—Porque eu me importo com você— ela sussurrou. —Você é meu amigo, John. Quando Gerard me chamou para ir ao restaurante, eu sabia que ele estava fazendo isso porque a sua mãe me disse que você e a Marlena supostamente estariam lá hoje à noite. Eles iriam mentir na sua cara. Eles estavam esfregando isso na sua cara, e eu odiei isto.

As mãos dela estavam apertadas firmemente juntas, sinceridade e aquela maldita fome chamejando nos olhos.

—Palhaçada— ele retrucou. —Você não é uma porra de uma amiga, Sierra. Os amigos se regozijam mais tarde, eles não dão a mínima se você comete um engano, como você está fazendo.

Ele deveria saber. Ela seria o único tipo de amigo que ele já teria. Os lábios dela afinaram. Ele gostava mais da aparência dela luxuriante.

—Então se case com ela agora— ela retrucou com raiva. —Se você está tão puto comigo, fique de joelhos e implore que ela volte para você. Estou certa de que ela ficará mais do que feliz se você implorar.

—Foda-se, Sierra!— E apenas Deus sabia o quanto ele queria fodê-la.

O pau estava batendo, duro e desesperado. Ela sempre o afetava assim, e agora o álcool estava apenas intensificando tudo. Ele nunca havia bebido perto de Sierra por essa razão. Porque ferrava totalmente o autocontrole dele.

—Por que você se importa?— Ele não podia negar que doía. Ninguém mais teria dito a ele, e ele conhecia Gerard. Gerard não havia escondido nada de ninguém, exceto isso de John. E de todos seus supostos amigos - apenas Sierra havia ousado revelar a verdade de uma forma que nem Marlena nem Gerard poderiam negar.

—Porque eu me importo com você, bobo— ela disse exasperada. —Tenho que enfiar isso na sua cabeça?

Era mais. Ele havia visto nos olhos dela no restaurante e via agora.

Ele via algo que não queria ver. Ia além de uma consciência sensual ou desejo. Ia além do que ele quis ver no passado.

—Você está com ciúmes— ele a acusou suavemente, a verdade batendo-o no rosto. —Você acha que está apaixonada por mim? Perdeu a cabeça, Sierra?

A incredulidade ecoava na voz dele mesmo enquanto pulsava por sua mente. Ele não havia



visto antes. Por que ele não havia visto aquela emoção nos olhos dela antes?

—Estou apaixonada por você há muito tempo. — A voz dela estava cascuda agora, os olhos reluzindo com umidade. Com lágrimas. Porra, ela não iria chorar por causa dele.

—Não se atreva a chorar. — Ele se moveu para ela, puxando-a contra ele.

Grande erro, mas ela estava lá, contra ele. Tão jovem e tão minúscula. E ele estava com fome dela. Uma fome que pulsava dentro dele há muito tempo, queimando suas entranhas e o atormentando. Ele não queria isto, não com Sierra. Com a única pessoa em sua vida que ele havia contado como um amigo.

—Eu não queria isso com você— ele grunhiu para ela baixo. Ela era muito suave para o que ele queria e ele sabia disto. Muito vulnerável, ainda que fosse experiente o suficiente. Mas ele estava bêbado. E estava duro por ela. E já lutava há muito tempo.

—Por quê?— A vulnerabilidade naquela única palavra atingiu o coração dele. Como se ele tivesse quebrado todos os sonhos dela, toda a esperança. —Por que não eu, John?

—Porque, droga, eu não queria machucá-la.

Ele não deu a ela a chance de replicar. A cabeça abaixou, os lábios tomaram os dela depressa, abrindo as curvas luxuriantes enquanto ele deslizava uma mão nos cachos revoltos que cercavam o rosto dela e agarrou as mechas suaves e a segurou para ele.

Os cachos sedosos envolveram os dedos dele enquanto ele a abraçava. Como mechas vivas de calor, acariciaram sua carne.

O gosto dela, a adrenalina e a fome correndo pelas veias, apenas o deixavam mais bêbado. Bêbado dela. Ele sabia que tocá-la seria arriscado, e certo.

Rosnando com a onda de luxúria o rasgando, ele soltou o copo vazio para o chão e agarrou a alça fina do vestido dela para arrastá-lo pelo braço. Foi apenas um pouco. Ele não conseguia achar o zíper. Não estava atrás. Ele não queria procurar por ele.

O som do tecido rasgando não o perturbou; o que ele fez foi dar a ele a entrada para o corpete do vestido dela e as curvas inchadas dos seios, os mamilos apertados e duros.

—John?— Prazer e confusão enchiam a voz dela agora. —Oh, Deus, John, o que você está fazendo?

Que diabo ela pensava que ele estava fazendo? Dando a ambos o que eles desejavam.

Os lábios dele deslizaram pelo pescoço dela, movendo para os mamilos apertados. A sensação deles contra a língua fez um gemido rasgar do peito dele.

Chupando um, ele o banhou com a língua e o amou com a boca enquanto ele abaixava a mão novamente, desta vez para a calça dela.

Se ele não soltasse o pau logo, ficaria louco. Apertado contra o zíper de suas calças, exigia ser libertado. Como uma besta voraz, pulsava em sua prisão, exigindo atenção silenciosamente.

Exigindo sua boca, seus dedos, as dobras luxuriantes, quentes e molhadas de sua boceta. Ele gemeu com o pensamento de fodê-la. Bombear dentro dela, fundo, duro, sentindo o tecido aquecido ondulando em volta de seu pau.

Enquanto ele soltava o mamilo, os lábios foram para trás.



A mão dele apertou no cabelo dela enquanto o olhar dele se concentrava nos lábios dela e ele a puxou para baixo.

Deus, ele queria aquela boca em seu pau. A língua correndo sobre a crista bulbosa, os lábios a cobrindo, a boca o chupando pelo lado de dentro.

Ele queria com uma fome que nunca tinha sentido por qualquer coisa antes. Ele havia perdido toda a razão, toda a lógica. A objetividade era simplesmente uma coisa do passado. Nada existia agora além de ter o pau naquela boca.

Sierra perdeu a respiração com a demanda muda no rosto dele, no olhar, enquanto ele a arrastava mais para baixo. Ela sabia o que ele desejava. Com uma mão ele agarrou os dedos dela e os arrastou pelo comprimento pesado de seu pênis enquanto o empurrava da abertura de sua calça comprida. A crista longa, espessa e pesada estava escura e vermelha. Pulsava, brilhando com umidade, e fez com que a boca dela salivasse com o pensamento de ter o gosto dele. Os dedos dela não conseguiram envolver a largura de carne pulsante, como seda sobre ferro que aqueceu a palma da mão dela e a fez doer de desejo.

Ela podia sentir a boceta ficando mais molhada, mais quente. A dor entre as coxas, o clitóris endurecido, pulsando com necessidade de tocá-lo de modos que ela nunca antes tinha sentido.

—Eu sonhei com você chupando o meu pau— ele gemeu enquanto ela ficava de joelhos devagar diante dele.

—Por noites, Sierra. Tantas noites suando com o pensamento de ter você.

Ele não tinha nenhuma ideia do que estava fazendo com ela - não podia. Ele não tinha nenhuma pista de que ela nunca havia feito isto antes; tudo o que ele tinha eram os rumores e o fato de acreditar que ela fosse selvagem. Os rumores que ela sabia que ele acreditava - porque ele a provocava por causa deles. Sempre suavemente, sempre com afeto, mas sempre com um vislumbre de alguma emoção mais sombria nos olhos.

Ele acreditou, neles porém. O quão surpreso ele ficaria quando descobrisse que ela era uma virgem? Ajoelhada diante dele, os dedos acariciando a carne dura, ela engoliu firmemente, lutando para manter a mente clara o suficiente para dar prazer a ele. Apesar de que ela queria ir faminta nele. Ela queria perder a necessidade opressiva de simplesmente devorá-lo.

—Dê para mim, Sierra— ele exigiu, os olhos de um azul-violeta mais escuro, reluzindo com luxúria intoxicada. Os lábios estavam mais cheios, o rosto corado sob a carne escurecida, os olhos reluzindo. Ela nunca tinha visto tal necessidade, tal excitação em um homem antes. Devia assustá-la, mas esse era John. Esse era o homem que ela desejava desde que teve idade suficiente para perceber o que era desejar.

Ela estava tremendo ao ver a crista exigente, o peito apertando com excitação e medo. Ela nunca tinha tocado um homem assim antes. Ela realmente poderia fazer isto?

Inclinando para frente, ela tocou a ponta com a língua, lambendo a umidade que juntava na cabeça larga. O gosto salgado e tempestuoso dele explodiu contra a língua dela, e ela jurou que estava ficando tão bêbada quanto ele.

Os dedos dela acariciaram a seta espessa, e ela esfregou a língua sobre a cabeça enquanto



lutava contra o medo e a inexperiência. Ela queria memorizar este momento. Cada gosto, cada sensação, cada sensação.

—Maldição, Sierra, chupe-me. Deixe-me foder a sua boca antes que eu morra.

Os lábios dela separaram para ele, um gemido deslizou da garganta dele enquanto ele enchia aquela boca, correndo lentamente para dentro dela para queimar contra a língua.

Ela gemeu novamente. Os lábios apertaram enquanto ela começava a chupar a carne de ferro duro, excitação e fome erguendo dentro dela até que ela não sabia de mais nada.

A fome estava solta agora. Ela não tinha nenhum modo de controlá-la, nenhum modo de conter as necessidades que de repente a enchiam, inundando seu corpo inteiro.

Ela queria isto. Ela o queria, até que e sentiu como se estivesse morrendo por isto.

—Ah, sim— ele gemeu, prazer enchendo a voz, as mãos correndo no cabelo dela enquanto os quadris começavam a se mover. —Tão quente. Eu sabia que a sua boca seria doce e quente. Esses lábios lindos são como seda.

Os dedos dele apertaram no cabelo dela enquanto seu pau começava a se mover de um lado para o outro entre os lábios, no fundo da boca, quase até a garganta, enquanto ela lutava para aceitar o comprimento pesado.

—Relaxe, Sierra— ele disse rouco, a voz severa com luxúria. —Respire lentamente, amor. Leve-me mais fundo. Deixe-me ter você.

Ela havia lido sobre isto. Tinha até assistido. Ela podia fazer isto. Desta vez, com este homem que ela amava acima de tudo. Respirando pelo nariz, ela lutou para tomar a crista larga até a garganta, chupando, roçando a língua contra o lado inferior enquanto ele gemia em aprovação.

—Inferno, sim. — Ela podia ouvir o prazer na voz dele enquanto os golpes na boca aliviavam, ficavam mais rasos. —Olhe para mim, Sierra.

Ela lutou para olhar fixamente nele, os olhos alargando enquanto a ereção passava devagar pelos lábios desta vez. Prazer pulsado pelas veias, inundando o corpo. Ela era a mulher que sempre quis ter. Ela era a mulher dele. Neste momento, com esta fome, ela era sua mulher.

—Tão linda— ele gemeu. —Eu sonhei com isso, docinho. Sonhei fodendo você. Assistindo sua boca me tomando. Sentindo essa pequena língua má roçando no meu pau.

E ela estava roçando contra ele, lambendo. Ele tinha gosto almiscarado e de homem, e o efeito nos sentidos dela era devastador.

Enquanto o olhar parava no dele, ele abaixou a mão, agarrou a mão dela enquanto ela cerrava contra sua coxa dura, e moveu os dedos dela para a bolsa tensa entre as coxas dele.

—Toque-me aqui— ele exigiu, a voz áspera com fome. —Deixe-me sentir os seus dedos suaves, Sierra. Dê-me o que eu preciso.

Os dedos dela tremiam enquanto ela envolvia o peso dos testículos antes de acariciá-los em tentativa. Ela não podia acreditar que isto estava acontecendo. Finalmente, depois de tantos anos. Mas ela sabia que não podia durar. Ela sabia que quando a manhã viesse, qualquer lapso que ele estivesse sentindo do autocontrole seria depressa consertado. John não era nada, exceto controlado. Ele tinha um plano para a própria vida, e ela sempre havia sabido disso. Um plano que



nunca a incluía. Quando a manhã chegasse, ele se lembraria de seus planos. Mas Sierra sempre teria hoje à noite.

Ela não podia evitar. Ela estava desesperada por ele. Tão desesperada que queria criar tantas memórias quanto possível.

Acariciando a carne apertada, Sierra chupou a ereção, puxou a boca e deixou uma trilha com os lábios pela seta dura enquanto a língua chamejava. Ela se moveu mais para baixo, olhando-o fixamente, assistindo seus olhos azuis violeta escurecem mais enquanto a língua dela começava a chicotear ligeiramente suas bolas.

Um gemido severo e torturado rasgou dos lábios dele enquanto ele agarrava o cabelo dela, erguia a cabeça dela e empurrava o pau entre seus lábios uma vez mais. Fodendo a boca com golpes pequenos e apertados, mais duros, ele parecia um conquistador sobre ela.

—Vou gozar— ele gemeu. —Ah, inferno, docinho, dê-me a sua boca doce. Tome o meu pau, Sierra. Chupe, docinho. Lento e fundo... — Ele a fodeu mais fundo, e estremeceu.

A sensação do pau pulsando, dobrando, advertiu-a. A princípio, a advertência não foi clara, até que a mão dele apertou no cabelo dela, então o calor e o gosto tempestuoso do sêmen dele estouraram em sua boca e fizeram com que os sentidos dela arranhassem a cada sensação.

Os jatos eram quentes contra a língua. A voz dele era severa e baixa enquanto ele rosnava o nome dela quando ela engoliu o gosto luxuriante dele.

Ela queria apreciar isto, reviver cada segundo a medida que acontecia, mas John estava se movendo. Puxando-a, ele a ergueu, empurrou-a contra o sofá, e ficou de joelhos entre as coxas dela.

Antes que ela pudesse reagir ou até pensar em pará-lo, o vestido dela estava nos quadris e as mãos dele haviam rasgado a calcinha de seu corpo. Ele não hesitou assim que a carne dela foi revelada. Os lábios foram diretamente para a carne sensível e violentamente responsiva entre as coxas.

Então ele a beijou lá. Um beijo íntimo e quente contra as dobras de sua boceta, a língua chicoteando o clitóris, a sensação molhada e aveludada disparando cada terminação nervosa do corpo dela. Pontos luxuriantes e vibrantes de sensações incríveis correram junto à carne dela, fazendo seu corpo arquear e trazendo um grito estrangulado à garganta.

Ela nunca pensou que poderia ter isto.

Ela nunca acreditou que John a tocara assim.

Não era nada como ela havia imaginado que seria. Ela havia fantasiado, havia sonhado fazer isso com John, mas nem em sua imaginação mais selvagem ela soube como seria bom. Que haveria sensações em cada parte de seu corpo. Ela sentia calor dos dedos dos pés até o topo da cabeça. Ela sentia como se um fogo estivesse sendo remexido no centro de seu útero.

O prazer abrasava cada terminação nervosa que ele tocava. Calor rasgava por seu corpo. Os lábios e a língua acariciavam, lambiam, beijavam. A língua esfregava ao redor do clitóris, acariciando com fome sedosa enquanto destruía o equilíbrio dela e a deixava fora de controle.

Ela tinha que se segurar nele. Afundando os dedos no cabelo dele enquanto ele separava



mais as coxas dela, Sierra queria gritar o nome dele. Não havia nenhuma respiração para falar, muito menos gritar. Havia apenas oxigênio suficiente para sustentá-la enquanto o prazer tomava seu sistema como uma tempestade de fogo.

A língua dele era má, destrutiva. Os dedos separaram as dobras de carne enquanto a língua acariciava e corria, abrindo um caminho de êxtase pelo sistema dela enquanto ela tentava ficar mais perto.

A língua chamejava sobre a abertura, um rosar vibrou contra a carne dela enquanto ela clamava em prazer.

—Não. Não pare. — Ela agarrou o cabelo dele enquanto a cabeça erguia, apenas para soltá-lo enquanto ele se forçava para trás.

—É isto o que você quer, Sierra?— A mão dele agarrou o pau, colocando-o contra as dobras inchadas e molhadas de carne enquanto ele olhava fixamente de volta para ela.

—Por favor. — Ela estava tremendo, a necessidade era tão grande agora.

—Por favor o quê, docinho? Fodê-la como a linda encenqueira que você é? — A pronúncia dele estava indistinta apenas ligeiramente, se da bebida ou da luxúria, ela não estava certa.

—Por que, docinho?— Ele sussurrou enquanto se aproximava mais. —Por que você está aqui?— Havia algo oco e torturado no som da voz dele.

Sierra agitou a cabeça.

—Eu amo você, John. Sempre o amei.

Os quadris dele pararam, depois foram para dentro dela, uma explosão afiada de calor, prazer e dor lavou-a com a entrada dele e trouxe um grito aos lábios enquanto ele parava.

A cabeça dele caiu no ombro dela.

A princípio, Sierra não estava certa do porquê. Ele não a penetrou completamente, apenas o suficiente para trazer aquele grito afiado ao rasgar o véu da virgindade que ela possuía. Agora, ele estava mudo.

Porque ele havia desmaiado.

Sierra piscou para o teto, lutando apenas para respirar com a explosão sentimental e a dor incrível que a inundou.

Ele havia desmaiado. Como se este momento não significasse nada, porque ele nem ao menos havia lutado para ficar sóbrio o suficiente para se manter acordado.

As lágrimas desciam dos olhos dela enquanto ela olhava fixamente para o teto, um soluço rasgando do peito.

—Shhh, docinho— ele murmurou contra o pescoço dela. —Tudo bem.

Ele ficou mais perto, os quadris movendo, arrastando o pau dentro dela um segundo antes do ronco mais leve sair de seus lábios.

Soluços mudos agitaram o corpo dela enquanto ela conseguia se mover sob ele, então ela lutou para se sentar no sofá. Puxou um lenço da jaqueta dele e depressa limpou a sujeira de sangue nele, então se limpou antes de soltar o tecido de linho no chão próximo ao sofá, perguntando-se se ele ao menos faria uma conexão com o sangue desta noite.



Ela havia sonhado com esta noite. Sonhado com ele finalmente a querendo, e talvez fosse bem feito para ela que tivesse acabado como acabou.

Ajoelhando próximo ao sofá, ela jogou o cabelo dele para trás, as mechas castanho claras espessas, não longas demais, emoldurando seu rosto diabolicamente.

Ele era seu destruidor de coração pessoal. Desde que ela podia se lembrar, o amor que ela sentia por ele a havia forçado a fazer coisas impossíveis para ganhar sua atenção. Havia trazido-a até aqui, para uma noite que ela sabia que a assombraria para sempre.

—Prefiro ter você me odiando a ver você se casando com aquela cadela— ela sussurrou dolorosamente enquanto enxugava as lágrimas.

E ele provavelmente a odiaria quando despertasse. Quando compreendesse a realidade e percebesse até onde ela havia ido para se assegurar de que o compromisso dele fosse terminado.

Ela se perguntou, entretanto, se ele se lembraria da chegada dela aqui, ou o tempo breve em que ele a havia tocado como uma mulher, em vez da encenqueira que ele sempre a chamava.

Forçando-se a ficar de pé, ela deixou a cobertura, trancou a porta e disse a si mesma que estava tudo terminado.

Não mais.

Amar John Walker era uma rua sem saída, e Sierra precisava de mais do que pontas de faca para ficar dando murros.

Estava na hora de seguir em frente sem esses sonhos de garotinha. Estava na hora de seguir sem o coração.

Capítulo 1

Um ano mais tarde

John C. Walker Júnior, Filho do formidável John Calvin Walker, finalmente havia voltado para casa. Ele podia sentir o conhecimento aprofundando dentro de si mesmo, enchendo tudo exceto uma parte de sua alma e reafirmando uma decisão que tinha sido feita em uma noite chuvosa em Boston um ano antes.

De pé no deck superior do Sonhos Travessos enquanto o barco seguia devagar pelo Lago Cumberland, ele retraiu uma respiração profunda e relaxante e sentiu algo lentamente relaxar dentro de si. Alguma tensão interna, um desejo profundo que finalmente começava a descansar.

O pai dele havia deixado o estado do Kentucky anos antes, muito antes de John ter nascido, e tinha limpado o pó das montanhas do Kentucky dos pés. Infelizmente, como o pai dele gostava de reivindicar, um pouco tinha grudado nos filhos.

Uma de suas filhas, assim como seu único filho, haviam voltado para o Kentucky.

As montanhas erguiam ao redor dele como braços confortantes, aconchegando-o dentro de



um abraço firme e forte. Um sussurro de uma brisa corria pelas árvores e por sobre seus ombros banhados de suor, enquanto os raios fortes do sol bronzeavam mais a sua pele que um dia fora pálida.

Ele se sentia mais forte aqui, no lugar certo. Ele se sentia como se, pela primeira vez em trinta e dois anos, fosse finalmente ele mesmo.

O sol havia clareado seu cabelo espesso, estava castanho claro, quase loiro, escurecido a sua carne, e colocado pequenas linhas nos cantos dos olhos. O trabalho físico duro de ajudar a irmã e o marido dela a construírem a casa deles e reconstruído o bar que tinha sido queimado totalmente por um incendiário um ano antes, havia afiado seus músculos e esculpido seu corpo.

Ele estava em boa forma antes, mas agora se sentia no topo. Sentia-se revigorado e vivo.

A casa flutuante que ele havia comprado de Mackay na marina era perfeita. Uma casa que afastava a necessidade de firmeza e abraçava aquela veia cigana selvagem que o pai dele sempre havia reclamado. Havia dado paz a ele. Ou pelo menos uma grande parte da paz que ele estava procurando.

Pela primeira vez na vida, John Walker Júnior estava perto de achar satisfação. Se havia uma preocupaçãozinha mesquinha que continuava a atazaná-lo, então ele lutava para ignorá-la. Nada era perfeito. Nenhuma vida era completamente serena, mas ele estava mais perto disso do que jamais havia estado antes.

Se sonhos com uma mulher o assombravam, uma noite que ele não estava tão certo, e um prazer tão perfeito que não podia ser real, então ele tentava empurrar isto para lá.

Exceto por aquela noite, por aquela mulher, ele finalmente havia achado um lugar ao qual pertencia.

Agora, ele entendia por que a irmã havia lutado contra a insistência da família para retornar a Boston e por que as pessoas deste município haviam se ligado a ela por um tempo tão curto. Por que a cigana nela havia se rebelado e retornado para as montanhas que nutriam aquela faísca de fogo rebelde dentro dela.

Ele entendia coisas agora que nunca tinha entendido antes, e os remorsos que um dia encheram sua vida haviam começado a enfraquecer.

Todos, menos um.

Agitando a cabeça, ele se recusou a pensar naquilo novamente. Ele estava sob o sol, a água batendo no barco enquanto ele seguia suavemente ao longo do canal. Acima, uma águia subia rapidamente e gritava para seu companheiro enquanto um coio te os assistia suspeitosamente do terreno distante.

Cervos pastavam em uma pequena clareira perto da água em frente ao coio te, como que o provocando com sua inabilidade de alcançá-los a tempo para uma refeição. Lembrava-o da mulher que ele havia se recusado a pensar, e os meses que ele havia gastado tentando persegui-la.

Os sons da natureza o envolviam. O tráfego, gritos, buzinas vociferando e vozes erguidas da cidade estavam bloqueados pela distância e por sua própria determinação de deixá-los para trás.

Ele havia achado amigos aqui no último ano. Ele havia achado um propósito. E ele



finalmente havia compreendido a irmã que nunca tinha entendido antes.

Girando a cabeça, ele deixou a brisa acariciar o pescoço enquanto os olhos estreitavam, as mãos confiantes no timão grande enquanto ele o manobrava ao longo do lago.

Ele não era o filho do grande John Calvin Walker aqui. Aqui, ele era aquele maldito menino dos Walker, e isso estava ótimo para ele. Ele tinha uma família aqui que entendia as montanhas, preparava sua própria bebida e ria quando ele sufocava com ela.

Festas na montanha, churrasco e assados de porco. E ele estava amando cada minuto. Inferno, ele estava mais do que amando, estava se divertindo.

Ele trabalhava quando queria, tomava os casos legais que o interessavam, e o resto do tempo ele trabalhava com um grupo sem fins lucrativos construindo casas para os pobres e cuidando de pessoas com idade avançada. E ele deixava as montanhas o abraçar.

A única coisa que ele não podia fugir, porém, era do maldito celular que não era capaz de jogar fora, não importava quantas vezes tentasse.

O bastardo insistia em ficar com o sinal excelente, mesmo aqui, dentro da terra arborizada ao redor dele. A prova disso era o tremor insistente do aparelho em seu quadril.

Encarando a água se abrindo diante dele, ele tirou o telefone do bolso, franziu o cenho para o número no display, e contra seu melhor julgamento, aceitou o telefonema.

—Não, eu não estou entediado ainda— ele disse ao pai enquanto colocava o telefone na orelha. Um segundo de silêncio o saudou.

—Claro que não está — a voz culta do pai dele disse lenta e sarcasticamente. —Não há tempo para ficar entediado quando você está fingindo ser o playboy desafortunado do Lago Cumberland. A novidade ainda não teve tempo para cansar, certo?

—Ainda não — John concordou feliz. —Você sabe o que eu estou fazendo agora mesmo?

—Eu deveria saber?— O pai dele perguntou cautelosamente.

—Estou manobrando a minha casa flutuante pelo lago. E estou suando como um porco e rindo de orelha a orelha. Quando foi a última vez que você fez isto, paizinho?

—Você não vai querer saber — John pai rosnou em aviso. —Quando você vai voltar para casa?

—Eu já te disse, estou em casa — ele replicou. —Se você ligou para discutir de novo, então está desperdiçando o seu tempo e eu tenho coisas melhores para fazer.

Ele quase podia ver o pai, uma versão mais velha de si mesmo, os lábios afinando, os olhos estreitado em irritação com a recusa do filho em voltar para casa.

Aqui era o lar de John, e ele não conseguia se ver se mudando a qualquer hora próxima.

—Você soa como a sua irmã. — Raiva pulsava na voz do pai dele. —Achei que depois do que ela havia passado naquele município maldito, que ela partiria antes que aquele xerife conseguisse amarrá-la. O que está fazendo, John? Por que está fazendo isto? Quantas vezes tenho que te dizer o que vai acontecer? Elas te darão as costas tão rápido quanto o aceitaram.

John agitou a cabeça. O inferno que os pais dele haviam enfrentado aqui tinha sido falha dos indivíduos que mantinham o poder no município, não das pessoas propriamente dito. Poucos



arruinaram muitos, por muitos anos.

Eles se foram agora, mas John entendia o ódio do pai dele por eles, e a desconfiança com o local. Ele entendia, mas se recusava a voltar à vida que tivera antes.

Aqui, ele tinha uma sensação de propósito. Lá, ele não tinha nada além de sua família. Uma ótima família, ele admitia, mas não havia nada para ancorá-lo, nada para aliviar aquela fome que inquietava e atormentava.

—Como está a mamãe?— Ele perguntou, em vez de discutir novamente. Ele sempre tentava desviar o fluxo de raiva que erguia entre eles cada vez que eles conversaram.

O pai dele suspirou fortemente.

—Ela sente falta dos filhos. Isto não era o que ela queria, John. Ela criou os filhos com carinho e agora vocês todos a estão abandonando.

Em outras palavras, a mãe estava fazendo o que sempre fazia, se recusando a entrar no meio das discussões entre John pai e os filhos.

Não que o Walker mais velho não amasse seus filhos. Ele amava. Demais às vezes. Ele não podia entender que não podia protegê-los da vida, não importava o quão duro tentasse. Que ele não podia forçá-los a viver a vida que havia tentado criar para eles.

Era a mesma briga que eles tiveram quando John se juntou à Marinha quando terminou o segundo grau. A discussão que eles tiveram quando John havia seguido direito penal em vez de direito administrativo como o pai dele havia feito.

A discussão que eles tiveram quando John disse ao pai que estava pedindo a mão de Marlena Genoa para se casar com ele.

—Diga a ela que eu a amo — John disse.

—Claro que você a ama — o pai dele grunhiu. —É por isso que está cruzando um maldito lago em vez de jantar com ela hoje.

Era domingo. Todo domingo havia jantar na casa dos pais dele, não importava o que acontecesse, sempre acontecia quando os filhos estavam na cidade.

—Estou certo de que as crianças de Candace a estão mantendo ocupada.

Candace Salyers era a irmã dele, a mais velha dos irmãos Walker. Casada, com três lindos filhos e um marido amoroso, Candace tinha uma vida na qual prosperara. Ela jurou que não poderia morar fora de Boston, e detestava qualquer coisa que lembrasse até remotamente a palavra “interior”.

O silêncio encheu a linha novamente, desta vez mais longo.

—Certo, se você insistir em vadiar no Kentucky um pouco mais, então me faça um favor — o pai dele rosnou finalmente, o tom mais sombrio agora, assegurando a John de que o que quer que estivesse para vir, era sério. Ele esperou, sabendo que levaria um momento para o pai aperfeiçoar seu passo. —É Sierra, John. Ela está em apuros.

John congelou.

Ele não queria ouvir o nome dela, ele não queria falar sobre ela, inferno, ele se recusava a pensar nela. Ela havia feito a decisão de fugir dele, não o contrário.



—Semana passada, alguém arrombou a casa dela e a atacou. Ela ficou machucada, John. Ficou mal ao ponto de por alguns dias nós nos perguntarmos se ela se recuperaria.

Choque ressoou por ele. John estava perfeitamente quieto, lutando para entender as informações, controlar a ira que o rasgava, ameaçando se soltar com tal onda de violência que pela primeira vez na vida John se assustou consigo mesmo.

—O que eles fizeram a ela?— Fúria pulsava por ele agora.

O pai dele respirou roucamente enquanto John esperava. E esperava. Pareceu levar a eternidade para o pai dele falar.

—Ela quase foi estuprada. Contundida severamente e estrangulada. Ela teria sido morta, mas sua nova companheira de quarto chegou e o assustou. A menina estava apavorada. Depois de o sujeito ter escapado pela janela do quarto, ela estava certa de que Sierra estava morta.

Cada músculo do corpo de John apertou. A ira começou a queimar em suas entranhas enquanto ele imaginava a jovem mulher delicada e frágil sendo estrangulada, atacada.

Uma onda de possessividade rasgou por ele, o pensamento distante de que alguém havia ousado machucar algo que pertencia a ele o tomou.

—Você não me ligou — ele grunhiu. —Por quê?

Por um momento, o pai dele ficou mudo antes de responder fortemente.

—Porque eu sabia que algo de ruim havia acontecido entre vocês dois antes de você partir. Eu não sabia se você queria se envolver, John. Eu quis esperar. Mas preciso tirá-la da cidade até que possa compreender porquê ela foi atacada. Não faz sentido. Inferno, por mais que a Sierra seja temperamental, ela não botou o nariz em nada perigoso. E é raro para uma decoradora fazer um inimigo que tente matá-la no meio da noite. Tenho um mau pressentimento sobre isso, John. Eu a quero segura enquanto os meus investigadores verificam isto.

Alguém havia tentado prejudicar Sierra. Era quase demais para John tentar assistir. Ele não podia acreditar que alguém havia ousado tocá-la. Era conhecimento comum de que ela era como um membro das famílias Walker e Evanworth. E John Walker pai havia estabelecido há décadas que cuidava dos membros de sua família.

John Júnior também havia sido incrivelmente protetor em relação a ela também. E Sierra simplesmente não arranjava esse tipo de problema. Ela era muito curiosa, mas apenas quando a questão eram os seus amigos. Ela não tolerava palhaçadas, e muito menos mentirosos, mas ainda assim, isso não a colocava necessariamente em posição prejudicial.

—Ataque de um maníaco?— Ele perguntou, perguntando-se se talvez Boston havia adquirido outro estuprador em série.

—Não que os meus investigadores tenham descoberto — o pai dele jogou a ideia por terra.

—Não se preocupe, acharei o bastardo, John. Mas ela precisa sair de Boston. Como eu disse, minhas entranhas estão revirando. Não acho que tenha acabado e não acho que ela esteja segura.

O que significava que ela não estava. As entranhas do pai dele acertavam notoriamente quando a questão era advertir o homem de que algo estava errado. Era uma advertência que o filho sabia dar atenção. Se ele dissesse que Sierra estava em apuros, então não havia dúvidas na



mente de John de que Sierra estava com problemas sérios. Apaixonante, inocente e determinada. Ela o havia feito terminar o noivado quando pegou a noiva dele o enganando. Ela havia cuidado dele, e apesar de sua recusa de falar com ele depois daquela noite, ele com certeza a protegeria agora.

—O que ela pensa disso? Ela não está exatamente falando comigo no momento. — Não que ele se importasse com o que ela pensava. Se ele tivesse que ir à Boston e forçá-la a ficar sob sua proteção, então era exatamente isso o que ele faria.

—Você é a única escolha — Sr. John ganiu. —Maldição John, ela chorou por você no hospital. Ela estava machucada, sangrando, totalmente contundida e doida com medo. Quando eu cheguei lá, ela estava implorando por você. Eles me chamaram porque não conseguiam achá-la.

Os dentes dele cerraram, os dedos tão apertados em torno dos controles da casa flutuante que ele se impressionou por não ter quebrado a coluna. Fúria pura, quase descuidada surgiu por seu cérebro com o conhecimento de que ele não havia estado lá por ela.

—Não estou te perguntando o que aconteceu entre você, Marlena e Sierra — o pai dele suspirou. —Nunca perguntei. Imaginei que se você quisesse conversar, viria a mim ou a sua mãe. Mas o que quer que tenha acontecido, o que quer que Sierra tenha feito, ela fez porque achava que era o certo.

Ela havia feito porque acreditava estar apaixonada por ele. John sabia as razões dela. Ele não a culpava por isto agora, mas a havia culpado na época.

—Ela sabe que você está me pedindo isso?— Ele perguntou roucamente.

—Não ainda. — O tom do pai dele estava cheio com cansaço súbito. —Ela está apavorada, John. Ela não deixa a casa, e sua mãe e eu temos que ir para a Europa na semana que vem. Sierra não me deixa contratar um guarda-costas, e está ameaçando fugir. Ela é minha sobrinha. Não posso deixar que nada aconteça a ela.

John olhou fixamente ao redor, a mandíbula cerrando com o pensamento de que Sierra estava ameaçando fugir em vez de ir até ele. Maldita. Ela se recusou a vê-lo depois daquela noite, não conversou com ele. Chegou ao ponto de deixar a cidade por meses. Ele captou a mensagem e a deixou só, desejando que o tempo curasse o que quer que ele pudesse ter dito a ela.

Aquela noite ainda estava um pouco confusa. Ele havia ficado puto, ele se lembrava disto claramente. Da mesma maneira que ele se lembrava dos dois se beijando. Depois disto, as coisas estavam um pouco nebulosas e misturadas mais com fantasia do que com realidade.

—Preciso ir lá buscá-la?— Ele perguntou finalmente. E ele iria. Não havia nenhuma chance de que ele permitisse que ela enfrentasse mais perigo sem ele ao lado.

—Por mais que eu queira vê-lo, não o aconselho a fazer isto — o pai dele declarou. —Eu a levarei até você. Candace, o marido e as crianças pegarão o jato da família e irão para a Costa Oeste amanhã. Uma parada não marcada será feita nas terras de Hickley. É privado e Raymond Hickley se certificará de que ninguém aterrisse lá. Ligarei para você com os detalhes.

John esfregou a ponte do nariz à medida que fazia uma careta.

—Sim, estarei esperando.



A espera não era o que ele fazia melhor. Sua preferência seria segui-la, mas ele entendia que fazê-la subir a bordo do jato da família e descer secretamente no Kentucky seria muito melhor.

—John, a sua partida a destruiu — o pai dele declarou de repente. —Ela chorou por semanas. O que quer que você tenha feito a ela antes de partir, não faça novamente. Por favor. Eu odeio ver a sua mãe chorar, e ela a fez chorar.

Então Sierra não deveria ter fugido. E isso era exatamente o que ela havia feito. Ela não havia respondido aos telefonemas dele, não havia atendido à porta quando ele foi ao apartamento dela, e ela nunca estava onde deveria.

Ela fugiu dele até que ele parou de persegui-la e passou a perseguir a chance de ter paz.

John agitou a cabeça.

—Depois, papai.

Desligando o telefone, ele manobrou a enorme casa flutuante cuidadosamente e voltou na direção da marina. Se ele conhecia o pai, seria apenas uma questão de horas antes que ele o ligasse de volta, antes de ter os detalhes e Sierra pronta para partir.

Se Candace partisse cedo, como normalmente fazia quando ela e o marido voavam para a Califórnia para passar um tempo com a família, então ele estaria na Fazenda Agropecuária do Hickley antes que o sol nascesse, horas antes que o seu dia normalmente começasse.

Isto era exatamente o que ele não precisava. A paz havia demorado muito tempo para vir, o sossego que ele havia achado aqui e havia dado duro para ganhar, e agora, aquela pequena e última barreira mesquinha para completá-la estava vindo naquela cabeça magnífica. E tinha o potencial de destruir a sua paz, da mesma maneira que tinha o potencial de completar sua existência.

Sierra.

Capítulo 2

Sierra estava muda quando o jato aterrissou, o coração correndo, uma sensação de pânico quase opressivo com a realização de que um ano de fuga estava terminado.

—Quero ir para casa — ela sussurrou.

Ela cometeu um engano. Era o pior engano que poderia ter cometido.

Erguendo a cabeça, ela olhou de volta para Candace. E viu os olhos de John no olhar da mulher. Aquela lindo azul-violeta, mas as feições eram mais suaves, femininas e gentis com compaixão.

—Você quer morrer, Sierra?— Não era a primeira vez que Candace fazia essa pergunta. Não era a primeira vez que Sierra mencionava ir para casa.

—O piloto está se preparando para aterrissar — Thomas, marido de Candace, disse suavemente.



Ele havia aberto as portas da casa para ela, da mesma maneira que o pai de Candace tinha feito. Eles a levaram, vigiaram e forneceram o cuidado médico que ela precisara.

Thomas era um dos advogados seniores da Walker, Delmar e Farley Associados Advocacia. Ele era quieto, tranquilo, uma base de força.

—Pista Hickley— o piloto anunciou. —Temos cinco minutos até o chão. O contato está esperando para aceitar a entrega.

Ela era a entrega.

Sierra queria cobrir o rosto e se esconder. Ela queria achar um modo de simplesmente desaparecer e se esquecer de que isto tudo estava acontecendo. Se convencer de que o ano passado não era nada além de um pesadelo.

Como ela havia deixado sua vida ficar assim?

Fugindo de John. Sendo uma covarde. Assim que ela havia conseguido, uma parte dela se perguntou se ela não tivesse fugido, se tivesse enfrentado John, se ela estaria no apartamento naquele momento. Ela havia se mudado do edifício mais seguro que os Walkers possuíam meses antes para o apartamento mais próximo de seu escritório.

Ela havia tomado o apartamento porque ele era no mesmo edifício da cobertura de John. Para ficar mais perto dele. Que engano havia sido.

Ela sentiu o jato descer, um golpe liso de metal contra o ar enquanto começava a perder altura.

—Ele está bravo comigo — ela sussurrou enquanto encarava Candace. —Ele me odeia, Candace. Depois do que eu fiz, não o culpo.

Ela havia destruído o compromisso dele. Ele tinha ficado furioso, apesar das circunstâncias. Apenas ao pensar depois ela havia percebido como deveria tê-lo humilhado. Em público. Ela deveria ter achado outro modo. Ela não deveria ter permitido que a raiva houvesse decidido.

—Querida, o John não a odeia— a outra mulher prometeu. —Ele nunca poderia te odiar. Ele pode estar bravo, mas ele vai se recuperar da raiva se você o enfrentar. Você deveria tê-lo enfrentado ao invés de fugir.

Ela não precisava que ninguém dissesse isso a ela agora. Ela realmente soube isso no momento, mas tinha estado muito ferida para fazer qualquer outra coisa.

Ele havia desmaiado enquanto tomava a virgindade dela. Em todas as mensagens que ele havia deixado no celular dela, em nenhuma ele havia mencionado o que eles haviam compartilhado. Como se ele não lembrasse, não houvesse visto o lenço que ela usara para limpar a ambos.

Não, cada mensagem continha referências a Marlena, Gerard e ao fato de que Sierra não estava respondendo aos seus telefonemas. Nem uma única mensagem tinha sido terna. Nenhuma havia implicado que ele queria falar com ela sobre qualquer coisa além do fim do noivado.

E nada havia mudado. O pensamento de encarar John agora a apavorava, da mesma maneira que tinha sido no ano anterior.

—Estamos aterrissando, Sierra. — A mão larga de Thomas cobriu a dela no descanso do



braço da poltrona de couro. —Lembre-se: não se amedronte. Olhe fixamente nos olhos dele e seja forte.

—Ele não é um animal, Thomas. — A repreensão divertida de Candace trouxe um sorriso ao rosto do marido.

—Amor, todos os homens são animais. Alimente-nos, acaricie-nos, use a mão firme e nós a adoraremos de joelhos.

Thomas estava aos pés da esposa, mas era claro que Candace o estimava da mesma maneira.

—Não tolere o temperamento dele, Sierra — Candace a aconselhou suavemente. —E lembre-se que John nunca a machucaria. Você é verdadeiramente importante para ele, ou ele não teria passado tantos meses a perseguindo. — Uma centelha no olhar dela indicava que talvez ele a houvesse perseguido por razões diferente das que tinha.

Eles simplesmente não sabiam a verdade.

Mas não importava. John Walker havia deixado claro que o único jeito de protegê-la era mandá-la para cá, onde ninguém suspeitaria que ele a mandaria.

O ódio dele pelo Kentucky era bem conhecido. O ódio pelo povo ia muito mais além.

As rodas do avião aterrissaram, o leve sacudir não faz nada para cobrir o gemido baixo que saiu dos lábios dela.

Ela queria chorar, mas tinha alguma lágrima remanescente? Ela havia derramado todas quando John havia deixado Boston. Quando ela percebeu que o que havia feito o havia forçado para longe de sua casa, e o levado dela para sempre.

Enquanto o avião parava, Thomas se ergueu e soltou o cinto de segurança e a ajudou a sair de sua poltrona. O copiloto abriu a porta e baixou os degraus enquanto Candace e Thomas a flanqueavam.

Luzes vieram até ela de um veículo na escuridão, uma sombra materializada. Não havia como confundir aquela forma. Forte, corajosa e larga. Era a personificação viva de cada sonho e fantasia que ela já havia abrigado.

—Vamos, pirralha. — Thomas a ergueu nos braços em vez de permiti-la descer os degraus. Ele havia feito isto duas outras vezes. Ele a carregou do hospital, e a havia carregada para a casa de John pai horas mais tarde.

Como o pai dela sempre a havia carregado.

E então ele estava se movendo degraus abaixo, ficando mais próximo da forma muda.

Sierra pensou que ele a deixaria de pé quando alcançassem o chão. Ela esperou que ele fizesse. Ela estava certa de que ele iria. Mas os homens estavam conspirando contra ela nesta vida.

Em vez disso, ele a deu para o macho mudo, alto e frio esperando por eles.

—Cuide de nossa menina, John — Thomas ordenou ligeiramente. —E lembre-se, ela se contunde muito fácil. — Sierra estremeceu, mas não falou. Ela não olhava para o homem que o destino conspirou para jogá-la de volta. Ela olhava para frente, muito ciente das contusões que



ainda cobriam partes de seu corpo, e o conhecimento de que ela duvidava bastante de que John Walker Júnior realmente se importasse.

Ela tinha uma chance de pensar sobre isto. Ele não era estúpido. Não tinha sido estúpido um ano atrás. Ele sabia o que Marlena era e a pediu para se casar com ele de qualquer maneira. Ela devia ter pensado sobre isso antes de haver decidido furiosamente revelar sua duplicidade.

Ela havia atingido o orgulho dele ao jogar isso na cara de ambos. Ele queria aquele casamento de conveniência ou não teria posto aquela aliança no dedo da mulher.

Ainda se recusando a falar com ele, Sierra permaneceu dura em seus braços enquanto ele girava para o veículo e se movia para o lado do passageiro. Thomas abriu a porta e alguns segundos depois John a estava deixando cuidadosamente na poltrona de couro luxuosa da caminhonete.

Andando para trás, ele fechou a porta e girou para o cunhado. E Deus, ela desejou poder ouvir a conversa.

—Tenho apenas alguns minutos — Thomas disse a ele. —Ela ainda está mostrando muitas contusões. Garganta, peitos e coxas. Candace disse que ainda está horrível. Ela tem analgésicos na bagagem, mas não os toma até que vá para a cama, e frequentemente acorda gritando com pesadelos. Ela chama por você, sabia?

John mal conseguia se controlar. Ele não tinha estado lá por ela quando deveria. O remorso provavelmente o assombraria pelo resto da vida.

—Ele enviou o relatório ao médico?— John perguntou, sabendo o quão completo o pai normalmente era. —Tudo está na pasta de couro. O piloto está descarregando a bagagem dela agora. — Ele anuiu com a cabeça para o avião. —Radiografias, tudo está lá. Seu pai quer que você a leve ao Dr. Landry em Somerset e conte a ele sobre a situação. Ele pode ser convencido a não contatar aos médicos em Boston e cuidará dela.

John anuiu com a cabeça.

—Eu o conheço.

Landry era velho, mas um ótimo médico. Ele era também parte de uma rede muito pequena de agentes secretos da Segurança Interna posicionados na área e sob a direção de um agente secreto especial que supostamente seria aposentado do Gabinete da Segurança Interna.

—Bom. Hora de ir. — Thomas anuiu com a cabeça para o piloto e acenou de volta. —Cuide bem dela. Ela é frágil, John, não importa o quão dura aja. — Ele deu palmadas no ombro de John antes de voltar para o avião e desaparecer no lado de dentro.

John se juntou ao dono da pista de voo, correu para as bolsas e arrastou-as de volta para a caminhonete Denali depressa enquanto o Learjet¹ começava a sair de seu ponto de partida.

As luzes chamejaram, e dentro menos de um minuto o jatinho estava saindo uma vez mais.

—Vamos carregá-las — John ligara para o dono da Fazenda Leiteira cuja pista privada era frequentemente usada para aterrissagens discretas.

¹ Learjet - fabricante de aeronaves dos Estados Unidos da América.



Raymond Hickley era um dos amigos mais antigos de John Walker pai e raramente falava. Era um dos homens que o pai dele havia ajudado quando mais jovem, e ainda estava lá por ele agora que seus filhos estavam no município.

Aos cinquenta e cinco, ainda firme, e tão grosseirão quanto quando eles chegaram, Raymond tinha orgulho de dizer que havia servido ao país sem ter sequer saído de sua fazenda.

John foi até o bagageiro do Denali e armazenou a bagagem. Colocou a pasta de couro por último, deixando-a ao lado para se assegurar de que as radiografias não ficassem amassadas.

—Dawg ligou enquanto você estava conversando com o seu amigo — Raymond disse a ele tranquilamente depois que eles haviam carregado a bagagem e a porta estava firmemente fechada. —Ele, os primos e o tio virão à casa flutuante esta tarde. Ele disse para não fazê-los virem atrás de você. Você deveria saber que Dawg apenas dando uma olhada saberia de quem seria o Lear. Ele é esperto assim. — O outro homem sorriu amplamente com a advertência que estava deixando implícita.

John fez uma careta. Exatamente o que ele precisava, uma praga de Mackays descendo sobre eles.

Pelo menos eles esperariam até a tarde. Era tempo suficiente para ele fazer Sierra se adaptar e, quem sabe, dormir algumas horas de sono.

Abrindo a porta lateral do motorista, ele entrou no veículo, ligou-o e então girou e olhou fixamente para a jovem mulher muito quieta ao lado dele.

—Bem, picolé. — Ele sorriu amplamente com o apelido que de repente voltou a sua mente. A razão pervertida por trás disso fez o pau dele ficar duro imediatamente. —Parece que os seus dias de fuga terminaram, não é?

Ele deu uma olhada rápida para ela, relaxando agora, uma sensação de equilíbrio súbito o invadindo. Aquela última medida de inquietação estava aliviando agora. Ele tinha Sierra de volta. Acontecesse o que acontecesse, no momento, ela era dele.

Os lábios dela afinaram.

—É bom vê-lo novamente, também, John.

Ela olhava fixamente para frente, como uma manequim perfeita apesar da pontada de nervosismo na voz. Era melhor que ela ficasse nervosa, porque ele estava muito chateado por ela ter fugido como fez. Se ela tivesse ficado, se o tivesse enfrentado, teria estado aqui com ele em vez de um apartamento sem proteção quando um estuprador foi atacá-la.

Ela provavelmente não admitiria isto. Não ainda.

—Aposto que sim. — Ele sorriu amplamente.

Isto poderia ficar divertido. Inferno, sim, ele se certificaria de tornar tudo divertido. Ela tinha muito tempo para compensar, ele decidiu. Muito prazer para se ajustar a uma quantia muito pequena de tempo se ele conhecia o próprio pai. E se havia uma pessoa que ele conhecia bem, era John pai.

Manobrando o Denali para a pista de voo agora vazia, ele pisou no acelerador e correu da clareira para a estrada da fazenda no fim da faixa de terra.



—Não se preocupe, você vai se divertir muito — ele a prometeu. —Pretendo me certificar disto. — Ele podia jurar que resignação marcou a expressão dela antes de limpar uma vez mais.

Ela estava quieta novamente. Muito quieta. Essa não era a Sierra que ele conhecia. Ela não era quieta. Ela estava sempre rindo ou furiosa. Raramente havia um meio termo. Feliz ou brava, essa era a Sierra dele. Mas esta Sierra era uma estranha. Uma mulher que não se preocupava sequer em fingir ser a pequena encrinheira que ele conhecera a vida toda.

Mas tudo bem. Ele apenas daria uma hora a ela, e ele estava confiante de que a Sierra que ele conhecia apareceria uma vez mais. Ele se certificaria disto. Se ele sabia como fazer alguma coisa, era como deixar sua Sierra puta.

O pai de John havia dito a ela que ele estava morando agora em uma casa flutuante, mas Sierra não sabia exatamente o que esperar quando eles pararam na pequena marina Mackay.

As casas flutuantes de lá tinham tamanhos, cores e nomes se estendendo quase maiores do que uma casa comum até o fim das docas.

—Posso caminhar — ela o informou enquanto ele abria a porta do passageiro e esticava a mão para ela. —Não há nada de errado com as minhas pernas ou com a minha habilidade de locomoção.

Mas doía. Caminhar mais do que pequenas distâncias podia deixá-la ofegante com a dor que saía de suas costelas contundidas.

—Nada além de contusões que vão fundo até os ossos, você quer dizer?— Ele grunhiu enquanto a erguia nos braços de qualquer maneira. —Não discuta comigo, picolé. O passeio para o Sonhos Travessos é longo e você ainda não está acostumada à inconstância das docas flutuantes.

Ele a tirou do banco, girou, bateu o próprio ombro na porta para fechá-la e então girou a chave na fechadura.

Ele fez tudo tão sem problemas, com tal graça sem esforço e facilidade que Sierra quase suspirou de inveja. Nenhum homem deveria ser capaz de se mover tão suavemente. Ela já estava com tanta desvantagem com ele, ele não tinha que fazer as coisas piores.

—As contusões estão melhorando — ela murmurou defensivamente, embora soubesse que ainda estavam extremas.

—Estou certo de que sim. — O comentário não fez muito para aplacar o nervosismo nascente dentro dela.

Houve horas ao longo dos anos em que ela jurou que conhecia John melhor do que devia, e ela sabia que ele estava bravo agora mesmo. Ela podia ver na mandíbula dura quando deu uma olhada rápida em seu rosto, o resplendor nos olhos azuis-violeta.

Olhos que deviam dar a ele uma aparência feminina, mas que realçavam ainda mais a sua masculinidade.

Deus, ele havia mudado tanto. Ele não estava apenas mais queimado e com o cabelo mais



claro. Os músculos estavam mais duros, o tórax mais largo. Ela estava começando a se perguntar se ele era o mesmo homem que ela conhecera em Boston.

—Aqui estamos nós. — Ele andou confiantemente na passagem flutuante até o deck com um barco como uma casa de dois andares cuja lateral tinha escrito SONHOS TRAVESSOS MOLHADOS. O jogo de palavras teria feito os olhos dela arregalarem se ela não estivesse tão cansada.

A porta de vidro abriu facilmente e John entrou no espaço escuro e fresco. Movendo vários passos para um sofá grande, ele a abaixou facilmente antes de olhar fixamente para ela por longos momentos.

—Fique quieta — ele disse a ela, a voz mais áspera do que ela podia se lembrar. —Trarei a sua bagagem e então faremos um pouco de café da manhã para você.

—Não preciso de café da manhã. — Ela precisava dormir. Entre se preparar para partir, a tensão e o voo matutino, ela estava exausta.

—Você comerá de qualquer maneira — ele a informou, arrogância vazando pelos poros. — Voltarei logo. — O que queria dizer que ela tinha pouquíssimo tempo para escorar suas defesas, e, por sorte, achar um jeito de impedir que o coração fosse partido. Novamente.

Capítulo 3

John não caminhava de volta para o Denali, ele batia o pé no chão. As botas iam pesado contra as docas flutuantes enquanto ele fazia o caminho de volta para a terra firme e o estacionamento da marina.

A garganta dela ainda estava contundida. Ele podia ver as marcas contra a carne pálida.

Os punhos dele cerraram ao lado do corpo enquanto ele lutava para respirar através da fúria agonizante. Rasgava suas entranhas com uma força que fazia com que ele quisesse uivar. Filho da puta. Ele mataria o bastardo responsável por isso se tivesse a chance.

Ela era minúscula, tão delicada. Ele podia envolver a cintura dela com as mãos e provavelmente sobraria espaço. Olhos grandes, como um mármore cinza olhavam para o mundo com uma inocência que o deixava maravilhado, considerando a turma com quem ela costumava andar quando mais jovem e os rumores que ele ouvira, isso se os sonhos fantasiosos daquela noite com ela pudessem ser mais realidade do que sonhos desejados. Aquela longa fileira de cachinhos preto-azulados que caíam de sua cabeça apenas fazia com que ela parecesse mais carente, mais frágil. Tão frágil que ele não podia acreditar que o bastardo que a havia contundido não havia conseguido quebrá-la.

Sierra não era uma mulher que pudesse ser lidada com qualquer coisa a menos do que gentileza. Um vento duro contundia sua pele branca e tenra, todo mundo que a conhecia sabia disto. Ela frequentemente brincava que não podia caminhar por um quarto sem arruinar a pele.



E isso sempre a machucava. Ela fazia beicinho se batesse contra algo, esfregava a carne ofendida e a encarava como se a fraqueza a irritasse.

Ela era muito determinada, porém, então ele sempre pensava que isso igualava as coisas. Ela não abaixava a cabeça para ninguém, nariz contra nariz, e em uma ocasião, ela discutira até com o pai de John. O que não era fácil de fazer.

John não podia lidar com as emoções que erguiam dentro dele no momento, o pensamento do atentado feito para machucá-la. Para destruí-la. A raiva pura. A necessidade de ficar de joelhos diante dela e beijar cada centímetro de carne contundida, implorar por seu perdão por não estar lá para protegê-la. As necessidades de exigir explicações, implorar que ela ficasse ou simplesmente abraçá-la, o estavam despedaçando.

Ele nunca tivera tantas emoções surgindo por ele. Para um homem que se orgulhava de seu controle, ele estava muito perto de perdê-lo. Porque apesar das contusões, ele a queria. Queria tocá-la, beijá-la da cabeça aos pés, mostrar a ela toda a gentileza que ele podia achar dentro de si mesmo, e ele queria fodê-la até que ambos estivessem gritando de prazer.

Ela era muito jovem, ele continuava dizendo a si mesmo. Os gentis vinte e quatro anos dela eram muito longe dos trinta e dois dele. Mas ela era dele.

O pensamento havia se implantado no cérebro dele e ele se recusava a deixá-lo ir. Sierra era dele.

—Ei, John. — O som da voz de Rowdy Mackay gritando para ele o fez pausar, a mandíbula cerrando antes de ele se voltar para o homem antes de andar da doca até o estacionamento.

Rowdy saiu da entrada da marina para a área do estacionamento, os olhos escondidos por trás de óculos escuros, mas John sabia que o homem estava processando cada emoção que John não podia afastar do rosto.

—Ei, homem, você saiu cedo hoje — Rowdy declarou enquanto parava.

—Foi mesmo — John concordou enquanto continuava seguindo para a caminhonete.

—Dawg me disse que o viu no Hickley, fazendo uma aterrissagem fora da programação. Você está com problemas?

Lá estava. Os Mackays não eram apenas notoriamente curiosos, mas também notoriamente protetores de seus amigos. E eles consideravam John e sua irmã Rogue como amigos.

Não seria nada bom esconder a verdade do homem; John o conhecia. Dawg provavelmente estava discando para saber sobre o Lear, sua propriedade e plano de voo.

Andando para a caminhonete, ele se debruçou cansadamente contra ela e deu ao homem as informações que ele sabia que Rowdy apresentaria eventualmente.

Além disso, deixar os primos Mackay saberem a verdade forneceria a Sierra uma camada adicional de proteção profissional.

Enquanto ele explicava a situação, Rowdy tirou os óculos escuros, o olhar estreitando, os lábios afinando enquanto faíscas minúsculas de raiva enchiam seus olhos verdes cor do mar.

A informação era muito familiar para Rowdy. A esposa dele havia sofrido nas mãos de um perseguidor, um homem em que eles confiaram. Um que quase estuprou Kelly enquanto Rowdy



estava com os Marines².

John sabia que o homem ainda se culpava por estar fora no momento, por não a proteger. Da mesma maneira que John se culpava agora por não ter estado lá para proteger Sierra.

Que porra estava acontecendo com o mundo? - ele se perguntou. Uma mulher não estava segura, não importava aonde fosse, não importava o que fizesse. Havia simplesmente muitos homens determinados a espreitá-las e atacá-las.

—Quão perto o bastardo chegou de estuprá-la?— A voz de Rowdy afiou com violência oculta.

—O companheiro de quarto dela o espantou antes que ele realmente a estuprasse. As coxas, peitos e pescoço estão extensivamente contundidos. Posso ver o pescoço dela... — Ele se virou, a mandíbula apertando enquanto a ameaça de culpa o comia vivo. —Inferno, Rowdy, eu não deveria ter partido. Deus, o pescoço dela... — Ele tragou firmemente. —Aquele bastardo quase a matou.

— Fica frio, cara — Rowdy suspirou. —Essa culpa sempre o seguirá. Você tem que achar um jeito de acabar com isso, enterrar, ou nunca conseguirá viver com isto. E certifique-se de que jamais aconteça novamente.

A dor cintilava viva nos olhos verdes de Rowdy enquanto John se voltava para ele.

—Kelly não dorme bem se eu não estiver lá com ela, ou pelo menos na casa de noite — ele declarou, a voz áspera. —Nunca me esqueço do quão perto fiquei de perdê-la, e nunca me esqueço do quão importante ela e o nosso filho são para mim.

—O meu pai fez o melhor para se assegurar de que ninguém saberá onde ela está — ele informou o homem. —Desejamos que isso dê a ele o tempo necessário para compreender quem a atacou. Mas como o meu pai, tenho um pressentimento...

E estava em suas entranhas. Era a primeira vez que ele tinha a sensação que o pai dele descrevia. A sensação de que uma lâmina fantasma estava enfiada através de suas entranhas.

John desviou a vista da marina, o olhar se movendo instintivamente para a casa flutuante onde Sierra o estava aguardando.

—Ela ainda está em perigo, então. — Rowdy anuiu com a cabeça. —Você está muito apaixonado se pode sentir isto. A única mulher que já ativou essa resposta em mim foi a Kelly. Ela me mantém respirando. Seja muito cuidadoso, porque se ela deixá-lo, não creio que respirar será fácil.

Não, com certeza. Ele não tinha que esperar para saber isto. Ele podia sentir. Ele já havia experimentado a sensação um ano antes quando havia deixado a cidade, saído da vida dela. Agora que ele estava de volta, percebia exatamente o quão difícil havia sido respirar sem ela.

Ele sempre havia sabido, em parte, o quão importante ela era para ele, mas até aquela noite nebulosa um ano antes, até que ela havia fugido dele, ele não havia percebido o quão profunda era essa importância.

—Vamos levar esta bagagem para o Sonhos — o outro homem declarou finalmente. —Devo

² Marines - Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.



dizer que você pode esperar que a família vá até ela logo, então guarde um tempo em algum lugar, de alguma maneira, enquanto a está convencendo a ficar. — O riso silencioso na voz de Rowdy assegurou a John de que o fato de que ele estava morrendo de vontade de tocá-la não passou despercebido.

Sierra não havia trazido muitas coisas. Havia duas malas, uma pasta e uma caixinha que ele sabia que tinha todos os retratos de família que ela possuía.

Sierra não possuía muito; desde a bancarrota e a morte do pai, não havia sobrado muito para ela. Se sustentar tinha sido duro, e Sierra era uma poupadora ao invés de uma gastadora.

A pequena quantia de mobília que ela possuía estava guardada, vigiada pelo pai de John. O resto de seus pertences tinha sido empacotado e enviado para ela, como se o pai de John soubesse que o filho não iria permitir que ela fosse embora facilmente.

E ele não iria.

Voltando para a área de estar da casa flutuante, os lábios dele tiveram um espasmo ao vê-la dormente, esticada no sofá. No segundo em que Rowdy entrou, ela acordou.

Assim que se sentou depressa, olhos arregalados, uma sugestão de medo e dor ardeu nas profundidades cinza cor de mármore até que ela viu por um momento John uma vez mais.

—Sierra Lucas, Mackay Rowdy — ele apresentou os dois enquanto ele levava a metade da bagagem dela para os degraus que iam até o nível superior.

—Madame. — Rowdy anuiu com a cabeça enquanto passava por ela. —Com licença, John decidiu que precisava de um burro de carga esta manhã.

O riso ecoou na voz do homem enquanto John o acompanhava e eles seguiam para o andar de cima com a bagagem.

Rowdy colocou a bagagem na cama e girou para John. Nos olhos do outro homem Rowdy viu todos os demônios que o assombravam quando percebeu que Kelly tinha sido machucada enquanto ele estivera longe dela.

Ele viu tormento e reconheceu a agonia que o amigo estava sentindo.

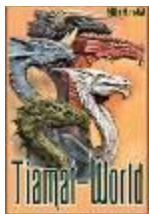
—Maldição, ela é tão minúscula — Rowdy silvou, raiva chamejando dentro dele. —Ela é ainda menor que a Kelly, John. Como diabo ela sobreviveu a um ataque?

—Teimosia — John suspirou enquanto agitava a cabeça e colocava na cama os artigos que tinha carregado. —Inferno, Rowdy, não durmo desde que o meu pai me contou. Os pesadelos me assombram.

E eles continuariam, Rowdy sabia disto. Não havia nenhum modo de um homem voltar ao que era quando percebia que havia deixado sua mulher desprotegida e ela tinha sido ferida.

John havia marcado aquela mulher como dele antes de deixar Boston. Um homem que havia deixado algo importante para trás tinha um ar de perda ao redor de si. Era um ar que John não mais possuía. O que ele possuía era a dor do conhecimento, a consciência de que não a havia protegido da dor.

—Você dormirá melhor quando ela estiver com você. — Ele dormia melhor agora que Kelly estava em seus braços do que tinha dormido a vida inteira. —Mas eu vi os olhos dela, cara. Ela não



parece caidinha ainda.

John sabia que ele estava certo. Rowdy viu o olhar que ela deu a John. Ela estava brava. Havia um brilho de teimosia, de pura determinação feminina de fazer tão duro quanto possível para um homem.

O que quer que houvesse acontecido antes de John se mudar para o Lago Cumberland, tinha a ver com esta mulher. E ela não estava nada feliz com ele por causa disto.

Já que ele não pudera ver as contusões na garganta da menina, então Rowdy estava certo de que a situação complicada de John era divertida.

—Sairei e o deixarei cuidar de tudo. — Rowdy anuiu com a cabeça. —Deixarei que os outros saibam o que está acontecendo e veremos o que podemos fazer para pegar o bastardo se ele for estúpido o suficiente para tentar segui-la.

Deus ajudasse o homem que havia tentado machucar Sierra Lucas se John Walker ou um dos Mackays conseguisse pegá-lo. Nada além de morte aguardava tal estupidez.

Quando eles voltaram ao andar de baixo, Sierra ainda estava sentada no sofá, mas assistindo os degraus cautelosamente.

—Até mais, Rowdy. — John quase o mandou para fora da casa flutuante. Ele não podia aguentar aquele medo nos olhos dela por mais um segundo.

—Até mais tarde, John, e lembre-se do que eu te disse. — Rowdy pausou na porta de correr de vidro. —A família virá logo. Bebês e tudo. — Com isto, ele deslizou pela porta aberta, saiu e voltou para a marina.

—O isso quer dizer?— Ela perguntou enquanto ele ia para a cozinha.

—Quer dizer que a horda dos Mackay virá a qualquer hora — ele grunhiu. —Os pais do Rowdy, primos, suas esposas e bebês. É pior que jantar de Ação de graça na casa dos avós. — E ela sabia exatamente como era, já que havia frequentado vários desses.

—Você não fez amigos facilmente em Boston — ela disse suavemente. —Achei que estava brincando de ermitão aqui no Kentucky também.

—Apenas quando eles me deixam. — John a assistiu atentamente, indeciso se fazia com que ela tomasse café da manhã ou se a arrastava diretamente para a cama. Ela parecia exausta. —A que horas você levantou esta manhã para o voo?

Ela encolheu os ombros.

—Não dormi bem, então tive bastante tempo. — Ou seja, os pesadelos a mantiveram acordada.

A mandíbula de John cerrou. Café da manhã, então cama.

—Por que você concordou com isso, John?— Ela finalmente perguntou enquanto ele tirava os ovos da geladeira. —Eu não sou sua responsabilidade, sabe.

Não era responsabilidade dele? Porra. Ela pertencia a ele, ela apenas não sabia disso ainda. Isso fazia com que ela fosse total responsabilidade dele, ela quisesse admitir ou não.

—Falaremos mais tarde, Sierra.

—Não quero falar sobre isto mais tarde. Quero falar agora. — Ela ficou de pé e ele notou o



pequeno estremecimento que ela quase escondeu.

Os lábios dele ergueram. Ele podia ouvir o nervosismo na voz, mas também podia perceber o conhecimento. Ela sabia exatamente o que ele queria dela.

—Picolé, agora não é a hora.

—E por que você está me chamando por esse nome horrendo?— Exasperação enchia a voz dela. Desta vez, ele não pôde impedir o sorriso de curvar os lábios.

—Picolé? Porque você é tão doce para lambar e chupar. E acho que fiquei viciado, picolé. Quero mais. Muito mais.

A declaração parou Sierra enquanto ela começava a andar pelo cômodo até ele. Ela podia jurar que cada zona erógena de seu corpo saltou, e cada faísca de raiva que ele podia ter possivelmente acendido chamejava dentro dela também.

Ele falou como se lembrasse. Como se houvesse significado algo para ele. Ela duvidava seriamente de que ele tivesse alguma pista.

—Como você saberia? Você desmaiou.

—Entre as coxas mais doces que eu já tive em volta do meu rosto. — Ele sorriu ampla e dissolutamente. —Eu me lembro dessa parte, docinho, logo antes de desmaiar. Lambendo a bocetinha mais doce e quente que já tive na boca.

Essa era a última coisa que ele se lembrava? Babaca. Ele nem se lembrava de se ajoelhar entre as coxas dela, tomá-la e então ter desmaiado.

—Então você acha que eu vou ser o seu brinquedinho enquanto estou aqui?

A ideia realmente tinha seus méritos. De uma variedade limitada, de qualquer maneira. Ela podia sentir a inchação dos peitos, as coxas apertando, a boceta molhando e amortecendo.

O clitóris estava tão sensível agora que ela se perguntou se poderia gozar enquanto andava para mais perto da cozinha. Ser o brinquedo de John a apresentaria a um mundo de prazer supremo, mas infelizmente, iria também incluir um mundo de aflição diferentemente de qualquer coisa que ela quisesse lidar.

O coração dela já tinha sido partido, ela preferia que as partes ainda intatas continuassem assim.

—Posso lidar com isto — ele concordou como se o pensamento nunca o tivesse ocorrido.

—Oh, aposto que você poderia. — Os braços dela cruzaram sobre os peitos apesar da ternura lá. —Que pena que não vai acontecer.

E com isso, ele riu. O som rico e sombrio ricochetou pela espinha dela e enviou calafrios de antecipação e prazer correndo pelo corpo. Ela conhecia aquele som. Sensual, cheio com intento. Mas ela nunca o havia ouvido antes ligado a ela.

—Doce Sierra — ele suspirou com gosto. —Você acha que pode dormir na minha cama noite após a noite e aguentar eu te abraçar, tocar e ainda assim me negar?

—Eu não vou dormir na sua cama. — O pensamento era mais perigoso do que ela queria imaginar.

—Desculpe, mas é exatamente onde você vai dormir. — Uma panela deslizou no fogão, e



como se eles estivessem discutindo nada além do clima, ele começou a fazer o café da manhã. Café suficiente para alimentar um exército.

Sierra podia apenas olhar para ele em choque. Infelizmente, ela conhecia John muito bem, e conhecia aquele tom de voz. Achar um argumento contra ele não seria fácil.

—Você acha que apenas semanas depois daquele ataque eu vou querer algum homem na minha cama?— As palavras saíram antes que ela pudesse pará-las.

Por um segundo, ela podia sentir o medo tomá-la, mas apenas por um segundo, simplesmente porque ela sabia que John seria o último homem no mundo a prejudicá-la.

Não importava o quão bravo ele ficasse com ela, não importava o que ela fizesse. Ele nunca iria prejudicá-la.

—Não, eu não acho que você queira qualquer homem — ele concordou, muito facilmente. —Mas eu não sou qualquer homem, picolé, sou o homem que você realmente quer.

A audácia, a confiança suprema na voz fez os lábios dela separarem momentaneamente, com surpresa completa. O problema com a surpresa era o fato de que ele estava certo. De todos os homens no mundo, John era o que ela nunca tinha parar de desejar, nunca tinha parado de querer. O único que ela jamais temeria que a machucasse fisicamente.

Ela assistiu calada enquanto ele fazia os ovos mexidos e torradas, tentando apresentar um argumento efetivo. Um que a assegurasse de que ele ficaria fora da cama dela, um que a ajudasse a manter a fome profunda que surgia nela longe quando a questão era ele.

Deus a ajudasse se ele realmente a tocasse sóbrio. Se ele não desmaiasse e se esquecesse de todas as partes importantes. Ela não sabia se poderia aguentar permitir que ele a possuísse, saber o que ele estava tirando dela, apenas para mandá-la embora quando estivesse acabado.

—Você se valoriza demais. — E essa tinha sido a resposta mais idiota que ela poderia ter deixado escapar dos lábios.

E se encontrou com um sorriso pequeno, confiante.

—Descobriremos mais tarde — ele a prometeu. —Assim que eu a tiver na minha cama e eu vir o quão profunda são as contusões e quanto amor você pode tomar. Mas esteja preparada, Sierra, você vai compartilhar a minha cama, e eu a tocarei quando eu quiser, quando eu precisar. Você pode ter fugido antes, mas eu sei que nós dois sabemos que os seus dias de fuga acabaram.

Os dias de fuga dela estavam terminados?

Ele nem tinha uma pista do quão duro havia sido para ela ficar longe? Como ela havia chorado cada vez que ignorava as mensagens dele, como ela havia lamentado quando ele havia deixado Boston?

Maldito. Ele havia partido o coração dela naquela noite e não tinha nenhuma ideia do que havia feito a ela. Da mesma maneira que não tinha nenhuma ideia de que havia tomado a inocência dela um segundo antes de desmaiar sobre ela.

O bastardo!

Mas ela não podia negá-lo, tampouco.

Ela sabia muito bem que não conseguiria ficar uma hora na cama com ele sem ceder às



necessidades que ele despertava nela.

Oh, uma parte perversa e brava dela queria. Queria jogar a oferta dele de volta em sua cara e mostrar exatamente o quão facilmente ela podia recusá-lo. O problema era, por mais brava que ele a deixasse, por mais que ele a houvesse ferido, ela não queria recusá-lo. O corpo dela não queria recusá-lo.

Ela se lembrava do prazer da mesma maneira viva que se lembrava da aflição, e ela queria mais. Mais prazer. Mais toques. Mais daqueles beijos letais, e isso exigiria mais dor também.

Ela podia se segurar com o que havia sobrado de seu coração e ainda assim ceder a ele?

Não havia chance. Ele a destruiria e ela iria deixar que ele fizesse isto.

—Você não me fez o suficiente enquanto ainda estava em Boston, não é, John?— Ela perguntou suavemente. —Você não me machucou o suficiente, certo?

—O que eu fiz a você, Sierra?— Confusão cruzou o rosto dele, encheu os olhos. —Eu a beijei, toquei. Nós quase fizemos sexo e então você fugiu. Você não me deu muita chance depois para fazer qualquer coisa.

—E eu não pretendo te dar a chance de fazer qualquer coisa agora — ela o advertiu, apesar do fato de mal poder respirar com as implicações eróticas que corriam na mente. —Posso muito bem dormir no sofá.

Maldito. Cada terminação nervosa do corpo dela estava espiralando com o pensamento dele tocando-a e finalmente terminando o que ele havia começado naquela noite um ano atrás.

Mas ela havia aprendido algo naquela noite, algo sobre si mesma ao menos. Ela havia aprendido que queria mais de John do que seus beijos, suas carícias. Um dia ela pensara que isso seria o suficiente, se fosse tudo o que ela pudesse ter. Mas não seria. Ele rasgaria o coração dela do peito, deixando-a perdida e só. Tão perdida e sozinha como ela tinha ficado quando soube que ele havia deixado Boston.

Não, ela queria o coração de John.

—O sofá não será nada bom, docinho. — Ele estava agitando a cabeça enquanto arrumava o café da manhã, as costas largas voltadas para ela. John tinha sido magro, mais definido do que musculoso. Ele tinha sido forte antes, mas enquanto ela o assistia se mover, observando os músculos das costas e dos ombros se moverem, ela percebeu que o corpo dele havia mudado mais do que ela havia suspeitado.

Aqueles músculos eram apertados agora, duros, poderosos. Ela se perguntou como seria correr a mão neles, cravar as unhas neles.

—Você está fazendo o meu pau duro me olhando assim — ele declarou sem girar. Sierra quase perdeu a respiração com a luxúria firme e controlada na voz dele.

—O que o faz pensar que você vale a pena olhar, bobo? — ela retrucou furiosamente.

Ele riu e o som foi diretamente para as coxas dela, apertou-as, então seguiu para o útero com uma explosão de calor. Maldito, ela podia sentir os fluidos inundando a boceta, os músculos internos apertando, cerrando em fome.

—Posso senti-la olhando para mim. Sempre posso senti-la olhando para mim. — Pelo som da



voz dele, não era uma admissão que ele particularmente gostava.

—É chamado de olhar assassino — ela o informou enquanto se movia para o bar para assisti-lo mais próximo. —A maior parte do tempo a minha vontade é bater algo na sua cabeça.

Ele relampejou um sorriso. Um sorriso encantador e devasso que fez as borboletas no estômago³ dela girarem em excitação.

—Isso explica por que sempre parece um golpe muito íntimo, não é, querida? Pessoalmente, acho que você queria estar na minha cama há anos.

Ele sabia que ela queria.

John se voltou para o fogão pela simples razão que se continuasse olhando para ela, o café da manhã queimaria e seu pau provavelmente rasgaria através da calça jeans.

Ele deveria ter percebido anos atrás o que estava acontecendo, mas ele não o fez. Da mesma maneira que devia ter percebido o que estava acontecendo consigo mesmo.

Metade do tempo ele ficava bravo com ela, ou perplexo pelo fato de ela afetá-lo. Ele fazia de tudo para desculpar sua excitação por ela, com a simples mentira que ela era simplesmente uma mulher bonita e ele muito sexual, como a maior parte das amantes dele o acusavam de ser.

O fato era, ele a queria. Ela tinha sido uma parte da vida dele desde que era pequena, então admitir não havia sido fácil. Até a noite em que a sua linda e pequena Sierra o havia salvado de uma vida com um casamento gelado com Marlena, ele não queria enfrentar exatamente o que ela tinha feito por ele desde que tinha feito a tenra idade de dezoito anos.

—Pessoalmente, acho que ficar escondido nas montanhas deve ter apodrecido o cerebrozinho que você tinha — ela retrucou.

Ele não tinha que olhar para ela para saber que seus olhos cinza estavam iluminados com partes iguais de raiva e excitação. Inferno, ele podia ouvir na voz, podia sentir no ar ao redor deles.

De qualquer maneira, ele deu uma olhada rápida para ela e, inferno, ele devia ter mantido os olhos na comida. O olhar dele foi imediatamente atraído para os mamilos duros sob a blusa.

Ela não estava usando sutiã.

Ele havia percebido mais cedo, e fazia sentido que ela não o estivesse usando. Se as contusões eram tão ruins quanto haviam dito, e ele não tinha nenhuma dúvida que fossem, então um sutiã teria sido extremamente doloroso.

Sem sutiã, ele podia ver seu efeito nela e o pensamento de ter os mamilos dela na boca novamente fez o pau dele pulsar em resposta.

Ele podia sentir o suor banhar a testa enquanto olhava de volta para o bacon fritando e quase se amaldiçoou antes de sacudir a frigideira depressa.

Sim, ela iria fazê-lo queimar o café da manhã, e ele não queria fazer isto. Ela precisava de boa comida e bastante sono.

³ Borboletas no estômago - os estadunidenses têm uma expressão: butterflies in one's stomach, que quer dizer aquela sensação de medo ou ansiedade na altura do estômago que normalmente sentimos quando temos algo importante a fazer.



—Você não tem remédios para tomar antes de comer?— Ele perguntou, mudando o assunto depressa.

—Não gosto deles. — Havia um tom amotinado na voz. —Eles me deixam dopada.

—Eles te fazem melhorar, agora tome. — Ele não iria discutir com ela quando a saúde dela era a questão. —O meu pai marcou um médico para você, ele é um bom homem. E estará aqui amanhã à tarde. Você pode discutir a prescrição com ele. Até lá, tome o comprimido.

Ele colocou o bacon em um prato, deslizou a caçarola de volta no fogão e girou o olhar para ela. Os braços estavam cruzados sobre os peitos, os olhos estreitados.

—Você não pode me forçar — ela o informou, o queixo balançado obstinadamente.

John suspirou.

—Você realmente quer brigar, Sierra? Sobre algo tão importante quanto a sua saúde? Tome os remédios, ou eu não pararei. Encherei o seu saco. Falarei muito. Chamarei o Rowdy, o pai e mãe dele virão para o barco e, confie em mim, Ray pode ser mais protetor do que o meu pai. Se não der certo, então eu chamarei os primos do Rowdy e as suas esposas. Eles trarão os bebês, e não vão te deixar segurá-los. Eles farão carrancas e aconselharão você...

—Pare!— As mãos dela ergueram enquanto ela girava, marchava para a bolsa e retirava o frasco enquanto ele pegava água da geladeira e a deixava na mesa para ela depois de abri-la.

Ela estava muito dolorida para tentar brigar, mas tentou. Mas tomou o medicamento, encarando-o a cada segundo. Ele podia ver tanto em seu rosto expressivo, emoções e necessidades que o enfureciam e atraíam. Enfureciam porque ele as deveria ter visto desde o princípio.

—Farei com que pague por isso — ela o advertiu furiosamente. —Você vai ver se não.

—Contanto que você esteja saudável o suficiente para tentar... — Ele encolheu os ombros com um sorriso. —Então você terá a minha permissão.

—Tente colocar um pouco de bom senso nessa cabeça — ela murmurou enquanto se sentava cuidadosamente em um dos tamboretos do bar. —Você é tão chato como um espinho na bunda, John.

—Não sou ainda — ele prometeu, e o pensamento daquele adorável traseiro quase parou sua respiração. —Mas chegarei lá. Prometo, picolé. Chegarei lá.

Capítulo 4

O café da manhã foi comido em um silêncio cansado. Sierra quase podia sentir o relógio batendo, o conhecimento de que assim que a comida estivesse acabada, ela não poderia lutar contra a insistência dele de que ela fosse para a cama.

Ela estava tão cansada e o remédio apenas aumentava seu cansaço.

O médico a advertira de que ela precisava dormir tanto quanto possível, descansar e se



recuperar. Quem a atacou, por alguma razão, havia sido duro. Duro o suficiente para os socos nas coxas fossem incrivelmente profundos, sem mencionar que o aperto havia deixado marcas dos dedos na carne.

Os peitos dela ainda estavam tão doloridos que ela não podia aguentar um sutiã, e as costelas doíam. Ela simplesmente não tinha sido apenas apertada com força, ela havia sido atingida por mãos firmes e enluvadas com socos enquanto ela lutava e gritava.

Forçar a memória a apagar não era fácil. O remédio para dor fazia mais difícil. Era uma das razões pelas qual ela odiava tomá-lo.

—Vamos, você está dormindo sentada — John anunciou enquanto se erguia da cadeira e pegava os pratos. —Você precisa descansar.

Era já metade da manhã e ela provavelmente dormiria o resto do dia. Ela odiava fazer isto. O sol estava brilhante, morno e claro, e a brisa que vinha da água era revigorante. Ela teria adorado ficar no deck superior e se banhar com os raios curativos do sol.

—Vamos, querida. — O tórax de Sierra apertou com o tom gentil da voz dele enquanto ele se movia para a cadeira dela como se fosse carregá-la novamente.

—Gostaria que você apenas parasse de tentar me carregar por aí como um maldito recém-nascido. — Erguendo da cadeira cuidadosamente, ela respirou fundo e poderia tê-lo encarado se os olhos dela não estivessem tão pesados. —Estou dolorida, não quebrada.

Ela odiava parecer impotente, e não tinha condições de estar nos braços dele novamente. Estar nos braços dele significava sentir a força deles, o calor, e se lembrar muito claramente do que ela quase tivera.

—Você me preocupa com a sua teimosia, Sierra — ele rosnou, mas não tentou pegá-la. Em vez disso, ficou por perto até que ela se moveu para o sofá. —Tente se deitar naquele sofá, e eu vou levá-la diretamente para cima, de qualquer maneira. Eu te disse, você vai dormir comigo.

Ele não tinha pregado o olho desde que o pai o havia ligado na véspera. Ele ficara acordado a maior parte da noite imaginando o horror que ela deveria ter sentido na noite em que foi atacada. Isso o impediu de dormir, impediu-o de apreciar a paz do verão à noite.

Ele a queria nos braços. Inferno, ele quase havia dirigido para Boston e simplesmente a pegado em vez de esperar a irmã dele entregá-la.

—Vou ligar para o seu pai — ela murmurou, mas girou e se dirigiu para os degraus. —Vou dizer a ele que você se transformou em um tirano.

—Ele entenderá completamente — ele a assegurou, os lábios quase tendo um espasmo com o pequeno bufar feminino de desgosto que ela deu.

Ela chegou aos degraus, mas quando entrou no quarto luxuoso, era óbvio que estava mais exausta do que antes.

—Tire a roupa. — Ele podia ver o intento dela de deitar completamente vestida na cama.

Movendo-se para a cama maior do que uma king size, ele puxou de volta a coberta, os lençóis e então girou e olhou para ela uma vez mais.

Ela o estava olhando com olhos cinza feridos.



—Por que, John?— Ela suspirou. —O que importa?

—Porque algum bastardo ousou abusar do que eu considero meu — ele grunhiu, surpreendendo a si mesmo com a veemência no tom. —Quero ver o que ele fez, Sierra. Quero saber, porque quando eu conseguir colocar as minhas mãos nele, saberei exatamente o que devo fazer.

Sierra o encarou, algo escondido, uma parte previamente desconhecida da alma dela começou a relaxar. Ela sabia que John nunca a machucaria. Ele nunca deixaria que qualquer outro a machucasse, mas agora parecia que algo mais fundo dentro dela reconhecia isso também.

Lambendo os lábios, ela agarrou a bainha da camiseta e tentou não estremecer enquanto a puxava sobre a cabeça. Ela não estava usando sutiã, nada escondia as contusões que ainda marcavam sua carne.

A pele dela marcava facilmente; sempre havia sido assim. E contusões permaneciam pelo que parecia uma eternidade. Duas semanas e as marcas roxas e azuis ainda pareciam quase frescas.

Ela ignorou John, recusando-se a examinar o rosto dele enquanto ela tirava o tênis e então deslizava a calça jeans pelos quadris e abaixo pelas pernas.

Ela usava uma calcinha, mas a seda cor de creme suave era pouca proteção.

—Alguém vai morrer.

O som da voz dele fez o olhar dela ir para seu rosto. Os olhos azuis-violeta estavam furiosos, a expressão sombria, proibitiva, enquanto Sierra sentia lágrimas erguerem aos olhos.

—Eu lutei — ela sussurrou, de repente tremendo, a voz trêmula. —Você sempre me disse para lutar, John. Eu lutei... — Ela lutou o máximo que podia. Ela gritou e ignorou a dor. Tudo o que ela podia fazer era pensar que um estranho estava tentando roubar dela uma das escolhas mais vitais que ela podia fazer.

—Meu Deus! Bebê. — Alguns passos e ele estava na frente dela, erguendo-a nos braços apesar de ela ter pedido que ele não a carregasse.

Ele a ergueu, apenas para deitá-la cuidadosamente na cama antes de se sentar ao lado dela, as mãos suavemente elevando os braços dela até que eles estavam estirados sobre a cabeça.

John podia sentir uma agonia em chamas o rasgando. Ele nunca deveria ter deixado Boston. Não tão cedo. Ele deveria tê-la forçado a vê-lo, achado um modo de passar de sua teimosia. Ele deveria ter estado lá para protegê-la.

Com os nós dos dedos, ele acariciava o lado inferior dos braços dela e as marcas purpúreas, deixando os seios dela cheios e com os mamilos duros. Marcas de dedo severas arruinavam a carne, mas os mamilos, tão doces, apertados e duros, eram do mesmo cor-de-rosa tenro, sem feridas e tentadores demais.

Abaixo dos seios havia sobras de contusões, onde ela tinha sido atingida, apesar de os socos não terem acertado tão duro quanto ele sabia que tinham sido feito para ser. Ele podia dizer pela posição que o filho da puta havia tentado danificar as costelas dela.

Mais abaixo, ao longo das coxas arredondadas, havia contusões mais pesadas. Marcas de



dedo, impressões de um polegar.

Ele separou as coxas dela suavemente, tentando ignorar a umidade que podia ver contra a seda da calcinha. Tentando realmente forte ignorar o fato de que não havia nenhum cacho sob a seda.

Ele não se lembrava disso por alguma razão. Ele teve a boca naquela boceta, lambendo-a como um homem faminto devorando um manjar, mas ele não se lembrava de que não havia nenhum cacho lá.

Retraíndo uma respiração dura, funda, ele deslizou os dedos sob a faixa da calcinha antes de erguer os olhos para os dela.

—Deixe-me tirá-la, Sierra.

Ela ergueu os quadris. A sensualidade nebulosa enchia o olhar agora, corando o rosto. Os lábios atrevidos estavam separados, a língua rosa preguiçosa lambia com um golpe lento e úmido enquanto ele tirava a seda do corpo dela.

—Deus, sonhei com isso por um ano — ele sussurrou.

Por mais do que um ano. Ele havia sonhado antes e se recusado a se permitir reconhecer aqueles sonhos.

—John, toque-me. — O apelo foi diretamente ao pau dele.

Por que diabo ele continuava ouvindo inocência na voz dela, por que continuava vendo-a nos olhos? Quando ele olhava nas profundidades de lousa cinza, via uma mulher que não tinha a mínima ideia do prazer que seu corpo podia experimentar, das alturas que a excitação poderia levá-la.

O olhar dele afundou no corpo dela uma vez mais, um gemido rasgando da garganta ao ver a cobertura molhada brilhando nas dobras da boceta. O clitóris, uma adorável e pequena pérola rosada espiava por entre aquelas dobras, tentando seus lábios, sua língua.

—Você não sabe o que faz a um homem — ele rosnou enquanto se movia para mais perto, debruçando-se sobre ela até que seus lábios podiam deslizar contra os dela. —Você me deixa faminto, picolé.

Um sorriso lento enrolou os lábios sob os dele.

—Seu picolé?

Inferno! Ele não iria sobreviver a isto. A sensualidade sonolenta no rosto e na voz dela era mais do que ele podia aguentar.

—Meu picolé. — E ele não deixaria outro homem ter um gosto dele agora.

Os lábios dele abaixaram contra os dela mais firmemente, a língua correndo pela costura dos lábios até que eles se separaram para ele, até que a língua dela saiu e se encontrou com a dele e um gemido baixo e feminino encontrou seu beijo.

Deus, ele se lembrava do beijo. De todas as coisas, o que ele mais se lembrava daquela memória alcoolizada era o gosto do beijo. Como a inocência mais doce.

Como ela conseguia isto? Ela havia saído com mais homens do que ele podia nomear ao longo dos anos. Não havia nenhum modo de aquela inocência ser tão pura quanto parecia.



Ele não se importava, porém. Inferno, ele não era exatamente um virgem e não esperava encontrar uma virgem. Ele não dava a mínima. Daqui em diante, ela pertenceria somente a ele; ele se asseguraria disso.

Embolando os dedos nos cachos espessos e pretos azulados que emolduravam o rosto dela, John a segurou no lugar e aprofundou o beijo. A língua afundou na boca, tocou a dela, e ele sentiu os lábios dela apertarem os dele sensualmente. Ela sugou a língua dele com prazer preguiçoso, fazendo o pau dele apertar com a memória dos lábios dela chupando-o também.

Maldição, ela o estava deixando quente. Ele deveria ter ligado o ar condicionado antes de trazê-la para o quarto.

O roçar dos mamilos dela queimava contra a camiseta dele enquanto ela arqueava contra ele. Os peitos cheios e inchados eram almofadados contra o tórax dele, e o calor deles corria pelo corpo dele como um narcótico.

Ele não podia pensar em qualquer coisa melhor do que enfiar o pau bem no fundo das profundidades apertadas e lisas da boceta dela.

Por apenas um segundo, como um flash, ele podia ter jurado que já havia feito isso antes. Sentido-a, tão apertado que pensou que morreria. Então sumiu, sobras de sonhos que ele havia sonhado ao longo dos anos. Fantasias que ele não podia evitar.

Rasgando os lábios dos dela, John começou a dar prazer a ela. Simplesmente prazer. Nenhuma pressão. Desta vez não era para ele, era para Sierra.

Ela havia sido machucada, contundida, quase quebrada. Ele queria enxugar aquela memória da mente dela. Apagá-la e substituí-la com prazer doce, satisfação. Ele queria que ela conhecesse a gentileza, a excitação aquecida, o calor da realização sexual.

Ela estava cansada, exausta, mas ele sabia que ela não havia dormido bem. Isso era algo ele tinha a intenção de ajudá-la esta manhã.

Sierra mal conteve o grito que teria rasgado de seus lábios enquanto os lábios de John se moviam por sua garganta e para os seios. O corpo inteiro dela estava sensível, mas estranhamente, ela não podia sentir dor.

Não havia nenhuma dor.

Havia apenas o toque de John, a sensação dos lábios e da língua acariciando o caminho para um mamilo enquanto ele se erguia duro e apertado para os lábios dele.

—Não me provoque, John — ela gemeu, arqueando para mais perto dos lábios dele, desesperada para senti-los envolvendo o mamilo.

—Você me provocou — ele sussurrou, sexo puro enchendo a voz. —Por um ano, Sierra, o pensamento de seu toque me provocou quase até a loucura.

A cabeça dele abaixou, a sensação da língua correndo em torno da ponta sensível do mamilo duro roubou sua respiração. O calor úmido acariciava a carne e enviava sensações espiralando os sentidos.

Lambidas lentas, deliberadas, cada uma evitando o mamilo, indo ao redor, provocando tão inacreditavelmente que as mãos dela deslizaram pelo cabelo dele para segurá-lo no lugar.



O que era mais destrutivo? Ela se perguntou. Aquelas lambidas preguiçosas, ou se ele realmente tomasse o mamilo na boca?

Ela não tinha nenhuma ideia da resposta para a pergunta, mas queria saber.

Antes que ela pudesse verbalizar a demanda, o apelo, os lábios dele cobriram o cume tenro, chupando-o para dentro de sua boca enquanto as terminações nervosas dela começavam a se revoltar caoticamente.

Sierra podia sentir os mamilos ficando impossivelmente mais duros. A ponta tenra que ele segurava entre os lábios pulsou e doeu, êxtase cortando por ele e fatiando até o útero enquanto ele o chupava mais duro.

Roçando a língua contra ele, um grunhido de aprovação rosnou no tórax dele à medida que ela arqueava, tentando ficar mais perto, lutando para apertá-lo mais fundo na boca.

A sensação dos ombros, dos músculos se movendo e juntando sob as mãos dela, fizeram as unhas dela afundarem na carne dele enquanto a língua corria sobre um mamilo novamente.

A sucção da boca combinou com a chupada da língua contra o nervo na ponta e um grito quase rasgou dos lábios dela. Ele a chupava mais duro agora, mais fundo, a língua chicoteando sobre a ponta sensível com tal prazer destrutivo que ela se sentia quase fora de controle.

Os quadris curvaram, a abertura das coxas aumentou enquanto ela apertava o calor molhado das dobras contra a força dura da coxa dele e o montava com prazer.

Ele tinha que saber o quão desesperada ela estava por seu toque agora. O quão desesperada ela sempre tinha sido. Não havia como disfarçar agora. Não importava o quanto ela desejasse poder lutar contra isto, era opressivo.

—John — ela disse o nome dele enquanto a mão dele deslizava da cintura até a coxa nua. — O que você está tentando fazer comigo?

Ela estava tão molhada que podia sentir os sucos espessos e pesados nas dobras nuas da boceta à medida que ele recuava, mantendo-a quieta com uma mão enquanto a outra acariciava. Os dedos junto à coxa, ficando mais perto enquanto os lábios se moviam para o outro mamilo, incluindo-o no calor de sua boca enquanto ela arqueava e permitia que as coxas ficassem ainda mais separadas. Ela precisava dos dedos dele mais perto de sua carne dolorida, do calor pulsante do clitóris.

Enquanto os lábios puxavam o mamilo, os dedos acharam o nó delicado de tecido, cercaram, e oh, tão delicadamente, começaram a ordenhar o pequeno núcleo.

Os olhos de Sierra arregalaram. As coxas apertaram até que ela podia sentir os músculos puxando, tremendo. Ela podia sentir o orgasmo erguendo dentro dela. Ela podia senti-lo pulsando, batendo por seus sentidos, formando uma onda de calor e desespero.

Que diabo ele estava fazendo com ela?

Ela puxou, tentando erguer para mais perto enquanto ele ordenhava o clitóris com golpes lentos, firmes. Golpes que afiavam a dor-prazer, fazendo o corpo dela puxar em prazer.

—John... — ela arquejou dizendo o nome dele, a cabeça afundando em desespero.

Sierra podia sentir os fluidos saírem da carne entre as coxas, um orvalho espesso, pesado,



cobrindo as dobras íntimas, preparando a carne para uma penetração que ela sentia como se estivesse morrendo para sentir.

Erguendo a cabeça lentamente, John olhou as feições ofuscadas de Sierra. Lambeu um mamilo, então o outro, sentiu o tremor dela em resposta enquanto continuava o delicado pulsar do clitóris inchado.

Ela estava tão perto do orgasmo. Tão perto que ele quase podia saboreá-lo se derramando em seus lábios.

—Eu me lembro de ter saboreado você naquela noite, Sierra — ele gemeu enquanto começava a beijá-la pelos seios, amando o gosto salgado da transpiração dela sobre a pele. —A sensação da minha língua dentro da sua boceta, sentindo o quão aquecida e quente você é. Juro, o seu gosto me assombra.

Ela empurrou no aperto dele, quadris arqueando, unhas arranhando os ombros dele enquanto os lábios se aproximavam do montículo sedoso, brilhante e avermelhado de sua boceta.

Maldição. Ela iria gostar. Ele se certificaria de que ela apreciasse. Isso era para deleite dela.

A língua dele deslizou para dentro da racha estreita, e com uma lambida longa e lenta ele jurou que ficou bêbado com o gosto dela. Um gosto que explodia contra sua língua como o mel picante, um néctar viciante e sensual.

Sierra sentiu uma corrida de calor para a boceta. A língua dele corria, banhando-a lenta e facilmente, circulando o clitóris suavemente, muito suavemente. Ela puxou contra ele, precisando de um toque mais firme, mais calor para ativar a explosão que ela queria alcançar tão desesperadamente.

Os joelhos ergueram, os pés afundaram no colchão, ela empurrou as dobras íntimas contra os lábios dele, os dedos enroscando em seu cabelo, e ela lutou para respirar. O calor corria por ela, transpiração banhava a carne, fazendo o corpo dela quase tão liso quanto às dobras que John acariciava tão intimamente.

A língua dele era má, destrutiva. Lambendo ao redor seu clitóris uma última vez, ele se moveu mais para baixo, os dedos abrindo as dobras nuas da boceta e se movendo sempre mais para o centro dolorido.

—Sim — ela sussurrou. —Oh, Deus, John, por favor...

A cabeça dela afundava contra o colchão e ainda assim ele não dava a ela nenhuma clemência. Ele lambeu a entrada, aumentando a umidade da vagina com os movimentos de sua língua ávida.

Os quadris dela se moviam, girando contra os lábios dele à medida que ela ofegava, alcançando, lutando por aquela explosão que ela sabia que ele podia dar a ela.

Fazia tanto tempo.

Tantos meses sombrios, só, com nada além da memória do toque dele, nada além da memória de seu prazer.

Sierra podia sentir o desespero erguer dentro dela. O prazer queimava por seu corpo, rasgava por seus sentidos.



—Maldição, deixe-me gozar já!— O grito foi quebrado, pedindo, exigindo.

John ficou tenso entre as coxas dela, a mão prendendo no alto das pernas dela, separando-as mais um segundo antes de sua língua mergulhar no líquido quente, nas profundidades aos espasmos da boceta dela.

Quase. Quase.

Sensações a banhavam como uma maré. Sierra prendeu a respiração, lutando para montar a extremidade sensual enquanto a língua dele começava a se mover dentro dela. Empurrando, mergulhando, fodendo as profundidades pegajosas enquanto Sierra começava a se contorcer sob ele. Ela não podia ficar quieta, teria o orgasmo. Se não tivesse, ela não iria, não conseguiria sobreviver.

Clamando o nome dele, ela sentiu a língua dele ir para longe dela, movendo os lábios, cobrindo o clitóris e o chupando em sua boca novamente. Ele o pegou, a língua chicoteou ao redor até que a explosão que a balançou fez com que ela soltasse um grito estrangulado de êxtase.

Os dedos dela apertaram no cabelo dele. As coxas apertaram ao redor da cabeça dele, e enquanto ele chupava mais fundo, dois dedos entraram nas profundidades aos espasmos da boceta dela e lançaram-na mais alto.

Ela o sentia fodê-la com os dedos, mergulhando-os dentro dela, prazer e dor correndo por ela, trazendo gritos mudos de prazer, apertando o corpo, chicoteando seus sentidos com raptos puros e absolutos até que ela jurou que explodiria em fragmentos.

Ela estava pulsando, as chamas lentamente aliviando, pulsando pelo corpo enquanto ela sentia os lábios e a língua dele aliviando, mais acariciando do que atijando. Acariciando em vez de devorando, até que Sierra sentiu seus sentidos escurecendo lentamente.

Esgotamento corria por ela com quase a mesma força do orgasmo. Antes que ela soubesse, ele a havia tomado, sugado-a para um sono profundo, sem sonhos e a forçou a dormir, descansar, finalmente para escapar da perda que a havia assombrado. A perda do homem que agora a abraçava uma vez mais.

Capítulo 5

Sierra acordou lentamente naquela noite, uma sensação de satisfação preguiçosa radiando por seu corpo ao sentir o calor junto de suas costas e o braço duro através de seus quadris.

Ela estava ao lado dele, as costas dobradas contra seu peito, a largura pesada de seu pau subindo espesso e pesado ao longo da abertura das nádegas dela.

A consciência total não havia voltado ainda, e ela sabia. O sentimento de sensualidade aventureira era como uma luz, brilhante e quente, aquecendo o útero e sensibilizando a carne.

Ela estava muito faminta por ele. Ela não conseguia ter o suficiente. Ela tinha anos e anos que precisava compensar, e pouquíssimo tempo para fazer isto. Ela esperava que o pai de John



ligasse a qualquer hora para informá-los de que sabia quem a havia atacado e que essa pessoa estava sob custódia.

Ela estava nos braços de John por tempo restrito.

Ela devia tirar maior proveito desse tempo. Ela podia ficar brava com ele mais tarde. Poderia se lembrar mais tarde de todas as razões pelas quais ela não deveria estar em seus braços. Mas por esse momento, ela podia ser a mulher que sempre quis ser com ele. Uma mulher que sabia o que procurava. A mulher que podia aceitá-lo, amá-lo e se ligar ao coração dele.

Fazia sentido.

Estirando, ela se esfregou contra o comprimento duro dele contra as nádegas, a respiração prendendo quando os dedos dele desceram pelo abdômen dela e se moveram lentamente para um seio cheio e sensível.

Os dedos dele o envolveram, o polegar acariciando o mamilo, e quando ela apoiou a cabeça contra o ombro dele, virando seu rosto para ele, os lábios dele cobriram os dela.

A fome preguiçosa se construía, movendo por ela como as chamas baixas de um fogo se aquecendo rapidamente e saindo de controle.

As brasas eram ardentes, as chamas lambiam a carne, tornando-a a mulher sensual que ela sempre soube que seria nos braços dele.

—Eu não serei fácil — ele gemeu enquanto beliscava os lábios dela. —Está me ouvindo, Sierra? Isso para aqui e agora, ou tomá-la não será feito tão suavemente quanto deveria ser na primeira vez.

—Hmm, não é a primeira vez de qualquer maneira — ela o lembrou sonolenta enquanto se movia contra ele, abrindo as coxas enquanto sentia o pau dele cutucar contra a entrada.

—A primeira vez comigo — ele rosnou.

—Você não se lembra tão bem — ela sussurrou antes de suas costas curvarem e outro grito deixar seus lábios. A cabeça era larga e a abria, estirando a entrada, apertando o interior para completar a possessão destrutiva que ele havia começado um ano antes.

Ele não pararia desta vez, ela se assegurou enquanto o sentia erguer a perna dela e colocá-la sobre a dele. Abriu-a mais, permitindo que a carne dura de sua ereção penetrasse mais fundo.

Segurando no pulso dele, Sierra sentiu o ardor se tornar uma chama forte, controlada. Os quadris dele se moveram e ela apertou de volta, a respiração dela era áspera e desigual enquanto o sentia começar a se mover dentro dela.

A entrada era lenta, um movimento deslizante que a penetrou mais distante a cada punhalada dos quadris. Cada retirada fez com que ela clamasse com os beijos famintos que ele dava em seus lábios.

As línguas enroscavam, gostos ferventes se tornavam uma fome furiosa a cada segundo, cada punhalada lenta o enterrava mais fundo, estirado-a ainda mais.

Os dedos dela cravaram no pulso dele enquanto o êxtase e a agonia ígnea da penetração arrasavam pelos sentidos dela agora como um fogo fátuo.

—Maldição, você é tão apertada. — Rasgando os lábios dos dela, ele moveu a mão do seio



dela até o núcleo duro do clitóris.

Os dedos circulavam, acariciavam e formavam chamas furiosas sob a carne.

—John. — Ela se esticou contra ele, abrindo-se mais e tomando mais. Mais até o ponto de poder sentir a boceta queimando com a invasão enquanto o clitóris começava a bater em uma necessidade agonizante de liberação.

Empurrando de volta contra ele novamente, ela sentiu a punhalada pesada contra ela, dentro dela, e congelou em choque. Ele estava enterrado dentro dela agora, completamente, as bolas apertando contra ela enquanto ela sentia o pênis dele pulsando dentro dela.

Os dedos de uma mão dela cerraram nos lençóis embaixo deles. Ela não sabia se ia para frente ou para trás ou se empurrava mais o clitóris contra os dedos dele.

—Sierra, não posso fazer isto fácil — ele gemeu.

—Isto é fácil?— Ela arquejou. Não havia nada fácil. Ela estava tão cheia, estirada ao ponto da carne queimar com prazer, criando uma conflagração de sensações que ameaçavam deixá-la louca.

—Ah, inferno. — Ele puxou de volta, e deu uma punhalada.

Sierra empurrou e se curvou, o corpo ficando de repente tão faminto pela dor-prazer daquela penetração dura que estava tremendo em resposta.

Ele se moveu, colocou-a de barriga para baixo e subiu sobre ela, os braços envolvendo os ombros e os joelhos envolvendo os quadris dela enquanto ele começava a se mover. Foi então que ela soube o que ele queria dizer com fácil. E por ser incapaz de fazer fácil.

Ela sentiu o suor dele gotejar em seu ombro e olhou para ele, vendo os olhos azuis-violeta selvagens, estreitados para ela, a luxúria queimando no rosto.

E ele estava se movendo.

Sierra começou a estremecer enquanto sensação atrás de sensação começava a se rebelar por seu corpo. Ela estava morrendo sob ele agora.

—Mais. — Ela não podia conter o apelo, a demanda por mais.

Os quadris dela ergueram mais, os joelhos afundaram na cama enquanto ela lutava por mais, ela tinha necessidade, desejava mais.

—John, tudo bem — ela gemeu, sentindo as sensações correndo pelo corpo, logo sob a carne, rasgando pelo útero.

Atrás dela, os lábios dele foram para o ombro dela, dando pequenos beijos afiados enquanto os quadris estocavam para dentro dela, empurrando duro e fundo, enchendo-a até que ela se sentia pronta para estourar de prazer.

Cada centímetro do corpo dela pedia o orgasmo agora. O golpe do pau dentro dela, áspero contra as terminações nervosas tenras e intactas e tecidos sensibilizados, era demais.

Ela se sentia como se estivesse morrendo de prazer sob ele.

—Melhor do que nos sonhos — ele gemeu. —É tão bom, Sierra. Tão gostoso. — As punhaladas ficaram mais duras, enchendo-a enquanto ela sentia os músculos que ele estava invadindo apertando mais, até que ambos estavam gemendo, com as respirações severas e



desesperadas enquanto ela sentia o orgasmo erguendo, queimando mais perto, apertando-a até que a explosão rasgou por seu corpo e seus sentidos.

Agitando sob ele, Sierra lutou para se segurar nele enquanto ele empurrava dentro dela, empurrando fundo e duro até que ele parou e ela sentiu a liberação dele queimar contra o traseiro dela enquanto ele dava um gemido forte e pesado de prazer.

Ela nem mesmo havia pensado em controle da natalidade. Ela não havia considerado o fato de que ele não havia usado um preservativo e ela não estava tomando nada. Não havia necessidade. John não tinha estado em Boston; não houvera nenhuma oportunidade dele tocá-la.

—Sierra. — Ele sussurrou o nome dela contra seu ombro enquanto a beijava suavemente, dando um último tremor sobre ela enquanto os jatos de sêmen aliviavam contra a carne dela. — Por Deus, docinho. Você quase me matou.

Ele desmoronou sobre ela, puxando-a contra ele enquanto lutava para respirar.

—Hmm — ela murmurou. Ela não tinha nem respiração nem inteligência para formar uma resposta no momento.

Tudo o que ela podia fazer era sentir. Sentir o calor a enchendo, a saciedade que a enchia.

—Eu te machuquei?— Havia uma pontada de preocupação na voz dele agora.

Sierra conseguiu agitar a cabeça.

—Me matou.

—Matou, é?— Ele se divertiu agora.

Ela imaginava as expressões dele a cada mudança de tom. Ela o conhecia, percebia. Conhecia a diversão, o olhar ficava claro com riso; com a raiva, cintilava como fogo. Preocupação era um sulco sobre as sobrancelhas; a condolência era uma sobriedade que dava à expressão uma aparência de emoção pesada.

Ele a conhecia tão bem? Ela se perguntou. Claro que não.

—Você está pensando demais, Sierra — ele disse preguiçosamente. —Posso sentir a sua mente trabalhando, examinando cuidadosamente as coisas, dissecando-as. Deixe fluir apenas, docinho. — Outro beijo no ombro dela e ela estava franzindo o cenho para a parede através do quarto.

—Essa é a sua nova filosofia, John?— Ela perguntou cautelosamente. —Preocupe-se amanhã?

Ele riu.

—Não mesmo. Mas não faz sentido pensar tão sério sobre algo que não se firmou ainda, também. Vá com calma, picolé. As coisas se resolverão sozinhas, não importa o quanto você se preocupe com elas.

—Que droga de jeito de viver — ela suspirou, movendo-se dele apesar da relutância óbvia dele de deixá-la sair de seus braços.

—Um jeito melhor de viver.

Ela olhou para ele, vendo a despreocupação óbvia com a própria nudez enquanto a assistia da cama. Quanto a ela, ela pegou o lençol que havia caído no chão e se envolveu com ele.



Ela se sentia mais no controle, menos vulnerável com ao menos uma coberta parcial.

—Como esse pode ser um jeito melhor de se viver, John?— Ela perguntou. —Talvez eu precise compreender como me defender de você. Você vai me destruir antes que isto esteja terminado.

Ele fez uma carranca de volta para ela.

—Porque nós fizemos sexo? O seu coração foi partido cada vez que você foi para a cama com um homem?

—Quase — ela retrucou, os lábios afinando. Afinal, ela não tivera nenhum amante antes de John.

Ele agitou a cabeça.

—Bobby Worthington ficou muito arrasado, pelo que eu me lembro. Ele disse que você saiu da cama dele e sequer olhou para trás.

Bobby Worthington, ela quase riu com o pensamento, mas a seriedade na expressão dele protelou a diversão. Ela estava ferrada. Ele havia acreditado nas fofocas e rumores? Desde o princípio, ele havia acreditado todas as vezes que um daqueles bastardos havia jurado que havia dormido com ela?

—Diga-me, John, você admitiria que uma mulher simplesmente fosse embora assim?— Ela o questionou sarcasticamente. —Pense bem. Bobby tem mais ego do que bom senso, e isso é evidentemente uma característica masculina, porque você não parece ser mais esperto no momento.

Ela agitou a cabeça enquanto ele fazia uma carranca para ela, o olhar estreitado como se ele estivesse se decidindo se deveria ou não acreditar nela.

—Preciso tomar banho. — Ela não estava se defendendo dele e, com toda a certeza, não iria chorar novamente. O que ela faria era exatamente o que ele disse que ela não deveria fazer. Compreender como impedir que o próprio coração fosse partido.

Ele se ergueu preguiçosamente da cama.

—O chuveiro é para lá. — Ele apontou para uma porta para o lado de fora. —Colocarei as suas bolsas na cama, coloque as suas coisas na cômoda extra. — Ele apontou para um conjunto baixo de gavetas embutidas. —Pedirei o jantar. Hoje à noite, teremos algumas coisas para conversar, planos a fazer, então começaremos de lá.

—Não consigo imaginar que tipo de planos precisamos fazer. — Ela encolheu os ombros enquanto seguia para o chuveiro. —O seu pai descobrirá logo, e então eu irei para casa. Nada demais.

Nada demais?

John assistiu enquanto ela se movia para o chuveiro e depois batia a porta. Ela estava brava.

A cara dela quando ele havia mencionado Bobby... Deveria ter havido alguma desilusão extrema lá, como se ela não pudesse acreditar que ele havia mencionado isto.

Que diabo estava acontecendo com ela?

Ela tinha sido tão apertada quanto uma virgem, mas ele estava muito certo de que ela não



era nenhuma virgem. Tão próximo disso que poderia ter sido uma, uma parte dele discutiu.

E o que ela havia dito? Que ele não se lembrava daquela noite corretamente.

Uma ova que ele não se lembrava. Ele havia desmaiado entre as coxas dela, o gosto daquela boceta gostosa ainda nos lábios. Não havia nenhum modo de ele ter se esquecido de tomá-la.

Inferno, Sierra sempre o confundia. Ela nunca era direta em nada. Ela sempre mantinha as coisas para si mesma, fosse prazer ou dor, e raramente os compartilhava. Arrancar informações dela era quase tão difícil quanto tirar leite de pedra.

Mas havia informações que teriam que surgir. Havia alguma razão para ela ter sido atacada. O pai dele havia procurado um estuprador em série, mas não havia nenhum ataque que combinasse com o método, e não havia nenhuma razão para acreditar que isto fosse qualquer coisa exceto pessoal.

Quem iria querer machucá-la?

Isso era o que John tinha a intenção de descobrir, e então tinha a intenção de fazer algo sobre isto.

Capítulo 6

Fazê-la falar naquela noite não funcionou como John esperava. Assim que eles jantaram, Sierra foi dormir no sofá enquanto John ligava para o pai dele e discutia sobre a investigação.

Não havia informações novas.

John compassou no deck superior do Sonhos Travessos Molhados, frustração o corroendo enquanto ele tentava juntar as informações que tinha. Que não eram muitas.

O atacante tinha sido, obviamente, masculino. A companheira de quarto dela que havia entrado repentinamente naquela noite não tinha visto a cor do cabelo ou dos olhos, mas havia julgado sua altura em torno de um metro e oitenta e dois. Podia ser qualquer pessoa.

Enquanto John estava de pé na grade, uma cerveja na mão, o som de passos lentos e iguais pela doca chamaram sua atenção.

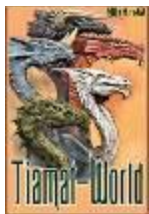
Ao ver, ele quase gemeu de irritação. Mas a maioria das pessoas gemia de irritação quando Timothy Cranston fazia sua aparição.

O pequeno duende radical, como os primos Mackay o chamavam. Um antigo agente especial da Segurança Interna que se aposentou de Somerset depois da conclusão de uma investigação que havia revelado uma organização terrorista doméstica na área.

Ele pausou diante do barco.

—Estou aqui em cima, Cranston — John gritou, a noite e a água levando a sua voz claramente para o outro homem.

—Ah, o enganoso John Walker Júnior. — A diversão no tom de voz do homem era apenas extremamente irritante.



Ele se moveu do deck para a escadaria espiral que levava à área de banho de sol da casa flutuante.

—Que pena que eu não seja nada melhor na parte enganosa — John grunhiu. —Que diabo você quer?— Cranston subiu no deck, o sorriso ainda no rosto enquanto John se debruçava contra a murada e o encarava.

—Os Walkers têm bastante história nesta área — Timothy meditou enquanto caminhava através do deck para o frigobar e tirava uma cerveja.

John o assistiu abrir a cerveja e tomar um longo gole, e ficou se perguntando o que o ex-agente especial estava fazendo aqui.

“Calculando” e “manipulando” eram duas das condições mais amáveis que costumavam se referir a Cranston. Voltando-se para ele, Cranston se moveu para mais perto, optando por se sentar em uma das espreguiçadeiras em frente de onde John estava de pé.

—Não perguntarei novamente — John declarou com muito mais paciência do que sentia. Cranston apenas riu.

—Os meninos dos Mackay usam esse mesmo tom comigo, John. Não os ajuda e não vai ajudá-lo.

Sem dúvida o puto acabaria sendo morto um destes dias. Do que John entendia, ele estava extremamente propenso a foder com as vidas de muitas pessoas.

—Você tem um problema — Cranston declarou finalmente.

—E você é um deles — John assinalou.

A risada baixa de Cranston voou pela noite.

—Isto pode ser verdade — o homem concordou e anuiu com a cabeça. —Mas, honestamente, JW, eu poderia facilmente me tornar o seu melhor amigo.

—Não se você continuar me chamando de JW.

Ele mesmo poderia matar o bastardo se isso continuasse.

—É assim que a maioria das pessoas por aqui te chama, sabia? — Timothy o informou. — Especialmente aqueles que conhecem o seu pai.

John conteve um suspiro. Muitas pessoas nesta área se lembravam do pai dele antes de eles se mudarem para Boston. Ou talvez ‘escapado de Boston’ fosse um modo melhor de se descrever.

—Chega de palhaçada, Cranston. — John agitou a cabeça, cansado. —Por que você está aqui?

—Porque alguém estava hoje na cidade fazendo algumas perguntas muito diretas sobre John Walker Júnior. Alguém que não é, obviamente, da área.

John congelou. Ninguém além dos pais dele e das irmãs sabiam onde ele estava, e não havia nenhuma razão para alguém que ele conhecesse tê-lo seguido até Somerset, Kentucky.

—Quem era ele?

—Ela. — Cranston sorriu amplamente. —A investigadora intrépida reivindicava ser sua noiva.

John olhou para ele em choque mudo.



—Eu não tenho noiva — ele respondeu.

Cranston virou a cerveja e a terminou, então colocou a garrafa no chão do deck.

—Ela não parece muito uma dama — Cranston observou. —Estranho, não consigo imaginá-lo com uma mulher assim, mesmo que por pouco tempo.

John permaneceu mudo, recusando-se a responder a pergunta sutil. Cranston o encarava, da mesma forma mudo.

John não podia imaginar Marlena em Somerset, Kentucky, por nenhuma razão. Tinha que ser um erro. Mas Cranston não era um homem que cometia erros.

—Estranho, nesse ano que você está aqui, ninguém questionou a sua chegada, nem o seguiu. Achei engraçado esta mulher ter chegado apenas horas depois de você ter se encontrado com o avião da sua irmã na pista de voo privada do Hickley e pegado uma passageira.

John cruzou os braços sobre o tórax e conteve o xingamento pesado pairando nos lábios. Inferno, ele não precisava disso.

—O que é da sua conta se alguém reivindica pela cidade ser a minha noiva?— John balançou a cabeça e encarou o outro homem.

—Bem, normalmente, eu realmente não me importaria — Cranston o assegurou. —Mas o sobrenome Genoa me chamou a atenção. Você estava ciente de que a família da sua ex-noiva é suspeita de estar envolvida com uma das maiores famílias criminosas da nação?

Porra!

John esfregou a ponta do nariz e não pôde imaginar por que não ficou surpreso.

—Não, Cranston, eu não tinha ideia.

Cranston anuiu a cabeça em resposta.

— Investiguei muito a sua família quando conheci a sua irmã. — Ele sorriu amplamente com a memória. —Ela é um mulherão, mas eu tinha um trabalho a fazer no momento. Claro, isso foi antes do compromisso dela. A coisa que eu aprendi foi que a família Walker era incrivelmente leal, sem mencionar patriótica. Quando descobri que você estava comprometido com uma mulher da família Genoa, fiquei muito surpreso.

—Não durou muito — John assinalou zombeteiramente.

—Porque Sierra o salvou da furada — Cranston grunhiu. —Havia agentes do Serviço de Segurança Interna no restaurante na noite em que a Sra. Genoa estava lá sob vigilância. Os relatórios eram bastante precisos. Assim que verifiquei mais, descobri que a Sra. Lucas tinha sido um instrumento não apenas para quebrar o seu compromisso, mas também para parar uma infusão muito precisa de prosperidade financeira na família Genoa, que os teria impulsionado de volta às boas graças de sua família estendida. O capital Walker seria usado para lavar dinheiro bastante sujo.

John apenas podia agitar a cabeça.

—Cranston, o que o faz pensar que nem mesmo os criminosos não podem se casar por amor?

—Claro que eles podem. — Cranston o encarava como que surpreso. —Eles apenas não



sobrevivem a isto, normalmente. O que é bom para todos nós que trabalhamos com a lei.

—Eu deveria ter estudado a oferta do meu tio de me mudar para a Califórnia — John suspirou roucamente, mas sabia que nunca poderia ter feito isso. Inferno, ele amava Somerset, especialmente nos dias em que não tinha que lidar com Cranston.

Ele estava descobrindo coisas hoje à noite que realmente não queria. Coisas que ele realmente não dava a mínima.

—Marlena não é mais parte da minha vida, Cranston — John assinalou.

—Isso explica então por que ela estava na cidade, certo?— O sorriso de Cranston era benigno, quase inocente. Não, isso não explicava nada.

—Ela partiu esta tarde — Timothy continuou falando. —Mas não como antes, pelo o que eu entendi, ela fez uma viagem para cá, para a marina.

Graças a Deus Sierra havia dormido a tarde toda e John estava certo de que não havia nenhum modo de Marlena ter conseguido a informação de que Sierra estava lá. Ninguém sabia que ela estava lá exceto os Mackays, e eles não diriam a ninguém, ele estava certo disto.

—O que está acontecendo, John?— Cranston perguntou então, o tom completamente sério. —Há relatórios de Boston dizendo que a Sra. Lucas foi atacada depois que você deixou a cidade, quase estuprada, machucada. Ela desapareceu depois de ser abrigada pela sua família, e agora um membro da família Genoa está aqui, procurando por você. Depois de um ano? Diga-me, garoto, você acredita em coincidências?

Inferno, não, ele não acreditava, mas não podia ser qualquer outra coisa, podia?

—Você acha que a Marlena está por trás do ataque na Sierra?

—Pessoalmente, não apagaria essa possibilidade — Cranston grunhiu. —Mas a Sra. Lucas parece certa de que seu atacante era homem. Meu ponto é: a sua ex-noiva está aqui, depois de um ano, horas depois da chegada da Sra. Lucas. Com as conexões dela, achar a sua amiga não seria duro, John. Ache você, e eles acham Sierra. Um garoto de dez anos de idade poderia perceber isso.

—E o que diabo isso tem a ver com você?— John perguntou mesmo enquanto deixava as informações tomarem sua mente e considerar as possibilidades. —Por que você está envolvido nisso, Cranston?

O outro homem respirou fortemente.

—É muito duro se aposentar, John. Eu vejo as coisas. Essa sempre foi a minha força na Segurança Interna. Eu podia pegar as coincidências e ligá-las, podia ver ligações quando não parecia haver nenhuma. — Ele olhava fixa e sombriamente para John. —Está agitando as minhas entranhas. É assim desde que eu reconheci Marlena Genoa entrando no Café do Mackay na cidade e percebi quem ela estava procurando. A chegada dela aqui não é boa coisa.

E John não podia defendê-la. Ele não podia protestar. Ele não podia defendê-la e tentar reivindicar que Marlena não era capaz de estar envolvida em algo tão sinistro quanto o ataque a Sierra. Ele conhecia a veia vingativa de Marlena. Se ele adicionasse a isso as conexões a possíveis criminosos...



—Por que vir aqui se ela tem todas estas conexões?— John perguntou a Cranston, franzindo o cenho enquanto tentava montar as peças do quebra-cabeça na mente.

—Como eu disse, a família dela perdeu financeiramente, o que baixou o nível dela dentro da família. O casamento dela com você teria consertado isso e fornecido um modo de lavar dinheiro, ou desviar capitais para investimentos de pequenas finanças para a família. De qualquer modo, a família dela poderia ter voltado ao ramo. Ela está fazendo seu próprio trabalho sujo porque não tem escolha. Se ela é como os outros membros de sua família, então ela está atrás de vingança. A outra garota está ganhando.

John bufou.

—Isto aqui não é uma escola, Cranston.

—Não, é a vida real, e onde diabo você pensa que os jogos como esse começam, se não na escola? Estas mulheres aprendem desde a pré-escola como manipular e dar o troco. Não imagine que a vida frequentemente não imite os jogos da escola.

Fazer isto se encaixar na cabeça dele não era tão fácil, porém. Marlena não estava acima da vingança social, mas executar um ataque contra Sierra?

—Então você está dizendo que Marlena organizou o ataque para se vingar de Sierra por me informar do caso dela com Gerard? Por que esperar um ano depois de que eu cessei bruscamente o noivado?

—Estou te dizendo que as minhas entranhas estão se remexendo — Timothy rosnou. —Eu a vi, ouvi perguntar às pessoas sobre você e quaisquer convidados que poderia estar vivendo com você, e as coisas começaram a se juntar na minha cabeça. E eu sou um cara muito curioso, John. Curioso e muito interessado em coisas como essa. Somerset é a minha casa agora, e eu cuido do que é meu. Isso significa você e aquela inocente garotinha com quem você tem dormindo no barco. Do que eu descobri, ela é uma mulher muito boa. As mulheres são para serem protegidas, JW, e esse é o nosso trabalho. Esse é um trabalho que eu levo muito a sério.

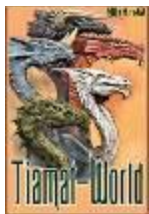
Ele havia ouvido que Cranston havia tomado o Município de Pulaski como dele, e estava deixando o Xerife Mayes assim como o Chefe da Polícia de Somerset, Alex Jansen, loucos com a interferência. Loucos, porque ele estava invariavelmente certo. E, invariavelmente, os casos de Cranston sempre eram ao redor de mulheres.

John correu os dedos pelo cabelo cansadamente.

—Se é isso o que está realmente acontecendo, então para que nível de ameaça eu estou olhando?

Cranston bateu os dedos contra o braço de sua cadeira.

—A família Genoa está sem dinheiro, mas há ainda alguns favores que eles podem cobrar. Não muitos, e contratar assassinos custa muito dinheiro. Diria que se ela não tentar fazer algo por si mesma, então a pessoa que trabalha com ela deve algo pessoal. Meu conselho é para manter a Srta. Lucas longe das vistas, e se você entrar em contato com a Srta. Genoa, veja o quanto pode deixá-la puta. Mulheres são sempre mulheres, meu amigo, e muitas delas sempre botam as coisas a perder na hora da raiva.



John agitou a cabeça. Marlena era fria demais, fria como gelo. Fazê-la rachar não seria tão fácil.

—Não há nenhuma chance de que ela simplesmente desista — John meditou em voz alta.

—Não uma Genoa — Timothy grunhiu. —Ela está aqui fazendo o trabalho de campo, então quem a está ajudando o atingirá. Precisamos descobrir quem a está ajudando e o porquê para que possamos parar isto.

—E como fazemos isso?— John perguntou curiosamente.

—Sempre achei que uma Glock⁴ funciona realmente bem. — Ele soou muito sério, e John achou a ideia muito, muito atraente.

—Gosto da ideia, mas acho que se nós dois quisermos ficar fora da prisão, devemos pensar em outra coisa. — Timothy riu enquanto se erguia da cadeira. —Sabia que gostaria de você, JW.

—Continue me chamando de JW e eu matarei você com certeza — John o advertiu.

Timothy apenas deu outra pequena risada.

—Já que nós não podemos matá-los, vamos ter que provar a conspiração e o intento. Será mais difícil. Mas temos ajuda. Os meninos Mackay estão procurando por um pouco de excitação. O casamento é bom para eles, mas acho que eles sentem um pouco a falta da adrenalina, também. Tenho um antigo agente na área ou dois. Trabalharemos com eles. Aguarde um dia ou dois e verei o que conseguirei bolar.

As sobrancelhas de John se ergueram. Estranhamente, ele não podia se lembrar de ter pedido a Cranston para lidar com isso por ele. Mas ele havia ouvido coisas sobre o antigo agente especial. Ele deixaria o pequeno duende fazer do seu modo por enquanto. John tinha uma mulher para proteger. Sua mulher, e cuidar de Sierra era mais importante do que a caça à Marlena.

—Como você pretende lidar com isto, Cranston?— Curiosidade estava ganhando dele.

—Fazendo o que eu faço melhor. — O sorriso de Cranston era inocente, divertido, e francamente apavorante. —Fazendo o que eu faço melhor.

Manipulando tudo e todos que estivessem envolvidos ou que ele pudesse envolver, John pensou. Isso era o que Cranston fazia melhor. Essa era uma proposição muito assustadora se metade do que John havia ouvido sobre ele estivesse correto.

—Cranston, você está aposentado, e ainda está tentando proteger o mundo?— John teria se divertido se não estivesse completamente ciente do quanto Timothy Cranston sempre havia sido dedicado à justiça.

O antigo agente pausou e desviou a vista para o lago escurecido por longos momentos antes de falar.

—Eu tive uma filha um dia. — Ele falou baixo, a voz cheia com a dor sombria da perda. — Tive uma esposa, e elas me amavam, sabe. — Ele se voltou para John. — Sou espertinho e desleixado, e quando conheci a minha esposa, Deus sabe o quão rápido virei um alcoólatra, mas

⁴ Glock - uma empresa austríaca fabricante de armas e materiais de cutelaria. É preferida por policiais em grande parte pelo marketing e grande aceitação entre forças paramilitares e policiais no mundo.



ela me salvou. E a minha filha me fez perceber a razão da minha existência. Quando ela nasceu, a minha esposa me fez jurar que não acontecesse o que acontecesse, eu nunca mais me deixaria afundar novamente. — Ele agitou a cabeça à medida que respirava fundo. — Os monstros tomaram as minhas damas de mim, John. Homens que não tinham nenhum respeito pela lei ou pela humanidade. Eu jurei para a minha linda esposa que nunca mais me embriagaria novamente, mas não jurei que eu não apagaria a maior quantidade de monstros que pudesse. É assim que eu vivo. É para isso que eu vivo. Porque se eu me matar, então não terei nenhuma chance de encontrar as minhas damas no céu, não é?

Com isto, Cranston girou e se moveu para os degraus.

— É por isso que você está aqui — John disse antes de ele partir. — É por isso que você fica em Somerset, porque os Mackays são a sua família agora, não é?

Ele agitou a cabeça.

— Não. Estou aqui porque um Mackay se casou com uma agente que me lembra tanto a minha filha que eu não pude evitar e a amo como se fosse uma filha. Fico aqui porque há trabalho a ser feito, e porque os Mackays me permitem que eu seja uma parte de suas vidas. Sem eles, eu não sei se poderia cumprir a promessa que fez a minha esposa assim que o Departamento me cortou. É por isso que estou aqui.

Para um homem tão desleixado, preguiçoso e desajeitado como Timothy Cranston, ele se movia com um silêncio tal enquanto deixava a casa flutuante que John podia apenas invejar, e John ficou ponderando sobre o que ele sentia que precisava.

Ele se perguntou se os Mackays estavam cientes da razão pela qual Timothy Cranston havia se fixado em Somerset. Eles o toleravam na maior parte do tempo; gostavam do pequeno bastardo radical e calculista, não havia dúvida. Mas John tinha o pressentimento de que eles não tinham nenhuma ideia da razão verdadeira pela qual o homem ainda estava aqui, botando o nariz nas vidas deles e se autodenominado “Tio Timmy” para as crianças deles enquanto os pais davam olhares zombeteiros.

E agora parecia que Cranston queria adotá-lo junto com Sierra.

Agitando a cabeça com uma risada sentida, John girou de volta para o interior do barco quando um movimento atraiu seu olhar. Era sutil, um cintilar de metal onde não deveria existir. Um pequeno ponto de luz, quase como uma lente de binóculos. Esteve lá por apenas um segundo, não mais, e então havia sumido.

Um truque da luz? Ele havia visto isto antes durante os últimos meses e essa era a explicação que ele dava a si mesmo. E se fosse algo mais?

Movendo-se para os degraus, John os desceu depressa até que estava uma vez mais na sala de estar da casa flutuante.

Sierra ainda estava dormindo pacificamente na cama, as pestanas espessas e pesadas contra a bochecha, as mechas longas dos cachos pretos espessos caindo ao redor do rosto e dos ombros. Ela parecia um anjo. Tão inocente e tão sensual ao mesmo tempo.

A camiseta e a bermuda enormes que ela usava davam-na uma aparência de garotinha, e de



inocência. Ele fez uma careta, um flash brilhou por sua mente enquanto fazia uma carranca. Ele se erguendo entre as coxas dela, se ajustando a ela?

Ele agitou a cabeça. A fantasia daquela primeira noite, a noite em que ele quase a teve, ainda o atormentava. Ele ainda não conseguia ver tudo.

Fechando as portas e puxando as cortinas, ele se moveu para a parte de trás da casa flutuante e o pequeno escritório que usava como quarto de visitas. Lá, ele puxou a cortina para o lado e observou a margem próxima.

Sombras se moveram enquanto o olhar dele estreitava. Aquela sensação na nuca que ele havia adquirido na Marinha o incomodou.

Havia com certeza alguém lá, definitivamente uma ameaça. E estava lá desde muito antes da chegada de Sierra. Apenas hoje à noite ele teve o conhecimento de que podia se tornar uma ameaça com o formigar em sua nuca.

Porque Sierra estava lá.

Ele pegou o celular do quadril e apertou o botão de discagem automática.

—Dawg. — Dawg Mackay respondeu no primeiro toque.

—Há olhos em mim — ele disse tranquilamente.

—Onde?— Dawg ficou imediatamente alertava.

—Na traseira, posição das nove horas. Encontre-me lá de manhã.

—Que manhã, nada — Dawg rosnou. —Chamarei os outros, estaremos aí em minutos.

—E eles terão ido embora — John adivinhou. —Tenho um problema aqui, Dawg. Apenas pegar quem ou que quer que seja não vai resolver. Mas podemos usá-los.

Houve um longo momento de silêncio.

—Ligarei para Cranston.

—Cranston acabou de partir, mas eu ligarei para ele. Venham amanhã de manhã separadamente. Vamos fazer tudo de uma vez, ou Sierra nunca ficará segura.

E nada importava além da segurança dela.

Capítulo 7

Sierra despertou com braços fortes a envolvendo, o calor de John atrás dela, a cabeça descansando contra o topo da dela, as pernas entrelaçadas as dela.

Era definitivamente incomum. Ela nunca havia dormido com um homem antes de John, e ela ficava quase assustada em como era fácil se acostumar a isto.

Nenhuma vez ela havia acordado se perguntando quem estava atrás dela, ou apavorada por que os pesadelos haviam retornado. Nenhuma vez ela havia se sentido desconfortável, ou que não deveria estar aqui. Infelizmente, uma parte dela se sentia como se estivesse em casa.

Ela girou devagar, tentando não acordá-lo, mas querendo ver seu rosto.



As linhas de risada ao lado dos olhos dele não tinham estado lá antes de ele deixar Boston. Pensando nisso, fazia anos desde que ela havia visto John verdadeiramente feliz, até agora. Ele ria agora. A diversão cintilava em seus olhos como fazia há tanto tempo. Antes de ele entrar na marinha. Antes de ele ter voltado do sangue e da morte.

Como ela havia notado antes, ele estava mais forte, mais firme e mais largo. Ele era, pelo lado de fora, o homem que ela sempre soubera que existia do lado de dentro.

Erguendo a mão, usando apenas as pontas dos dedos, ela lentamente empurrou uma mecha longa e espessa de cabelo dele que caíra no rosto.

Ele parecia mais arrogante do que nunca, ela pensou divertida, e John Walker Júnior tinha arrogância em abundância antes de ter deixado Boston. Ele estava mais relaxado aqui, menos austero e crítico. Ele era o homem que havia roubado o coração dela há anos quando ela ainda era uma garotinha.

Enquanto o observava, a ânsia por ele crescia. Era uma extensão natural a qualquer pensamento sobre John. A necessidade infiltrava pelo corpo, aquecia a carne e deixava-a cheia de desejo por ele. Ela sentia nos seios, nos mamilos erguidos. A sensibilidade que apenas surgia sempre que John estava presente, sempre que ela pensava nele.

O calor que construía ia mais para baixo também. Aquecia o clitóris, queimava a vagina e cerrava o útero. De lá, ela sentia a sensibilidade na carne, enchendo-a com um desejo por ele que ela sabia que nunca seria saciado completamente.

Ela arrastou os dedos pelo cabelo dele, até um ombro largo, musculoso. Ligeiramente. Ela manteve o toque leve, querendo sentir o calor e a textura sutil da carne em vez do ferro bem afiado abaixo.

Ela sempre havia amado o corpo dele, mas o amava ainda mais agora. Era um bronze rico, dourado. Aquecido, pulsando e duro como ferro vivo abaixo.

Enquanto os dedos dela vagavam pelo ombro dele, as pestanas dele abriram. Os olhos violeta sonolentos olharam para ela por um segundo antes de ele girar devagar de barriga para cima.

Um convite. Um convite para tocá-lo como ela quisesse, ter o prazer que ela procurava. Ele estava dando a ela carta branca para o corpo dele e os sentidos dela explodiram com fome caótica com a realização.

Movendo-se sobre ele, ela não pôde evitar e queria um beijo agora. Um beijo que ela pudesse medir, controlar, saborear. Os lábios dela abaixaram para os dele, deslizaram contra eles e o corpo inteiro dela cerrou com necessidade enquanto ele respondia sob ela.

O beijo incendiava, mas em vez de arder fora de controle, apenas começou a queimar mais brilhante, mais quente, enquanto mantinha a necessidade de uma carícia lenta, fácil.

Lábios acariciavam, línguas corriam, saboreavam e construía o desejo que erguia entre eles.

Tocá-lo era como estar no centro de uma tempestade de fogo, protegida e ainda assim fluando com o calor. Era como retraindo aquele calor, encher a alma com ele.



O gosto dele infundiu nos sentidos dela, os beijos ficaram mais famintos enquanto ela sentia a necessidade espiralando dentro dela.

Arrancando os lábios dos dele, Sierra levou-os pela carne áspera do pescoço dele enquanto suas mãos acariciavam o abdômen duro. Ela beliscou e lambeu, saboreado e o apreciando como nunca tinha apreciado nada na vida.

Ela se sentia como se estivesse ficando bêbada com ele. Cada gosto dele intoxicava-a ainda mais. Quando as mãos dele prenderam no cabelo dela, o corpo dele arqueou contra o dela, o conhecimento de que ela estava dando prazer a ele aumentava sua própria excitação.

As unhas correram pelas coxas dele, sentindo-as apertarem mais sob o toque dela enquanto os lábios dela se arrastavam pelo abdômen dele. Ela sabia aonde estava indo, e sabia o que procurava.

O controle dele estava por um fio. John podia sentir o controle se soltando apesar da luta dele.

Ele viu o rosto de Sierra, a expressão enquanto ela começava a beijar seu corpo. Ela não estava apenas dando prazer a ele, inferno, ela estava achando prazer em cada toque. Ele nunca tinha visto aquela expressão no rosto de uma mulher antes. Ele nunca vira uma mulher sentindo prazer apenas ao tocá-lo.

O único jeito de se agarrar ao controle era apenas assistir, embora ele soubesse que era o caminho mais rápido de perder o controle.

Lábios inchados sugavam a carne de seu abdômen enquanto unhas ardiam em suas coxas. Uma língua rosa e delicada banhava a carne a apenas mero centímetros da cabeça rígida do pau dele que se erguia entre as coxas.

Maldição, ele a queria. Precisava dela. Mas, ainda mais, ele queria assistir o rosto, ver o prazer. Enquanto a pequena língua aventureira lambia sobre a crista larga e pulsante e roubava sua respiração, ele viu os olhos dela escurecem, o rosto corar ainda mais. Prazer elétrico tomava o corpo dele, queimando por sua espinha enquanto as mãos dele apertavam no cabelo dela.

Inferno, isto era tortura. Era a pior tortura que ele já se havia permitido suportar.

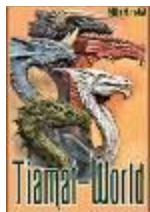
A pequena língua quente batia na cabeça do pênis dele antes de os lábios dela se separarem e puxarem nas profundidades aquecidas de sua boca, mas apenas momentaneamente.

Quando ela o soltou, um esgar apertado puxou os lábios dele enquanto os dedos apertavam mais o cabelo dela.

—Você está me matando — ele gemeu.

Um gemido baixo e leve vibrou contra a seta dele enquanto ela lambia mais para baixo, e então de volta para a cabeça apertada.

Quando os lábios dela sugaram-no para dentro de sua boca uma vez mais, ele jurou que quase havia enlouquecido. Ela o chupou para o fundo imediatamente, como se a necessidade de



ter o gosto dele subjugasse-a.

Os dedos dela envolveram as bolas dele timidamente, mas essa hesitação era mais sensual do que o toque da mulher mais experiente que já o havia tocado lá. O prazer, as sensações, a visão do rosto dela, os lábios cercando o pau, era primoroso. Inferno, o prazer era agora além das sensações físicas e ele se perguntou se poderia fazer algum sentido disto tudo.

—Maldição, Sierra, você está me deixando louco. — Os dedos dele apertaram o cabelo dela uma vez mais, segurando-a no lugar por apenas um segundo enquanto os quadris dele curvavam lentamente.

Então ela bateu nele.

John foi para trás, piscou com o ardor no abdômen, e a pequena mão dela ainda o apertava enquanto a cabeça dela estava erguendo.

—É a minha vez. — O olhar dela era determinado, feroz e faminto. John olhava para ela com os olhos estreitados.

—Eu acordei primeiro — ela o informou. —Eu comecei. Então apenas me deixe me divertir.

Cuidadosamente, ele deitou as mãos na cama, palmas para baixo para permitir aos dedos apertarem os lençóis quando a pressão se tornasse muito grande.

Sierra prosseguiu com a tentativa de deixá-lo louco.

Os lábios e a língua se moviam sobre a cabeça do pau dele como uma mulher faminta, tomando-o enquanto ele lutava para não deixar os quadris arquearem, tentando se impedir de empurrar mais fundo.

Inferno. Ela iria destruí-lo.

Os dedos tocavam suas bolas, pesavam e acariciavam enquanto lábios e língua desafogavam o assolamento no pênis, e não havia nada que ele pudesse fazer para aliviar a tortura, a pressão. Ela recusava a soltá-lo.

Essa era a vez dela, mas a dele viria. Enquanto ele a assistia, viu a umidade da boca enquanto ela a erguia de seu pau, viu os lábios avermelhados, os olhos cheios com fome, ele prometeu a si mesmo que a deixaria da mesma maneira, logo. De modos que ela não podia imaginar.

Lentamente, com um sabor primoroso, os lábios dela ergueram do pau firme dele enquanto ela olhava para ele com olhos sonolentos.

—Eu sonhei com isso — ela sussurrou enquanto recuava sobre o corpo dele. —Sonhei com cada segundo disso.

—O troco será inferno — ele gemeu.

Ela deu um sorriso sensual, um sorriso de sereia enquanto os longos cachos negros caíam como uma cascata ao redor do corpo. Caindo sobre o corpo dele como uma gatinha macia e lustrosa, com a pele de cetim deslizando contra a dele, o calor da boceta tocando a seta dura até que ela o estava escarranchando, acabando com ele com sua sensualidade.

—Nos seus braços, o troco será o paraíso — ela o assegurou, os quadris se movendo, o calor da boceta cutucando a cabeça larga do pau dele.

—Ah, inferno. — Ele iria se perder nisso, ele podia sentir. Inferno, nenhuma outra mulher o



havia tomado assim, amado assim.

O prazer rasgou pelo corpo dele enquanto ela se movia novamente, o calor ardente da carne íntima dela começando a envolver a ereção, os músculos tenros trabalhando sobre a cabeça à medida que ela se movia, tomando-o com movimentos lentos.

Uma tempestade de sensações tomou o corpo dele. As bolas estavam torturadas com o esforço dele de se conter, o pau puxando.

—Onde está a camisinha?— Ela sussurrou enquanto saía de cima dele novamente. —Oh, Deus, John, não sei se poderei sair a tempo.

O corpo dela estava estremecendo enquanto as mãos dele se moviam, tremendo, até a gaveta da mesinha de cabeceira. Ele havia achado uma antes. Uma única camisinha, e ele sabia muito bem que nunca seria o suficiente.

Rasgando o pacote enquanto ela se erguia, ele desenrolou o preservativo depressa no pau, então agarrou os quadris dela e esperou. Era como esperar pela morte e o nascimento, e a paciência dele estava acabando.

Mas a dela também estava. Ela desceu.

E o destruiu com isso.

O pau dele empurrou, pulsou, suor brotando na testa, e mil sensações começaram a correr sobre sua carne.

Ele não podia lidar com isto.

Resistindo sob ela, ele foi mais fundo, esperando o aperto feminino uma vez mais. Em vez disso, ela clamou em prazer, o som o envolvendo e o tomando mais duro.

Apertando as mãos nos quadris dela, ele a fodeu mais fundo, sentindo-a apertá-lo mais duro e rápido enquanto ele se erguia. Ela o acompanhou. Punhalada a punhalada, a boceta ordenhando o pau dele enquanto ele estirava as paredes internas dela até que eles criaram um abraço aquecido e íntimo em torno da seta desesperadamente dura.

Ele queria fodê-la para sempre, mas primeiro ele tinha que esperar tempo o suficiente simplesmente para senti-la gozando em volta dele. Ele não podia esperar para sempre, apesar da agonia do pensamento de perder o prazer dela o envolvendo agora.

O que ela fazia com ele devia ser ilegal.

Subindo, ela o montou, aquela pequena e sensual curva dos lábios dela foi diretamente às bolas dele. Ele jurou que não duraria outros trinta segundos.

Então ela se moveu.

—Porra, Sierra — ele gemeu, o pescoço arqueando enquanto ela começava a montá-lo com um mover liso dos quadris que ele sabia que nenhum dos dois sobreviveria por muito mais.

As mãos dele deslizaram para as nádegas dela, prendendo os globos arredondados e guiando os movimentos, encantado pelo fato de ela não ser perita nisso, simplesmente aventureira. E isso era ainda mais excitante.

Eles se moveram um contra o outro, a punhalada e a aparada escalando em segundos. Vendo o rosto dela, ele soube o momento em que o orgasmo dela começou. O modo como os



olhos ofuscaram ao mesmo tempo em que as punhaladas ficaram aos arrancos. O modo como a boceta começou a ondular e a apertar, o fluxo liso e aquecido de mais fluidos, e então o grito roto e atormentado que rasgou dos lábios dela.

Ela estava gozando ao redor dele, caindo contra seu peito enquanto ele continuava a empurrar dentro dela, tomá-la, fodendo-a até o último tremor de êxtase dela antes de ele ceder à sua própria liberação.

Uma liberação que parecia que despejava sua alma. Arqueando duro e fundo dentro dela, ele ouviu o nome dela deslizar pelos próprios lábios, sentiu a sacudida do corpo, o tremor e então as pulsações severas que começavam a rasgar rapidamente seu corpo.

E exatamente como ele temia. Ele havia se perdido nela.

Capítulo 8

Ela o estava despedaçando. John assistia Sierra se vestir uma hora mais tarde, os olhos cinza pensativos, muito sombrios enquanto ela se olhava no espelho sobre a cômoda e cuidadosamente passava hidratante no rosto.

Havia uma pontada de medo nos olhos dela que ele odiava ver, a mesma pontada que ele havia visto no olhar enquanto ele cuidadosamente localizava as contusões dela que estavam se curando antes de permitir a ela deixar a cama.

Cachos longos e negros caíam pelas costas dela, as mechas espessas cintilavam como seda contra a pele pálida. Ele queria levá-la para o deck superior, nua, banhada em protetor solar e deixá-la se aquecer sob o sol do verão.

O sol era um bálsamo curativo; aqueceria sua carne bonita, a escureceria, e daria a ela uma aparência ainda mais exótica do que ela tinha agora. Primeiro, ele teria que tirá-la da casa flutuante por um dia pelo menos. Ele tinha um lugar mais distante nas docas, uma dos mais privados, mas não era privado o suficiente para evitar que olhares assistissem o corpo nu dela.

Ele não disse a ela que eles estavam sendo assistidos. Não era algo que ele desejava dizer a ela. Ela tinha vindo aqui por causa da segurança, e pensar que o perigo que a havia enfrentado em Boston a havia seguido para cá o deixava homicida.

—Teremos companhia logo — ele disse a ela enquanto ela colocava uma calça de algodão. Ela pausou enquanto colocava uma camiseta azul escura.

—Que tipo da companhia?— Ela perguntou cuidadosamente.

—Esta manhã, alguns amigos meus e seus filhos — ele disse a ela. —Os primos de Rowdy, suas esposas e filhos. Rogue ainda não voltou de sua lua de mel então são apenas os Mackays. É uma doideira quando todos se reúnem, então esteja preparada. As esposas são malvadas, as crianças são adoráveis, uns anjinhos, e vão te bombardear de perguntas, elas vão se vangloriar de seus maridos, e decidir quem e onde vão planejar casamentos. Não as deixe saber que estamos



dormindo juntos. Dará a elas algo para comentar. — Ele sorriu amplamente com uma piscada na direção dela. Não havia nenhum modo de esconder o fato de que ele estava dormindo com ela. Ele havia beijado o pescoço adorável dela apenas um pouco forte demais mais cedo, deixando uma leve marca vermelha que ele considerava um selo de propriedade suprema.

Sierra revirou os olhos.

—Bobo. Como se eles fossem acreditar nisso.

Pelo menos ela o estava chamando de “bobo” novamente. O pequeno insulto brincalhão sempre o assegurava de que ele estava nas boas graças dela e uma vez mais era o amor de sua vida.

Ele havia sentido falta disso, percebeu. Como só havia percebido agora mesmo como a palavra brincalhona sempre o fazia se sentir. Sierra não chamava ninguém mais de “bobo”. Por mais imaturo que soasse, até mesmo para ele, John tinha que admitir que o dava um pouco de esperança.

Inferno, ele não tinha nenhuma intenção de deixá-la ir embora. Ela era dele. Ele apenas tinha que convencê-la disso, e do fato de que não importava com quantos homens ela já houvesse dormido.

Ele quase fez uma carranca com o pensamento enquanto uma parte de sua mente relampejava de novo aquela noite em que ele estivera bêbado e a memória muito nebulosa de sentir a pressão dentro dela.

Um pensamento tendencioso? Ele estava começando a se questionar sobre isto.

—Então, quanto tempo os seus amigos ficarão?— Ela perguntou, tirando-o de seus devaneios.

—Uma hora ou mais. — Empurrando os dedos pelo cabelo úmido para arrumá-lo, ele assistia enquanto ela pegava um pente de dentes largos dele. —O médico virá examiná-la mais à tarde. Enquanto ele estiver aqui, explique o problema com o remédio. Ele deve te dar algo que não a deixe tão sonolenta.

Sierra o enfrentou enquanto arqueava a sobrancelha zombeteiramente.

—Quando você ficou tão mandão, John? Você está começando a parecer o meu pai.

Ele não gostava disso. Sierra quase sorriu amplamente com o olhar sombrio que ele relampejou.

—Não fique petulante, picolé, ou eu posso retaliá-la falando com o médico.

—Vá em frente. — Encolhendo os ombros em despreocupação, Sierra deitou o pente na cômoda e o enfrentou completamente. —Se você vai me tratar como uma criança, então pode fazer isto completamente. Desde quando você começou a acreditar que eu não posso cuidar das coisas mais simples por mim mesma?

Era surpresa o que ela via no olhar azul-violeta brilhante?

—Não pensei em tal coisa, Sierra. — A voz dele era tranquila, sincera, enviando uma labareda de remorso por ela. —Eu estava preocupado. Não ficarei mais. Mas se você não cuidar disto, então estará provando seu ponto de vista, não é?



Maldito. O remorso gelou depressa com a arrogância dele.

—Certo, picolé, você tem mais ou menos dez minutos para terminar de se vestir e descer os degraus se quiser conhecer os bebês. Confie em mim, eles valem a pena estar lá na hora certa.

Com isto, ele deixou o quarto e desceu depressa os degraus, deixando Sierra olhando para ele confusa. Ele era muito brincalhão, ela decidiu. John sempre teve um bom senso de humor, mas ela jurou que o homem que ele era agora estava brincando mais do que sendo sério.

Estas brincadeiras dele iriam enlouquecê-la, porque ela não tinha nenhuma ideia de como lidar com isto, ou como lidar com ele.

Ela terminou de se vestir depressa, como ele a havia aconselhado, se perguntando sobre a família Mackay com a qual John parecia ter feito amizade tão depressa.

Ele não tinha sido um homem que fazia amigos facilmente antes. Ela havia visto quando conheceu Rowdy que John era próximo destas pessoas.

A irmã dele, Candace, disse que John havia achado suas raízes. Que ele finalmente havia achado um lugar onde se sentia em casa. Sierra queria ver aquele lugar. Ela queria encontrar aquelas pessoas.

Descendo a escadaria momentos mais tarde, ela podia ouvir o murmúrio de conversa, a doçura e os risos das crianças. Não apenas uma, ela viu enquanto entrava na área da cozinha e examinava a área de estar, mas quatro. Quatro com aproximadamente doze meses com cabelo preto espesso e varias tonalidades de olhos verdes diabólicos. E todos os quatro giraram para olhar para ela, da mesma forma como os pais e as mães protetores fizeram.

Que grupo interessante. As mulheres eram tão diversas ao primeiro olhar, em altura, cor de cabelo, assim como expressão. Dos quatro homens, apenas um não tinha cabelo preto, mas ele parecia da mesma maneira duro e arrogante, como os outros três.

—Sierra. — A voz de John ergueu em um tom estranho, um que ela nunca havia ouvido ele falar o nome dela antes. —Venha, conheça os meus amigos.

As introduções foram feitas facilmente enquanto John colocava a mão nas costas dela e a levava para o grupo na cadeira reclinável de frente para o sofá onde estavam Chaya, Kelly e Christa Mackay sentadas com Janey Jansen. Janey era uma Mackay antes de se casar com o Chefe da Polícia de Somerset, Alex Jansen, o homem que estava de pé ao lado da cadeira da esposa, os olhos cinza assistindo Sierra curiosamente enquanto os primos dos Mackay a assistiam com graus variados de curiosidade e, estranhamente, aceitação.

A menor bebezinha chamou a atenção dela, porém. Mal andando, o vestido verde flutuando ao redor do corpo frágil, ela foi cambaleando e ofereceu a Sierra uma mordida de um biscoito para bebê que ela segurava com a mão.

O biscoito estava bem roído, gosmento na ponta e o sorriso que a garotinha deu a ela roubou seu coração.

—Você gosta de biscoitos, amor?— Sierra sussurrou enquanto se debruçava para perto, os braços cruzados nos joelhos enquanto a menininha ria para ela. —Aposto que está gostoso.

E ele foi oferecido novamente, desta vez mais solenemente.



Com um sorriso, Sierra se debruçou para perto, fingido dar uma mordida, então deu um beijo rápido na bochecha gordinha dela.

E a criança ficou bem satisfeita. Riu, segurou nos joelho de Sierra e se voltou para a mãe como se ele tivesse acabado de empreender um feito milagroso e tagarelado uma série de palavras ininteligíveis com muitos “ma-ma” misturados.

—E aquela pequena encantadora é do Alex e da Janey, Erin Jansen. Ela é o bebê da família. Atrás dela estava a filha de Natches e Chaya, Bliss. — Bliss olhava para ela solenemente, como se estivesse analisando cada nuance do momento antes de se voltar para o brinquedo com o qual estava brincando. —A de vestido amarelo é a molequinha de Dawg e Christa, Laken. Que está brincando com o caminhozinho. — Sierra não pôde evitar e sorriu. —E o preguiçoso ali dormindo é do Rowdy e da Kelly, Annette. — Bochechas rosadas, cabelo preto, e um rostinho perfeito de bebê, Annette estava cochilando apesar de toda a comoção em um colchão aos pés da mãe. —E aqui estão Faisal e Timothy Cranston. Faisal é filho adotivo de Natches e Chaya, e Timothy é a peste que ninguém consegue se livrar.

Sierra sorriu de volta para o jovem homem de herança do Oriente Médio, que parecia ter vinte e três ou quatro anos, mas foi Timothy Cranston quem segurou por mais tempo o olhar dela.

Ele parecia desajeitado, o cabelo fino bagunçado, os olhos castanhos sombrios e intensos e ainda assim com uma sugestão de escárnio. Ele era mais velho, ela achava que ele deveria estar na casa dos quarenta, e as linhas de sua boca, testa e lábios mostravam um homem que conhecera muito pesar.

—Sr. Cranston, é um prazer conhecê-lo. — Ele a lembrava do pai dela.

A cabeça de Timothy pendeu para o lado enquanto um pequeno sorriso tocava seus lábios. Passando cuidadosamente sobre os bebês, fraldas e brinquedos, ele ofereceu a mão a ela.

O aperto de mão foi gentil, o olhar respeitoso.

—John falou sobre você algumas vezes — ele declarou. —Ele não disse como você é bonita.

Erin tagarelou novamente com excitação antes de Sierra poder responder, os braços erguendo enquanto o rostinho se dividia ao meio com um sorriso enorme.

—E há a minha menina. —A voz de Cranston suavizou, ficou cheia com emoção enquanto ele erguia a menininha e a abraçava contra o peito. —Tio Timmy sentiu a sua falta, doçura.

Tio Timmy?

Sierra olhou ao redor e viu os olhares que os outros estavam dando a ele.

—Você teria que conhecer Cranston para entender — John riu. —Você entenderá.

Ela duvidava bastante, mas deixou as memórias embebidas em vez de lutar contra elas. As mulheres eram um grupo amigável, conversando facilmente sobre muito mais do que bebês. As conversas se moveram até que ela se percebeu falando sobre um debate político alegre enquanto notava John e os outros escapando para o deck superior.

—Ignore-os — Kelly, os olhos azuis com riso, aconselhou-a. — Eles sempre escapam quando nós nos reunimos.

—A menos que haja comida envolvida. — Chaya revirou seus olhos cinza escuros expressivos



enquanto Christa ria com o comentário.

—John disse que a conhece por quase a vida toda — Chaya comentou. —Ele nos informou da sua comida, bebida e filme favoritos e como você ficou com essas contusões. Conte-me, Srta. Lucas, você está usando o nosso John pela sua segurança e então o abandonará, ou tem algo mais permanente em mente?

Sierra piscou. A mulher parecia uma interrogadora em vez de uma mãe, amiga ou esposa.

—Talvez essa seja uma pergunta que você deva fazer ao John — ela declarou enquanto olhava nos olhos da mulher. —Engraçado, a única proposta que eu já ouvi dos lábios dele foi para outra mulher.

—E fiquei sabendo que você cuidou disso bem depressa — Chaya assinalou enquanto as outras mulheres assistiam divertidas.

—Ela o estava enganando. — Sierra estreitou os olhos. —Você tem algum problema comigo, Sra. Mackay?

—Apenas se você deseja partir o coração do John — Chaya a informou. —Então, nós podemos todos ter um problema — Kelly disse harmoniosamente.

—E se ele partir o meu?— Ela perguntou. —Com licença, senhoras, mas não acho que vocês tenha qualquer coisa para se preocupar quando a questão é o John. Ele é garoto crescido, e confie em mim, ele se cuida muito bem.

Ela se perguntou sobre estes novos amigos de John mesmo enquanto ela se perguntava se alguém se importava quando ele havia partido o coração dela.

—Nós nos importáramos se o seu coração fosse partido também, Sierra — Christa declarou então, trazendo a atenção de Sierra. —Mas nós conhecemos John. Sabemos como ele tem falado sobre você durante o último ano, e sabemos que você é importante para ele. Perdoe-nos por sermos protetoras.

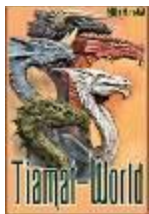
Sierra olhou para ela e por um momento desejou ter amigas como estas quatro mulheres. Mulheres que poderia ter entendido, que poderiam tê-la apoiado naqueles meses quando perder John havia machucado tanto.

—Não tenho nenhum projeto com o seu amigo — ela disse a todas claramente. —Ele é quem deixou Boston, não eu. Agora, acho que seria uma boa ideia mudarmos de assunto.

John saiu da entrada aberta e deu uma olhada rápida para trás para os homens que o haviam seguido para o deck superior, pretendendo se mover para o escritório pela rota mais rápida saindo da sala.

Em vez disso, ele girou e se moveu depressa para a lateral da casa flutuante, e fez seu caminho para os fundos.

Putá que pariu, ele ouviu a dor na voz dela e odiou, da mesma maneira que ele estava certo de que os outros haviam ouvido também. Ele estava chegando à conclusão de que algo mais do



que ele se lembrava tinha acontecido naquela noite em Boston quando ela tinha ido ao apartamento dele.

Ele conhecia Sierra. Ele a conhecia como não conhecia mais nenhuma outra, e ele sabia que um simples desmaio com ela não teria produzido este resultado.

—Menino, você tem algo para consertar com aquela menina — Timothy murmurou enquanto John abria as portas de vidro e saía para os fundos do deck.

—Deixe para lá, Cranston — ele ordenou.

—Vamos apoiá-lo desta vez, John — Dawg declarou, a voz baixa, profunda e intensa. — Aquela menina soava como um cachorrinho que apanhou, e você sabe que não está lidando com isso muito bem.

Os quatro homens atrás dele eram protetores, especialmente se fossem mulheres. Como John entendia, eles sempre tinham sido, mesmo durante sua época selvagem e frequentemente lasciva do passado.

—Vamos nos concentrar em descobrir quem diabo está tentando matá-la, para que eu possa me concentrar em me certificar de que eu não a perca — ele rosnou enquanto se voltava para os outros seis. —Vocês podem fazer isso?

Eles olharam fixamente para ele com graus variados de suspeita.

—Nós te daremos esse tempo, JW — Cranston disse lentamente. —E se ela fugir de volta para Boston em lágrimas, então nós veremos o quão duro podemos chutar o seu maldito traseiro.

John não duvidava nada disso.

—Aqui é o que temos — Dawg entrou na conversa. —Há definitivamente marcas no contorno da costa, mas alguém tentou apagá-los. Pela posição em que o nosso guarda está, eles estavam assistindo seu barco, e estavam lá há algum tempo. Algumas marcas, definitivamente de homem, eu diria de quarenta e três a quarenta e cinco, difícil estar certo depois da tentativa deliberada de apagá-las.

—A Sra. Genoa ainda está na cidade também — Timothy o informou. —Ela estava entrando no Café do Mackay para o almoço enquanto eu estava vindo para cá.

—Ela está lá pelos últimos quatro dias — Faisal disse, o tom baixo. —Ela faz perguntas sobre John Walker: se ele tem uma amante, quem são os seus amigos, alguns simplesmente dão de ombros, e outros dizem a ela para perguntar a ele ela mesma. — Faisal era provavelmente um daqueles “outros” se o seu sorriso zombeteiro fosse qualquer coisa para se deixar passar.

—Ninguém sabe que você tem alguém no barco com você, pelo o que eu posso dizer — Rowdy disse a ele. —Não há nenhuma fofoca sobre ela na marina. A maioria das pessoas aqui realmente não dá a mínima, mas duvido que eles mentissem se tivessem sido perguntados e soubessem.

John agitou a cabeça.

—Ela está aqui dentro até agora. O médico virá mais tarde para verificá-la, então talvez seja uma boa ideia deixá-la escondida durante algum tempo.

—Não ainda. — Natches agitou a cabeça então. —Dawg e Christa vão deixar a Bliss comigo



hoje à noite, Chaya e eu vamos fazer um pouco de caça noturna. Apenas a mantenha do lado de dentro com as cortinas puxadas e nós faremos o resto.

—Odeio isto. — Ele empurrou os dedos inquieto pelo cabelo. —Quero pegar o bastardo eu mesmo, mas não quero deixá-la por tempo suficiente para fazer isto.

Ele confiaria nos outros homens para cuidarem dela a qualquer hora, mas ele sabia que Sierra começaria a fazer perguntas se eles fizessem isso. E ele não queria a briga que viria com isto. Ele tinha um mau pressentimento de que ela iria voltar para Boston se soubesse que o problema a havia seguido até lá.

—Deixe-nos cuidar disso, John — Natches declarou, a voz dura. —Se as coisas começam a ficar perigosas, reavaliaremos então. Agora mesmo, estamos apenas assistindo. De acordo?

Em qualquer outro tempo, John nunca teria confiado naquela declaração vinda de um Mackay selvagem, mas ele sabia que assim que eles encontraram as mulheres que possuíam seus corações, cada um deles ficara mais cuidadoso.

Ele anuiu com a cabeça devagar.

—E enquanto todos estamos cuidando das suas costas, por que não vê o que pode fazer para agarrar aquela menina — Dawg o ordenou com a voz lenta, preguiçosa. —Ela combina com você, John. E muito bem.

E era verdade. Isso era algo que John sabia muito bem. Sierra combinava extremamente com ele.

Capítulo 9

Ela sempre havia servido para ele.

John assistiu Sierra com as esposas e os filhos dos amigos que eram mais como irmãos para ele. Ele sempre havia lutado contra esse conhecimento, e agora, ele simplesmente não podia entender o porquê. Ele havia desperdiçado tantos anos de sua vida fugindo da mulher que ele sabia agora era o seu mundo, e ele nem mesmo sabia o porquê.

Talvez o senso de preservação de um solteirão. Era muito duro de reconhecer que uma mulher podia desnudar a alma dele até o nível básico, mas ela podia reconstruí-la também.

Enquanto o barco esvaziava do clã dos Mackay e seus amigos caóticos, John reconheceu que as coisas que ele não queria enfrentar antes da noite que Sierra forçaram o colapso do noivado dele com Marlena.

Ele quase sorriu amplamente com o pensamento. Ela não tinha nenhuma ideia de que havia feito um grande favor a ele naquela noite, e ele havia levado um tempo para perceber isto, também, ele admitiu.

Não tinha sido a perda de Marlena que o havia afetado tão severamente, porém. Tinha sido a realização de que Sierra havia arriscado a amizade, arriscado basicamente tudo, para salvá-lo de



um casamento condenado ao fracasso.

Ele soube naquela noite. Aquela parte não reconhecida dele que ele havia escondido por tanto tempo que sabia que não apenas os seus dias de solteiro estavam terminados, mas que também seu coração havia sido pego. E isso por um pedaço minúsculo de mulher que tinha sido uma parte de sua vida desde que havia nascido.

Assegurando a casa flutuante, trancando as portas, fechando as cortinas, ele fez o caminho até o quarto, onde Sierra já havia se recolhido.

Entrando no quarto grande, aberto, ele foi pego pela dor quieta no rosto dela enquanto ela se sentava na poltrona próxima às janelas largas, fechadas com firmeza e olhava fixamente o tecido escuro.

—Se eu não estivesse aqui, você teria as cortinas puxadas e as janelas abertas — ela disse suavemente. —A brisa do lago entraria e você estaria em paz.

—Estou em paz agora, Sierra. Não são as janelas abertas ou uma brisa que trazem a paz, docinho. É o que está dentro da alma do homem ou da mulher.

E como diabo ele havia percebido isto?

—Você nunca vai voltar para Boston, não é?— Ela sussurrou, erguendo os olhos cinza, a expressão sombria cheia com tristeza particular. —Quando isto estiver acabado, você ficará aqui. Aqui é a sua casa agora.

—É a minha casa agora — ele concordou enquanto se movia através do quarto e se sentava na cadeira que estava de frente para a dela. —Mas eu a visitarei.

Os lábios dela apertaram enquanto um vacilar pequeno, quase escondido, cruzava sua expressão.

—Nunca pensei que você ficaria longe para sempre — ela disse. —Pensei que você voltaria. Que algum dia alguém me diria que você havia voltado para a sua cobertura, que você estava de volta ao escritório. Que você estava em casa. — Ela esfregou as unhas de uma mão contra a palma da outra. —Isso não vai acontecer, não é?

Ele agitou a cabeça lentamente.

—Nunca mais eu seria feliz lá, Sierra — ele disse a ela. —Eu nunca fui feliz lá antes, eu apenas não sabia. Você nunca foi feliz lá, também.

Ela olhou para ele surpresa.

—É a minha casa, John. Eu fui criada lá.

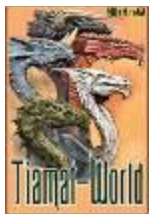
—Você é feliz lá, Sierra?— Ele se debruçou para mais perto. —Tem amigos lá?— Ele colocou um dedo sobre os lábios dela quando ela começou a protestar. —Para quem você foi quando eu parti? Para quem você foi, Sierra, depois que eu desmaiei dentro de você logo após penetrá-la?

Ela empalideceu.

John suspeitava, mas não queria acreditar que tinha sido um imbecil tão completo. Ele envolveu o rosto dele suavemente.

—Eu estava completamente bêbado.

Ela tragou firmemente e a angústia nos lindos olhos dela rasgou o coração dele.



Empurrando os cachos selvagens preto-azulados de volta do rosto dela, John viu a indecisão, os medos.

—O que eu fiz a você naquela noite, Sierra?— Ele perguntou suavemente. —Eu a machuquei?

—Fisicamente?— Os lábios dela afinaram. —Não, John, você não me machucou.

Mas ele não se lembrava, e ela se perguntou se ele ao menos acreditaria que ela tinha sido uma virgem.

Ela não queria conversar com ele agora mesmo. Havia coisas demais dentro dela, muitas emoções com as quais ela não queria lidar hoje à noite.

—Por que você está fechando todas as cortinas?— Ela mudou de assunto, olhado fixamente em torno do quarto e então de volta para John enquanto lutava contra as perguntas nos olhos dele.

—Talvez eu prefira que ninguém veja ou ouça o prazer que eu te dou. — Os lábios dele curvaram em diversão.

Agitando a cabeça, ela olhou ao redor novamente.

—Nós não fazemos sexo vinte e quatro horas por dia, John.

Ela queria a verdade. Ela sentia isto, podia perceber, da mesma maneira que sentia o fato de que ele tinha desaparecidos com os amigos à tarde por alguma razão.

Ele a assistiu pensativamente por vários momentos enquanto Sierra se perguntava se ele continuaria a tentar mentir para ela.

—Acho que o barco está sendo assistido. Quero mantê-la escondida por mais alguns dias até que possamos compreendamos exatamente quem está nos assistindo e o porquê.

O conhecimento, por mais que ela esperasse, ainda assim foi um choque. Ela olhou para ele, lutando contra a sensação de pânico iminente que queria se erguer dentro dela.

Alguém estava assistindo o barco e tinha sido apenas após a chegada dela.

—Não foi apenas um crime fortuito, foi?

O ataque tinha sido planejado. Isso significava que alguém especificamente queria machucá-la.

—Foi minha culpa, Sierra — ele disse baixinho. —Sinto muito.

—Sua culpa. — Ela agitou a cabeça em confusão. —Como pode ser sua culpa?

—Acho que você foi atacada por minha causa. Alguém queria me atingir.

Ela piscou para ele. Atingi-lo?

—Quem quereria atingi-lo?— Ela agitou a cabeça em confusão. —E por que me usar? John, você percebe a falta de sentido nisso?

Ela não podia imaginar qualquer razão pela qual alguém pensaria que machucá-la poderia retaliar John. Por um momento, ela assistiu a fúria proibida no olhar dele e percebeu que ele não estava brincando. Ele realmente queria dizer o que estava dizendo.

—John, isto é loucura. — Ela agitou a cabeça com o pensamento. —Não há nenhuma razão pela qual alguém acreditaria que eu poderia ser usada contra você.



—Exceto Marlena.

Marlena?

—Mas um homem me atacou.

—Um homem que eu suspeito que ela tenha contratado, ou seja, um de seus associados — ele declarou. —O ataque foi investigado por um antigo agente do Departamento de Segurança Interna, assim como o meu pai. Descobriram que Marlena é conectada a uma família de crime organizado, Sierra. Uma relação muito distante, mas uma relação mesmo assim. O casamento dela comigo teria permitido a ela a chance de subir na família. Um advogado renomado, o dinheiro dos Walker, o apoio de uma firma de advocacia altamente respeitável. Ela estava procurando o casamento por mais de uma razão.

Sempre havia existido rumores de que a família Genoa fosse relacionada ao crime organizado, mas nunca havia sido provado.

—O pai dela nunca pareceu um criminoso — ela sussurrou.

Os lábios de John curvaram com uma pontada de diversão sentida.

—James Genoa é tão honesto quanto o dia pode ser longo, Sierra. Isso não significa que o resto da família seja, e não quer dizer que Marlena não esteja determinada a recuperar a condição que ela tinha antes de o pai perdê-la vários anos antes.

Que diabo estava acontecendo?

Ficando de pé, Sierra compassou através do quarto, olhando pelas janelas drapejadas, se sentindo fechado, sentindo a mesma raiva que erguia dentro dela enquanto ela percebia isto, uma vez mais Marlena estava ganhando. Ela havia ganhado a primeira vez quando havia conseguido a aliança de John em seu dedo, a segunda vez quando John havia tomado Sierra e nem se lembrava.

Ela estava ganhando agora. Estava ganhando porque Sierra não teria a chance de ganhar o coração dele. Quando isto estivesse terminado, ele ficaria ávido para se libertar do problema que ela havia trazido para a vida dele.

—Maravilhoso. — O escárnio a encheu, surpreendendo até a si mesma com sua profundidade. —Justamente o que eu precisava - Marlena Genoa para foder o meu verão maldito. — Ela quase riu. Ela teria rido, mas mesmo o escárnio podia despertar diversão suficiente para isto. —Sabe, John, pelo tanto que eu a conheço, ela só tem sido um pé no saco!

John encarava Sierra em surpresa. Essa não era exatamente a resposta que ele esperava. E ele nunca tinha visto Sierra tão brava assim. Ou tão forte.

Não havia medo, não havia lágrima.

—Achei que tivesse sido um crime fortuito. — Ela jogou as mãos para o alto enquanto se voltava para ele. —Eu não podia imaginar o que havia feito, ou por que estava acontecendo comigo. Não podia entender. Não podia compreender como eu tinha sido descuidada o suficiente para permitir que fosse almejada, sabe?

Ele pendeu a cabeça e olhou para ela curiosamente.

—Crime fortuito não acontece exatamente desse modo, Sierra — ele assinalou, tentando esconder seu divertimento.



Essa aqui era a Sierra dele. Brava, sim, mas aquele fogo, aquela chama de determinação teimosa, estava de volta aos olhos. E havia algo mais.

As mãos estavam escoradas nos quadris bem formados.

—Para mim, sim — ela retrucou para ele. —Eu sou cuidadosa. Raramente converso com estranhos. Faço o que é seguro. Não faço sempre o que é seguro? Admita.

—Oh, eu admito. — Ele anuiu com a cabeça. E era a verdade. Sierra era talvez uma das pessoas mais cautelosas que ele conhecia, exceto pelas escolhas questionáveis dela em parceiros sexuais. Como ela havia dito, ela raramente se arriscava.

—Ela estava te enganando. Estava se casando com você por causa do seu dinheiro e que quer que seja que ela precisava fazer para entrar em alguma família criminosa estúpida, ela estava usando seu melhor amigo para te ferrar, e ela acha que eu devia pagar por isso?

As sobrancelhas dele ergueram.

—Você sempre foi a pessoa a compreender as coisas rapidamente — ele assinalou, contendo uma risada.

Os olhos dela estreitaram para ele.

—Com quantos homens você acha que eu fiquei, John?— Ela perguntou então. A pergunta o surpreendeu.

—O que isso importa?— Não era algo que ele queria pensar. Ele não dava a mínima com quantos homens ela tinha ficado, e não queria saber.

—Eu mereço uma resposta a essa pergunta.

—Pelo menos três — ele retrucou. —Você não estava exatamente tentando esconder isto quando estava com Bobby Worthington, Jack Marsden ou Martin Kincade. E se houve mais, não quero saber.

Sierra o encarou.

—Errado.

—Que diabo você quer dizer com errado?— Maldita, ela o deixava louco. Ela podia deixá-lo furioso mais rápido do que qualquer outra mulher na vida.

—Pense, bobo — ela retrucou. —Porque eu não vou explicar.

Ela não ia explicar mais nada para ninguém. Bobby tinha começado como um amigo até que disse a todo mundo que havia dormido com ela. Os outros dois tinham sido próximos, ela admitiu. Havia uma chance de uma relação entre eles, mas por uma razão ou outra, ver John novamente havia interferido. Lembrou-a do que ela procurava, do que ela desejava, e ela havia acabado o namoro bruscamente.

Agora ela estava pagando pelo que não tinha feito.

Bem, ela não iria pagar por isto, com exceção do fato de que John nunca acreditaria que ela tinha sido uma virgem naquela noite.

Maldita Marlena Genoa. Ela tinha conseguido foder completamente a vida de Sierra e não havia tentado realmente nada até agora.

Os braços de John cruzaram sob o tórax largo.



—Sabe, Sierra, eu me lembro de por que você me deixava louco — ele rosnou. —Você tem que uma das mulheres mais teimosas que eu já conheci.

—Não sou, não — ela o informou esquentada. —Confie em mim, John, eu sou a mulher mais teimosa que você jamais conhecerá, você apenas não me deixou puta o suficiente para provar isto até agora.

—Inferno, Sierra. — Ele não podia culpá-la. As decisões dele o retaliavam com ímpeto. — Não posso nem culpá-la por você estar puta.

—E claro, você pensa que é porque aquela vaca da Marlena poderia ter contratado alguém para me atacar. — O desgosto completo na voz dela o surpreendeu. —John, às vezes você é um homem que me deixa completamente enfurecida.

—Mas que porra!— Ele não podia conter uma risada incrédula neste momento. —Pelo que mais você pode ficar puta? Sierra, porra, se eu tivesse qualquer ideia e que você seria ferida...

A mão dela ergueu, a palma erguida tão decisivamente que ele simplesmente se calou. Inferno, a mãe dele usava aquele sinal para silêncio completo. Era quase impossível desobedecer.

—Isso não tem nada a ver com o ataque e tudo a ver com algo que você não entenderia nem se te batesse com força na cara — ela o informou, a altivez na voz fazendo-o imaginar que era o efeito completamente oposto do que ela tinha a intenção.

Porque ele não estava nada repreendido. Mas que inferno, agora o pau dele estava erguido, tão duro quanto ferro e pulsando com uma força que ele nunca havia experimentado antes.

A necessidade de possuí-la, tê-la, remexia selvagem, a que luz brilhava naqueles olhos cinza escuros dela era de repente quase impossível de resistir.

O efeito que ela tinha nele estava apenas ficando mais forte. Todo dia, toda hora, cada momento em que ele estava com ela, e ele apenas a queria mais.

—Eu saberia muitas coisas sem levar um tapa, picolé.

Sierra pegou a libertinagem da voz, o vislumbre carnal de fome naqueles olhos azuis-violeta selvagens, e sentiu o desafio se preparando para erguer dentro dela subindo.

Tinha tudo a ver com a arrogância completa dele. Nunca John tinha mostrado este lado tão claramente. Era normalmente sutil, menos descarado. Normalmente menos desafiador.

Agora, parecia encher o quarto inteiro, fazendo duro de respirar, duro de pensar em qualquer coisa exceto esse homem, a fome e a necessidade de reivindicá-lo.

Ela estava certa de que ele pensava que a estava reivindicando. Havia uma superioridade sobre ele que tinha o potencial de fazer os dentes dela rangerem.

—E o que você pensa que sabe?— Ela retrucou. —Confie em mim, John, quando a questão sou eu, há tão pouco que você sabe que não é nada engraçado.

—Eu sei que você me ama. Sei que me amou a maior parte da sua vida e sempre me amará. Sei disso como fato.

Sierra congelou. Ela podia sentir algo colidindo dentro dela, rachando por seu coração. Ele sabia, e ainda assim, ele a deixaria?

—Há quanto tempo você sabe?— A respiração parou no peito dela. Não parecia haver



oxigênio suficiente no quarto para encher os pulmões.

—Inferno. — Ele respirou roucamente enquanto olhava fixamente para ela, os dedos correndo pelas mechas longas demais do cabelo. —Não era isso o que eu queria dizer, Sierra. É minha culpa, sinto muito mesmo.

Ela agitou a cabeça.

—Não quero a sua desculpa. Você não disse a Marlena para tomar essa decisão e não a pediu para te ferrar. Quero saber há quanto tempo você sabe que eu sou apaixonada por você.

Ela o amou por toda a vida; isso não era nada menos do que a verdade. Ele foi o primeiro amor dela, e não importava o que acontecesse, sem dúvida John seria o único amor dela. E seria um ato incrivelmente duro seguir com qualquer outro homem.

O olhar dele parecia afiar antes de ele agitar a cabeça novamente.

—Eu soube na primeira noite em que você esteve aqui e se deu para mim, apesar das contusões, apesar de ter sido atacada. Conheço você, Sierra, você não faria isso sem uma confiança que vai com carinho.

—De acordo com você, eu foderei com qualquer coisa que tenha calças — ela explodiu. — Como que isso te disse alguma merda?

Fúria relampejou por John. Marchando para ela, ele pegou nos braços superiores dela, puxou-a para ele, e encarou o desafio com os olhos cinza furiosos.

—Nunca disse isso — ele disse por entre dentes friccionados com fúria. —Nunca sugeri nada de mal de você, Sierra.

—Mas poderia— ela chorou de volta. —Você acreditou em cada homem que já reivindicou ter estado na minha cama. Pelo que vejo, poderia até me chamar de puta na lata.

—Sierra, você fez tudo exceto viver com aqueles três homens. — Ele iria arrancar os cabelos assim que fodesse o desafio do pequeno corpo tentador dela. —E que diabo importa se você dormiu com eles? Você acha que eu jogarei isso na sua cara?

Ela tentou sair do aperto dele. Não ia acontecer nem fodendo. Ele de jeito nenhum iria deixá-la enrolá-la desta vez. O temperamento dela enfurecia-o assim como fascinava, mas desta vez, ela não iria ganhar esta discussão.

—Eu acho que você o quê?— Ela estava enraivecida e completamente magnífica. —Você realmente acha que eu daria a mínima se você jogasse? Não, babaca, meu problema é o fato de que eu não dormi com nenhum deles.

As palavras saíram da boca de Sierra antes que ela pudesse parar ou trazê-las de volta, fazendo-a seguir com um rápido.

— Tenho bom gosto para homens.

As sobrancelhas dele ergueram. A cara dele era completamente irritante.

—Docinho, eu realmente não me importo com quem você dormiu antes de mim. — Ficando mais próximo, ele a encarou com determinação. —Com quem você dorme agora é tudo o que importa para mim.

Como diabo ela havia conseguido inverter as coisas? Como as coisas tinham ficado tão



loucas?

Sierra, John admitiu, deixava-o louco. Tão louco que em vez de discutir mais, ele havia decidido que o melhor jeito de convencê-la do quão possessivo ele podia ser, era mostrando.

Os lábios dele cobriram os dela enquanto a cabeça curvava, os braços a cercando e puxando-a mais para perto contra a forma mais dura dele, mais larga. Deus, ela era como seda e cetim vivos contra ele. Como o pedaço mais perfeito de paixão que ele já tivera nos braços.

Lábios docemente curvos se separaram sob os dele, a língua corria sedutoramente contra a dele, puxando-o para dentro do calor de sua boca, provocando-o a possuí-la.

Ela o fazia se sentir vivo. Até mais do que as montanhas ao redor dele, ela o enchia com aquele algo extra que a alma dele estava faminta. Aquela sensação de paz que ele nunca verdadeiramente tinha conhecido até que a teve nos braços.

Da mesma maneira que ele nunca tinha sabido o que era a verdade de sua própria ânsia sexual e sentimental até agora. Ela era o ajuste perfeito de sua vida, contra seu corpo, em sua cama.

Ela não era tímida. Ele tinha a aparência de uma mulher tímida. Era ígnea, apaixonada, e era dele. Ela podia dizer o que procurava, podia pensar no que desejava, ela pertencia a ele, e John tinha a intenção de reivindicar cada centímetro de fome que podia sentir dentro dela.

—Sinta — ele grunhiu enquanto a cabeça erguia. —O que eu lutei desde que você é uma adulta, Sierra. Sinta o que eu lutei sem saber o que a fome dentro da minha própria alma realmente era. Você acha que, mesmo por um segundo, eu questionaria qualquer homem ou qualquer coisa que veio antes de mim?

Os dedos dele cerraram no cabelo dela enquanto uma emoção rota rasgava pelo olhar dela.

—Sinta-me, John, e veja se eu dou a mínima.

Ela ergueu a cabeça dele, a língua correndo nos lábios, e o desafio, junto com a luxúria, a emoção e o calor ígneo e puro o consumiu.

Consumiu a ambos.

Capítulo 10

Ela definitivamente se importava.

Raiva, dor e determinação erguiam dentro dela enquanto caía uma tempestade caótica que ela não tinha nenhuma chance de conter.

Uma parte dela se perguntou se podia culpá-lo por suas percepções, enquanto outra parte gritava - Inferno, sim - ela podia culpá-lo. Ele havia tomado a virgindade dela. Ele tinha sido o primeiro e estava muito bêbado para se lembrar.

Ele se lembrava de tudo, exceto isto, e talvez fosse isso o que a havia deixado puta. Aquela raiva apenas parecia alimentar a fome, porém. Havia algo em ser tocada por John que não era



nada como qualquer outra sensação que ela conhecesse, qualquer sensação que ela já tivesse imaginado antes.

Ela tinha experimentado antes, mas nenhum beijo tinha sido assim. Longo e voraz, lábios e línguas se encontrando, acasalando, sofrendo com fome de tocar mais, saborear mais.

Ela devia ter mais orgulho, ela disse a si mesma.

Outra parte dela discutia, o que o orgulho tinha a ver com este prazer?

Arqueando nos braços dele, os braços enroscaram ao redor do pescoço, os dedos empurrando no cabelo dele para segurá-lo apertado enquanto ele a erguia e movia depressa para a cama.

As costas dela encontraram o colchão enquanto ele vinha sobre ela, os dedos enganchando na faixa da calça e puxando-a pelos quadris, empurrando-a pelas pernas enquanto ela tirava as sandálias dos pés.

As próprias mãos dela estavam ocupadas. Tirando a camiseta pelos ombros, ele deu o beijo por tempo suficiente para tirá-la e a própria camisa do corpo antes de beijar uma vez mais.

Os beijos eram selvagens. Ela os amava.

Correndo as mãos pelas costas dele, a sensação dos músculos dobrando sob as palmas enviando uma seta de calor pura para o útero, a boceta.

As coxas apertando na perna pesada dele que se insinuava entre a dela, erguendo os quadris, caindo, apertando o músculo duro enquanto acariciava o broto inflamado do clitóris através da seda da calcinha.

—Você sempre me faz me sentir como se eu estivesse queimando vivo. — Ela não podia segurar as palavras de volta enquanto os lábios se separavam, movendo pelo queixo dele com beijos ardentes enquanto ela se contorcia em prazer, roçando os mamilos contra o peito dele.

—Deus, Sierra. — Ele pausou sobre ela, o olhar bloqueado no dela. —Você é como uma chama. Tão quente e adorável.

O pescoço dela curvou para os lábios dele antes de a cabeça dela virar, movendo os lábios para o ombro dele, beliscando a carne dura enquanto ela lutava para saboreá-lo o tanto que ele a tocava.

Ela podia sentir a fome completa se preparando dentro dele, sentindo a tensão apertando os músculos que queimavam por ela.

Antes que ela pudesse fazer mais do que arfar, ele estava subindo, ficando de joelhos enquanto se escarranchava sobre a cintura dela, o pau correndo entre os peitos dela enquanto ele os juntava para criar um vale aquecido para sua carne furiosa, queimando.

A cabeça de Sierra abaixou. Dobrando o queixo contra o peito, ela cobriu a ponta com os lábios, correndo com a língua.

Ela não esperava por isto. Ela sabia que ele era sexualmente selvagem; se ele havia ouvido as mentiras sobre ela, então ela também havia ouvido nada menos do que as dissecações tim tim por tim tim de suas façanhas sexuais das amantes que ele havia deixado para trás. Era como se elas pensassem que ao contá-las para ela, poderiam de alguma maneira se sentir melhor pelo que



havam perdido.

—Maldição, seus lábios são lindos. — Ele apertou mais os seios dela juntos, e deslizou a cabeça do pau mais fundo entre os lábios dela, e gemeu quando ela o chupou firmemente.

O gosto dele era como canela e brisa de montanha. O leve gosto salgado do pré-sêmen encontrou os lábios dela. A essência dele explodiu contra a língua, encheu os sentidos e a fome aumentou mais do que antes.

—Que lindo — ele gemeu. —Você sabe o que faz comigo, Sierra? Vendo esses lindos lábios envolvendo o meu pau?

Ela sabia o que a sensação estava fazendo a ela. A sensualidade, a sexualidade emitia fumaça ao redor dela, por ela, até que ela se sentia como se estivesse queimando viva.

Os quadris dele se moveram, a sensação do pau correndo entre os peitos dela, a cabeça fodendo a boca... e ela podia sentir os fluidos correndo livremente entre suas coxas.

A excitação não tinha limites. O estômago de Sierra apertou enquanto a língua acariciava a ponta do pau dele, os lábios abrindo sobre a cabeça larga. Ela estava morrendo de fome do gosto dele, morrendo pelo toque dele.

—Sierra, docinho. — Ele foi para trás antes que ela pudesse pará-lo, as costas erguendo da cama enquanto ela lutava para saboreá-lo uma vez mais.

Movendo abaixo pelo seu corpo novamente, os lábios foram para os mamilos, chupando-os, lambendo-os, puxando os brotos apertados, endurecidos e excitando as terminações finais já sensíveis.

Ela precisava disto. Ela precisava dele.

Os lábios dele se moveram mais para baixo, as palmas calosas separando as coxas enquanto a língua batia pela racha estreita da boceta dela. Eletricidade chiava pelo corpo dela. O prazer corria pelas terminações nervosas até que ela arqueou contra a boca dele, lutando por mais sensações, mais toques.

—Quero a sua língua — ela gemeu. —Dentro de mim, John. Quero a sua língua dentro de mim. — Ela queria tudo. Queria cada toque. —John!— Ela clamou o nome dele, os punhos cerrando nos lençóis sob o corpo enquanto a língua dele ia dentro dela.

Uma vez enterrado no canal sensível da boceta, ele lambeu, lentamente. A língua chamejava contra ela com uma pressão tão sensível que era quase doloroso enquanto ela arqueava os quadris, tentando levar a língua dele ainda mais fundo.

As lambidas contra as paredes tenras fizeram os quadris dela se contorcerem contra ele. Cada punhalada devastadora queimava mais dentro dela, levando-a mais alto.

John empurrou as pernas dela para trás, abrindo-as mais, erguendo a boceta dela mais para o alto para permitir que a sua língua a fodesse mais fundo, mais duro.

Sierra podia sentir o orgasmo subindo, preparando em seu útero, apertando seu corpo. Ela estava morrendo. Ela precisava de mais - mais fundo, mais apertado. A boceta apertava ao redor da língua dele em reflexo enquanto os golpes ficavam mais duros.

—Não pare!— Ela clamou em protesto quando a cabeça dele ergueu de repente.



Ele ajoelhou entre as coxas dela, jogou as pernas dela sobre seus ombros, agarrou o pau e o apertou contra a abertura cerrando da boceta dela.

John olhou fixamente o escurecer dos olhos cinza de Sierra, o prazer inocente, o rubor e a resposta desinibida, e por um segundo, pelo mais breve momento, ele se lembrou daquela noite. Ajoelhado entre as coxas dela, e então a imagem sumiu.

Foi levada pelo calor dos fluidos dela tocando a cabeça de seu pau, a boceta o ordenhando, tentando levá-lo para o lado de dentro.

John apertou mais, os dentes cerrando enquanto o olhar dela abaixava para onde ele a estava tomando, lentamente. Ele queria tomá-la lentamente, queria sentir cada nuance de prazer correndo pelo corpo dela.

John sentiu o punho quente o envolvendo, sentiu os músculos acariciando cada partícula de sua carne enquanto ele apertava dentro dela.

Os quadris dela curvaram para ele, tomando cada centímetro com desespero faminto enquanto os gritos dela ecoavam ao redor dele. Ele se lembrou então.

John agitou a cabeça, suor banhando o corpo agora enquanto memória e realidade começavam a convergir.

Os quadris dele empurraram, levando o pau mais fundo enquanto o prazer bloqueava em torno da seta endurecida. Era como se um milhão de pontos de sensações elétricas estivesse atacando a porção de seu pau enterrado dentro dela.

A mão dele cerrou nos quadris dela enquanto ele lutava para fazer mais lento, mais fácil.

—Nunca precisei de nada como preciso de você — ela gemeu sob ele. —John, nunca conheci nada como isto.

Um grunhido rasgou dos lábios dele.

—Docinho. Eu não sabia que prazer como esse existia. A bocetinha mais doce e apertada de todas.

Ele bateu mais fundo, quase se enterrando até o cabo enquanto lutava para respirar, lutava para se impedir de se derramar dentro dela.

Ele tinha preservativos agora. Ele se certificou que Dawg trouxesse uma caixa. Mas ele já a havia tomado sem nada, então sabia como era o prazer de tomá-la sem nada, sem camisinha. E por Deus, assim sem nada era muito melhor.

Puxando, ele empurrou fundo e duro dentro dela uma vez mais, enterrando bem fundo, duro e gemendo com a pontada do prazer.

—Sierra, porra — ele gemeu. Ele não podia fazer isto. Esticando através da cama, ele pegou na mesinha de cabeceira uma camisinha e tentou sair dela.

Levou tudo o que ele podia fazer para sair, soltá-la.

—John. — A mão dela tocou na dele. —Não é o mesmo.

Inocência. O amor e a inocência puros enchiam o rosto dela enquanto ela olhava para ele, as palavras ofegantes atingindo a alma dele com a força de um punho.

—Eu não a deixarei ir, Sierra — ele grunhiu possessivamente. —Você está entendendo? Se



você engravidar, nunca a deixarei ir.

—Você quer me deixar ir, John?

—Inferno, não.

Um golpe duro e ele estava enterrado dentro dela uma vez mais. Fundo. Ele podia sentir o útero dela apertado contra a cabeça do pau. A carne delicada e apertada ordenhando seu pênis, acariciando, chupando.

John sabia que não podia se conter. Ele estava morrendo para empurrar nela com toda a velocidade e força que possuía. A fome furiosa era tão profunda e quente dentro dele que o subjugava.

Sierra jogou a cabeça para trás contra o travesseiro enquanto ele começava a se mover dentro dela, empurrando em sua boceta, separando os músculos tenros com golpes duros de dor-prazer e calor.

Os quadris dela ergueram, ela afundou os pés no colchão enquanto se movia a cada punhalada, sentindo-o fodê-la com o mesmo desespero que ela podia sentir rasgando-a.

Cada batida jogava-a mais alto, corria por ela, até que o orgasmo bateu por seu sistema com tal força que ela estava tentando gritar o nome dele quando ele irrompeu dentro dela.

Ao mesmo tempo, ela sentiu a liberação dele tomá-lo também. Cada jato duro de sêmen dentro dela queimava, jatos ígneos que estendiam sua liberação, lançando-a mais alto, explodindo por seu corpo com uma força que fez as estrelas explodirem diante dos olhos.

Os tremores tomavam seu corpo enquanto ele vinha sobre ela, puxando-a mais apertado contra ele enquanto os quadris continuavam a girar, apunhalar, afundando o pau dentro dela, o sêmen surgindo dentro dela até que finalmente ambos caírem exaustos contra a cama.

Ele a abraçou.

Sierra estava ciente do fato de que John não a deixaria ir. O corpo cobria o dela, abrigava. O pau dele ainda estava enterrado dentro dela, a sensação dele ainda tentando pegar a respiração combinava com a dela. Havia algo... Sierra deixou os dedos enrolarem na nuca dele, acariciarem seu cabelo. Havia algo diferente desta vez, como se as emoções presas pelos dois houvessem sido libertadas de sua contenção.

—Eu lutei — ele sussurrou na orelha dele. —Lutei, porque olhei para você, Sierra, e vi todos os modos que nunca poderia fazê-la feliz então. Todos os modos que eu acabei nos destruindo porque você era tão doce, suas emoções tão ternas. E eu me sentia tão duro por dentro.

Os olhos dela fecharam e esperança e necessidade começaram a se construir dentro dela.

—Eu dei desculpas. — Ele beijou a concha da orelha dela. —Tentei dizer a mim mesmo que éramos amigos. Que você era como uma irmã, mas o tempo todo, eu sempre soube que não era.

A respiração dela prendeu com a admissão.

—Eu odiava quem era, e toda vez que a via, ouvia o seu riso, via o seu sorriso, via brilhar aquele amor doce e puro dentro de você, e você me deixava com vergonha de mim mesmo.

A cabeça dele ergueu então.

Sierra prometeu a si mesma que não iria chorar. Ela não choraria.



—Eu deixei Boston para te dar tempo — ele admitiu finalmente, os olhos azuis-violeta quase ardendo em seu rosto queimado de sol. —Eu voltaria. Tinha medo do que havia acontecido naquela noite, talvez por eu ter te machucado, por ter dito algo cruel por causa da minha própria estupidez. Mas eu nunca teria te deixado ir completamente. Você me entende? Eu voltaria logo. E alcançaria você.

—Eu não teria fugido novamente — ela admitiu, lutando contra as lágrimas. —Senti a sua falta, John. Senti tanto que parecia que uma parte da minha alma estava murchando sem você.

—E não havia nenhuma paz dentro de mim — ele confessou. —Porque você não estava aqui, docinho. Você não estava nos meus braços.

—Porra, que coisa melosa, acho que vou até vomitar.

John congelou com o som da voz feminina atrás deles. Ele sentiu Sierra ficar quieta, sentiu o medo que de repente transformou as curvas relaxadas de seu corpo.

Movendo-se depressa, ele girou e manteve Sierra atrás dele enquanto enfrentava Marlena e a arma que ela segurava na mão, apontada diretamente para sua cabeça.

Marlena sorriu.

—Que descuidado John. Só porque você fechou as portas e colocou um alarme não significa que ele não possa ser desativado. Quando você tiver os amigos certos, poderá adquirir os brinquedinhos mais surpreendentes para acessar qualquer coisa que queira.

Isso significava que aqueles ‘amigos’ haviam dado a ela o que era necessário para burlar as fechaduras e segurança de última geração dele.

Isso dava a ele uma chance, porque também significava que os Mackays haviam recebido um alarme mudo advertindo-os da invasão. Ele apenas precisava resistir até que eles chegassem.

—Você percebeu, não é, John?— Marlena zombou, as feições um dia bonitas agora marcadas com tal ciúme e cobiça que, por um momento, John se perguntou como havia acreditado que a mulher era atraente. —Isto mesmo. Você está só. Você e a Senhorita Boazinha atrás de você. Puta.

—Marlena, você está cometendo um grande engano — ele a advertiu.

—Não, querido, você que cometeu um engano na noite em que fodeu a sua prostituta aí em Boston. — Ela sorriu com intento glacial. —Simplesmente não posso ganhar que essazinha ganhe. Eu não a deixarei se safar apesar dos planos que destruiu. O que significa que agora, vocês dois, simplesmente devem morrer.

Capítulo 11

Sierra olhava para Marlena Genoa impecavelmente vestida e se perguntou exatamente como não tinha percebido tal insanidade. Seria detectado na genética talvez? Os cientistas deviam criar um teste para assegurar de que tais crianças fossem cuidadosamente vigiadas e criadas de



forma a controlar seus impulsos imprudentes.

Mas, a loucura nascia da cobiça, desejo por poder, e excesso de confiança que não são prováveis de existir verdadeiramente como parte do genoma humano. Muito ruim, porque o mundo teria sido beneficiado se houvessem descoberto a loucura em Marlena.

Sierra olhou por sobre o ombro de John com o menor sentimento mórbido de curiosidade, se perguntando o que Marlena iria realmente fazer com aquela arma de fogo na mão.

—Você perdeu a cabeça, Marlena?— O tom de John parecia completamente controlado para a situação. Ainda assim Sierra conhecia este tom de voz. Tinha uma pontada dura, glacial que escondia fúria pura. Ele estava no controle. Ele estava planejando. E Deus ajudasse a pessoa contra a qual ele estava planejando.

Infelizmente aquela pessoa parecia ter vantagem sobre ele no momento. A arma que ela estava segurando era um trunfo para qualquer quantia de fúria desarmada que John pudesse possuir.

Felizmente para ambos, Sierra estava bastante confiante do fato de que John era mais sã, e então, tinha uma chance muito melhor de ganhar. Ela apenas esperava que ele pudesse salvá-los.

—Sério, John, você acreditou mesmo que eu desistiria tão facilmente?— Marlena escorou uma mão esbelta e graciosa em um quadril vestido de seda, as unhas batiam contra o tecido de sua calça branca enquanto o olhar se estreitava para ele. —Sabe, eu realmente pensei que você acordaria, voltaria para casa e perceberia o engano incrivelmente estúpido que fez. As vantagens de se casar comigo eram sem dúvida melhor do que virar um caipira escondido no Kentucky com essa prostituta. E uma virgem ainda por cima?— Ela riu quando Sierra vacilou. —Eu voltei à cobertura, cadela, e achei o lenço manchado de sangue. — Ela deu uma olhada rápida para John novamente. —Você nem sequer sabia o que havia feito?

—Eu sempre soube. — A resposta de Sierra o chocou. Ele estava dizendo isso apenas para se livrar de Marlena, ou ele verdadeiramente havia se lembrado?

Marlena agitou a cabeça.

—Que erro.

Os ombros de John estavam tensos sob as mãos de Sierra. O que quer que ele estivesse planejando, ele se moveria depressa, ela pensou. Ela cravou as unhas na carne dele. Se ele se movesse, Marlena atiraria. Sierra podia ver nos olhos dela.

—E que erro seria esse?— A preguiça enganosa no tom dele realmente a estava assustando.

—Deixar-me, é claro, especialmente por causa dessa putinha que você está fodendo de forma ininterrupta nos últimos dias. Você dois são parentes de coelhos por acaso?— Havia confusão genuína na voz dela. —Sério, John, é repugnante a frequência com que vocês dois fodem. É muito sórdido, se querem saber.

O desgosto na voz e na expressão provava que ela realmente acreditava em sua opinião. A mulher não tinha um pedacinho de sensualidade no corpo. Fazer amor com John era como voar.

—Eu não me lembro de ter perguntado a ela — Sierra assinalou, incapaz de manter a boca fechada no momento. —E desde quando ela acha sexo repugnante?



Uau. Esta mulher tinha estado na cama com John e mesmo assim não havia apreciado sexo? Ela e John teriam que discutir isto mais tarde.

Marlena estreitou o olhar para ela enquanto os lábios curvavam em um zombar.

—Ainda é uma virgenzinha estúpida. O sexo apenas pelo sexo é um desperdício de tempo e energia — ela retrucou. —E ambos têm desperdiçado isso, sem dúvida. — A arma foi erguida. — Mas já que vocês têm tão pouco tempo sobrando, o que realmente importa?

Sierra não pensava que os ombros de John pudessem ficar ainda mais tensos, mas foi o que aconteceu. Eles pareciam aço cerrando sob os dedos dela.

—O que você pensa que essa arma vai realizar, Marlena?— John perguntou então. —Nos matar? Não te dará nada além de uma porra de prisão. Se você viver o suficiente para isto, claro.

Mortal, inflexível, era uma advertência que Sierra teria definitivamente se encolhido se estivesse no lugar da outra mulher.

A resposta de Marlena foi outra risada.

—Eu nunca teria sido forçada a tomar essa decisão se você tivesse apenas retornado para Boston e retomado o noivado como deveria. Você podia ter fodido a sua coelhinha o quanto quisesse e eu teria aceitado. Tudo o que eu precisava era da sua aliança e influência, querido.

—Contanto que você e a sua família de crime tenham os seus dedos sedentos na minha conta bancária, é o que você quer dizer?— John rosnou.

Surpresa reluziu nos olhos de Marlena.

—Você acha que o seu dinheiro era o que eu queria?— Uma risada leve deixou os lábios. — Bem, não era isto. Era o seu prestígio, sua firma de advocacia, sua reputação e habilidade de salvar os piores criminosos de seus crimes. Minha família precisava das suas habilidades legais, não do seu dinheiro.

John olhou para a ex-noiva em choque. Ele não podia acreditar nas palavras que tinham saído de sua boca.

—Que diabo faz você ou a sua família pensarem que eu os teria defendido? Que diabo a faz pensar que vai consertar o problema nos ameaçando?

—Eu não vou simplesmente ameaçá-lo, vou matá-lo John — Marlena prometeu. — Fiz muitas promessas para a minha família, e há pouquíssimos modos de compensar o fato de que eu não ter conseguido pegá-lo. Matar você é um deles.

John olhou-a fixamente, calado, por longos momentos.

—Você está me dizendo que eles exigiram que você me matasse?

Ela revirou os olhos.

—Estou te dizendo que eu quebrei uma promessa e que agora tenho que provar a minha lealdade a eles de outro modo. Esse é o único modo que tenho de fazer isso. Há pouquíssimas entradas neste mundo, John. E se conseguir o que eu quero significa que tenho que banhar um pouco as minhas mãos com sangue, então que assim seja.

—E isso é tudo o que a vida significa para você?— Ele perguntou a ela, de repente percebendo que a aparente falta de emoção dela ia claro até a alma.



A realização não o surpreendeu, mas ele imaginou que deveria. Afinal, ele havia sido noivo dela, e não sabia a mulher de verdade que ela era.

Marlena agitou a cabeça com a pergunta dele.

—Eu não disse que gostaria de mata-lo, John. — Ela deu uma olhada rápida para Sierra. — Mas creio que vou gostar de verdade de matar a sua coelhinha de sexo. Mas acho que quero machucá-la primeiro. Machucá-la de modos que ela não pode nem imaginar por ter ousado tentar tomar o que era meu.

Uma ova que ela iria.

Como se Marlena não estivesse segurando uma arma, John se esticou, pegou suas calças que estavam no chão, se certificou de que ele estivesse entre a arma de Marlena e Sierra, colocou-a e fechou o zíper.

—Você acha que pode continuar a protegendo, John?— Marlena perguntou curiosamente. —Assim que eu abrir um rombo no seu coração, irei com tudo na sua putinha.

Marlena espiou pelo lado do ombro de John e sorriu para Sierra.

Sierra não se moveu. Estava sentada com o lençol ao redor dos seios, simplesmente assistindo Marlena. Havia um brilho estranho no olhar dela, um escurecimento nos olhos cinza cor de mármore que advertiu John de que ela estava bolando algo.

Ele apenas rezou para que não fosse algo que a fizesse ser morta.

Girando o olhar de volta para Marlena, ele olhou para a arma de fogo uma vez mais. Ela estava muito longe para ele saltar. Ele não teria nenhuma chance de chegar antes de ela atirar.

—John, eu o conheço tão bem — Marlena murmurou. —Bem o suficiente para tirarmos a sua pequena casa flutuante das docas e irmos para o lago um pouco. Odiaria que alguém me visse partindo assim que eu completar esta pequena tarefa.

Ele agitou a cabeça.

—Não vou cooperar com isso, Marlena. Você não vai matar ninguém.

O sorriso dela era condescendente.

—Não me teste, John. Eu conheço o seu complexo de culpa. Seria boazinha e o matarei primeiro, mas se você continuar me provocando, então matarei a sua prostitutazinha primeiro e o farei assistir.

A mandíbula de John cerrou. Ele estava ficando cheio de ouvi-la chamar Sierra de prostituta. Marlena riu.

—Posso ver o quão irritado você está ficando, amor.

John agitou a cabeça novamente.

—Não irritado, Marlena, confuso talvez. O que a faz pensar que eu vou permitir que você faça isso?

Ele estava talvez meio metro mais perto. Mas ainda assim longe.

De sua visão periférica ele teve um vislumbre de Sierra se movendo. Ela puxou o robe da cabeceira, deslizou para a ponta do colchão, e começou a colocá-lo lentamente, atraindo o olhar de Marlena.



Marlena riu. Um som leve, divertido.

—Você acha mesmo que eu estou sozinha aqui, John?— Porra. Ele esperava que ela estivesse só. Ele rezou para que ela estivesse.

Enquanto Sierra amarrava o cinto do robe ao redor da cintura, outra figura subiu os degraus. John não ficou surpreso. Nada poderia surpreendê-lo neste momento.

Gerard. Ele queria descrever do fato de que seu antigo amigo estava realmente lá, mas não podia fazer isto.

—Você está demorando muito — Gerard disse a Marlena. —Soltei o barco e estamos prontos para sair. Traga-os para o andar de baixo.

John olhou para o outro homem, medindo o intento glacial e impiedoso em seu rosto, e John soube que existia a possibilidade de que ele e Sierra estivessem realmente ferrados agora.

—Por que, Gerard?— Aquela parte fazia pouquíssimo sentido.

Gerard deu uma olhada rápida para ele friamente.

—Quem você pensa que o escolheu para Marlena seguir? Quem você pensa estava por trás dela nessa organização, John? A reputação dela não foi a única danificada aqui. O único jeito de consertar isto é me livrando de você. — Ele deu uma olhada rápida para Sierra. —E a sua cadelazinha encrenqueira.

Enquanto Marlena parecia quase brincalhona, Gerard estava mortalmente sério.

—Veja, nada disso faz sentido — John assinalou. —Você deveria ser esperto o suficiente para saber que ainda que eu me casasse com ela, nunca a teria deixado me usar.

—Você teria assim que ela tivesse um filho — Gerard disse. —Como você disse, eu o conheço, John. Sei as suas fraquezas.

Sim, ele sabia. John teria protegido seu filho, mas nunca teria se permitido ser manipulado. Ele teria achado um jeito de solucionar qualquer ameaça. Mas diabo ele deveria fazer aqui?

—Vamos. — Gerard foi para trás e gesticulou para os degraus. —A segurança nos controles exige uma senha eletrônica que ainda não descobri e estou ficando impaciente. Você vai digitar o código ou Sierra vai morrer bem na frente dos seus olhos. — Ele sorriu. —E eu sei sobre os códigos falsos nestes barcos, John. Coloque os números errados e lamentará.

Mas Gerard não sabia sobre Natches Mackay e suas paranoias. Paranoias que o haviam feito tentar descobrir como mexer na segurança que o outro havia instalado.

Esperando por Sierra, John a manteve perto de seu lado enquanto eles se moviam para os degraus, a mão apertando a cintura, advertindo-a para ter cautela.

Movendo-se para a sala de estar, John caminhou para o console com seu timão antiquado, controles e monitores.

Ele colocou Sierra diante dele e começou a rezar.

Girando a chave, o monitor relampejou a demanda pela senha e John esmurrou o código que imediatamente alertaria a família Mackay da necessidade medonha de ajuda agora. Mas se eles não tivessem chegado ainda, havia a chance de que eles estivessem longe demais mesmo para chegar. Também diminuiria a velocidade do motor, que ativou lentamente.



—Qual o problema?— A voz de Gerard vibrava com raiva agora. —Não brinque comigo, John.

—Não é um jogo, Gerard — John retrucou. —Você devia ter feito a sua lição. Eu não tirei este barco da marina por mais de duas vezes neste verão por alguma razão.

Essa razão era ter ajudado os Mackays em vários projetos, mas ninguém precisava saber disto. E se ele conhecia Gerard, o homem não havia feito a sua lição. Essa era a característica dele.

Girando o motor de novo, ele tentou fingir o máximo possível, empurrando botões, olhando para os monitores em confusão. Não iria durar muito mais. Onde diabo estava a cavalaria quando ele precisava dela?

A mão de Sierra cobriu a dele enquanto ele a deitava confortavelmente contra o quadril e a movia mais para baixo com um cutucar sutil. E então mais para baixo.

John mal conteve a resposta ao sentir a arma no bolso dela. Ele não havia se esquecido dela, a que ele normalmente deixava na parte inferior da estante ao lado da cama.

Ele não havia conseguido pegá-la ele mesmo porque Marlena o estava observando muito atentamente. Mas John havia protegido Sierra enquanto ela se movia da cama e, evidentemente, ela havia conseguido pegá-la da estante.

Sua diligente e pequena Sierra.

Ele perdeu tempo com a chave, bateu no monitor, enfiou a mão no bolso do robe de Sierra e agarrou a arma.

Ele teria apenas um segundo.

Ele tinha que achar um jeito de tirar Gerard da jogada e esperar que desarmar Marlena não levasse mais do que um segundo ou dois.

O primeiro momento de surpresa seria a única chance que eles teriam.

—Vou precisar verificar a parte eletrônica — ele suspirou, olhando para Gerard.

—E isso seria onde?— Gerard perguntou friamente.

—Sob os controles. — John movimentou a cabeça para a pequena porta na parte inferior do console.

—Recue. — Gerard acenou a arma para ele.

John e Sierra fizeram como ele disse enquanto Marlena se movia para mais perto, a arma apontando em direção a eles, o olhar endurecendo.

—Por favor, não tente nada, John — ela o advertiu tranquilamente. Gerard se ajoelhou, trabalhou no painel solto, e John se moveu.

Quando ele fez isso, violência explodiu de repente pelo barco.

A janela longa e larga ao lado do console quebrou enquanto uma forma dura se lançou propriamente na sala. A porta da frente estourou e John saltou para Gerard.

Ele quase se moveu muito tarde. Gerard estava erguendo a arma quando John empurrou e bateu a cabeça dele no console enquanto a arma disparava.

John sentiu a bala rasgar junto ao seu bíceps, a chama ígnea de dor o chocando por um momento, dando a Gerard a abertura que ele precisava para voltar. Outra arma disparou.



Gerard olhou para John em choque, surpreso, enquanto um brilho vermelho começava a manchar através da camisa perfeitamente apertada de seda branca que ele usava.

Ao longe, ele ouviu Marlena gritar em negação enquanto Dawg Mackay a continha depressa. Ela estava lutando com unhas e dentes, gritando quando Sierra foi até ela e a deu um tapa duro com a mão cheia com força suficiente para calá-la de uma vez.

Gerard caiu para o chão do barco, o olhar cego. Marlena estava calada, graças a Deus, e Sierra estava se voltando para John.

—Acabou agora — ela disse suavemente, os olhos cinza tão cheios com dor que o coração dele partiu por causa dela.

Capítulo 12

Sierra sentiu John a erguer nos braços e movê-la para o sofá onde se sentou com ela, segurando-a bem apertado, respirando tão fundo e duro que Dawg Mackay empurrou uma Marlena contida em uma cadeira no outro lado da sala.

—Que porra romântica — ela grunhiu. —Você é tão fraca, Sierra. Tão estúpida. Você verdadeiramente acredita que foder com ele vai prendê-lo a você?

Ela não achava. Ela sempre soube que não. Não era foder com ele que o seguraria.

—Amá-lo será o suficiente.

Marlena riu.

—Feche a porra da boca, Marlena. — A voz de John possuía uma ponta de cansaço. —Seus joguinhos estão terminados, e já me cansei da sua falação.

—Seu caipira estúpido — ela clamou. —Você poderia ter tido tudo comigo.

—Ele não poderia ter nada. — Sierra se moveu no aperto de John, ficou de pé e encarou a mulher com fúria nascente. —Você destruiu Gerard, e acredita realmente que poderia ter feito qualquer coisa exceto destruir o John?

—Sua cadela moralista — Marlena disse enquanto os Mackays e Timothy Cranston a olhavam com desprezo e piedade. —Você é tão ignorante quanto ele. Ele fodeu você até desmaiar, e nem se lembrava. — Ela riu quando Sierra vacilou. —Você é uma prostitutazinha estúpida.

—Eu me lembrei.

Sierra girou, olhando para ele com surpresa quando os braços dele foram ao redor dela.

Havia muitas testemunhas, ela pensou. Ele estava mentindo para salvá-la, nada mais.

—Eu me lembrei — ele jurou, encarando-a enquanto ela lutava para acreditar nele. —Eu estava bêbado como um gambá, docinho, levou tempo, mas nada tão importante, nada tão especial para mim poderia ter ficado esquecido por tanto tempo.

Os dedos dele tocaram a lágrima solitária que caiu do olho dela enquanto aquela lá atrás era



esquecida. Nada mais existia além de John. Nada mais existia além do fato de que ele a estava segurando, que ele estava lá, que ele a amava. E que ele se lembrava.

—Você lamentará — Marlena riu de repente atrás dela. —O amor acaba, confie em mim, eu sei. — A amargura na voz dela era autoexplicativa.

Além de sua Sierra, ele olhava para Marlena com piedade verdadeira. Nada poderia ter doído mais na vida de Sierra do que perder John para sempre, mas ela nunca se destruiria para voltar para ele.

—O amor verdadeiro não acaba — ela disse a Marlena. —Não retalia e mantém o coração morno, até quando se quer esquecer, quando se quer parar de doer. Você nunca amou ninguém além de si mesma.

O som de sirenas, a corrida de oficiais perto do barco chamou sua atenção. Estava terminado. O perigo havia acabado. Se John a pedisse para partir, se ele decidisse que a paixão de verão havia terminado, então ela o enfrentaria sem remorso.

Partiria seu coração. Destruiria. Mas o amor que ela sentia por ele nunca permitiu que ela o prejudicasse ou retaliasse.

Marlena parou quando os oficiais passaram pela porta quebrada. O olhar dela relampejou com medo antes de ela girar para John com um sorriso torto.

—Eu nunca verei a prisão — ela sussurrou.

—Temo que verá — ele a prometeu.

Ela agitou a cabeça.

—Eles não me deixarão viver tempo suficiente.

John assistiu, quase sorrindo quando Timothy Cranston avançou. Interesse calculista enchia sua expressão.

—Podemos discutir isto, Srta. Genoa — ele declarou com tal inocência falsa que os homens no local não puderam evitar e riram. —Podemos discutir isto a fundo.

Um mês mais tarde

Sierra assistiu, um pequeno sorriso no rosto enquanto o clã Walker, inclusive a irmã de John, Rogue, e seu marido, o Xerife Zeke Mayes, estavam reunidos no quintal enorme da casa do rancho de Dawg Mackay. Os Walkers não eram os únicos lá. O clã Mackay inteiro, inclusive Faisal, o filho adotado de Natches, as quatro crianças precoces, a amiga de Timothy Cranston, assim como uma jovem que ele chamava de filha adotiva, entrosados em torno das mesas de comida e a piscina, e ajeitados na mobília do pátio confortável.

Era um verdadeiro churrasco. Não era uma festinha qualquer. Sierra estava na casa pelos últimos dois dias. Sierra, Rogue, Kelly, Christa, Janey e Chaya ajudavam os homens a preparar o que eles chamaram de um reencontro de família.

Ela nunca tinha participado de reencontros de família, e ela tinha que admitir, estava apreciando bastante isso aqui. John Calvin Walker pai, “Calvin” para todo mundo aqui, exceto sua esposa, assistia as crianças, os dois netos, assim como as crianças dos Mackays, com um pequeno



sorriso no rosto enquanto bebericava a bebida caseira que Dawg o forneceu.

Sierra nunca o havia visto de calça jeans até hoje. Até Brianna Walker usava calça jeans, um sorriso no rosto e um rabo-de-cavalo. Ela parecia ter vindo das mesmas montanhas que seu marido havia nascido.

—Estava na hora de você capturar o coração do John. — Rogue foi até ela, jogando seu cabelo longo cor de ouro vermelho para trás, o olhar afetuoso e cheio com calor enquanto dava um abraço rápido a Sierra. —Juro que pensei que o meu irmão estava perdido quando deu a aliança a Marlena.

—John era muito esperto para ela. — Um sorriso satisfeito enrolou os lábios de Sierra.

Ela havia aprendido a viver o momento. Ela não havia pedido promessas, nunca havia insinuado qualquer coisa a John. Era o suficiente ter cada dia à medida que vinha. Armazenar cada memória, cada toque, cada beijo, por via das dúvidas caso ele a pedisse para partir.

—Ele realmente era — Rogue concordou. —Você o ama terrivelmente, não é, Sierra?

Ela e Rogue sempre tinham sido amigas. Ninguém poderia sentir mais a falta dela do que Sierra havia sentido quando Rogue deixara Boston há tanto tempo atrás.

—Com todo o meu coração — Sierra concordou.

—Ele te ama— Rogue disse a ela então.

Sierra anuiu com a cabeça. Ele dizia frequentemente que a amava. Ele a abraçava, mesmo quando ela tinha pesadelos, a incluía em cada faceta de sua vida, e dava a ela uma sensação de satisfação que ela nunca conhecera antes.

Mas ele não pedia nada. Nenhum compromisso, nada. E estava chegando a hora em que ela teria que tomar uma decisão. Ela tinha uma carreira para retornar, um trabalho; ela não podia viver com John, e não viveria sem ele. Mas ela não podia fazer o movimento final sem um convite, sem algum tipo de comprometimento dele.

—É tão bom ver vocês juntos. — Rogue a abraçou novamente. —Estou esperando ansiosamente para ter você aqui. Você pode ajudar a decorar a casa nova.

Sierra manteve a resposta vaga e uma vez mais empurrou para longe o pensamento instável de que talvez John não quisesse que ela ficasse. Talvez ele não a houvesse pedido em noivado porque ele não queria um.

—Ah, vejo que meu querido está me chamando. — Rogue se moveu, levando o olhar de Sierra para Zeke Mayes enquanto ele fazia um gesto para a esposa.

John estava se movendo através do gramado enquanto a música que vociferava dos locutores ao lado da casa parou e todo mundo girou para ela.

—Ei, picolé — John sussurrou na orelha dela enquanto beijava sua bochecha. —Pronta para se divertir?

—Com você?— Ela riu. —Você é sempre divertido, bobo.

—Vou ficar ainda mais divertido.

Ele se ajoelhou diante dela enquanto pegava sua mão esquerda.

Sierra parou, chocada, o coração de repente martelando contra o peito, pulsando na



garganta enquanto ela olhava fixamente para ele abaixo.

—Você me enriquece, Sierra Lucas — ele anunciou de repente. —Você quebra as regras, faz o meu coração completo, e me traz uma paz que eu mal sonhei em ter.

Oh, Deus.

Ela não podia chorar.

Ela olhava para ele, mal ousando respirar enquanto ele segurava a mão dela e erguia a mão livre.

—Sierra Lucas, eu pedi a aprovação do seu padrinho pela sua mão em casamento. E agora estou te propondo, a outra metade de mim, a mulher que me completa. — Um anel deslizou no dedo dela. —Quer casar comigo?

Ela olhava para o anel em temor. Um único diamante cercado de safiras de um azul-violeta profundo. Era o anel de família que John Walker havia comprado quando fez seu primeiro milhão. Um legado para sua esposa deixar para a esposa de seu filho.

O antigo anel tinha sido feito por volta de mil e seiscentos, o ouro polido era rico com idade e sentimentos inestimáveis, e agora estava no dedo dela.

—Não me deixe no vácuo, Sierra — John sussurrou enquanto olhava fixamente para ela. — Não me deixe nunca mais existir sem você novamente.

Ela podia sentir os olhos os assistindo, e não se importava.

Ela podia sentir a diversão dos homens, o interesse das mulheres, e nada disso importava.

—Eu amo você — ele declarou. —Com o meu coração, e a minha alma. Para sempre. Os lábios tremeram enquanto uma lágrima caía do olho.

—Sim.

Ele não a deu tempo para dizer mais nada.

Ele estava de pé, com ela nos braços, e a estava girando enquanto a luz do sol refletia o azul do diamante e atingia o fogo das safiras enquanto ela enrolava os braços ao redor do pescoço dele e enterrava a cabeça contra seus ombros.

E as lágrimas caíram livres então.

Lágrimas de felicidade. De alegria, de amor, de todas as esperanças e todos os sonhos que ela já abrigara dentro de si.

Tudo existia aqui, nos braços deste homem, no amor ígneo que ele havia dado a ela e a sensação de pertencer. Ela não estava mais sozinha.

—Eu amo você. — Os braços dela apertaram ao redor do pescoço dele. —Tanto, John. Eu te amo tanto.

Ele a colocou suavemente de pé, envolvendo o rosto dela com as mãos, e deixou os lábios tocarem os dela.

—Até o dia após o fim dos tempos, Sierra. Eu te amarei até o dia após o fim dos tempos.

E isso era tudo o que importava.

Os lábios dela separaram sob os dele enquanto a língua corria contra eles e ele dava a ela outro daqueles beijos provocantes que ela amava tanto. Fundos, poderosos, cheios com carinho,



excitação, calor e uma promessa.

A promessa de amá-la até o dia após o fim dos tempos.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>